



Estado do Paraná

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS - PPGCA**

**A POÉTICA DA NATUREZA DE PATATIVA DO ASSARÉ:
UMA ABORDAGEM ECOCRÍTICA**

ROSANI SALETI DA ROSA

**Toledo – Paraná – Brasil
2022**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS - PPGCA**

**A POÉTICA DA NATUREZA DE PATATIVA DO ASSARÉ: UMA
ABORDAGEM ECOCRÍTICA**

ROSANI SALETI DA ROSA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste/*Campus* Toledo, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Ciências Ambientais.

Orientador Profa. Dr^a. Thaís Souto Bignotto

Coorientadora: Profa. Dr^a. Ângela Maria Zanom

Coorientador: Prof. Dr. Samuel Ronobo Soares

**Abril/2022
Toledo – PR**

FICHA CATALOGRÁFICA

ROSA, Rosani Saleti da

A POÉTICA DA NATUREZA DE PATATIVA DO ASSARÉ: UMA ABORDAGEM
ECOCRÍTICA / Rosani Saleti da ROSA; orientadora Thais Souto
Bignotto; coorientador Samuel Ronobo Soares. -- Toledo, 2022.
110 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Toledo) --
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de
Engenharias e Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em
Ciências Ambientais, 2022.

1. Relação ser humano-natureza. 2. Poesia popular. 3.
Ecocrítica. 4. Sertão nordestino. I. Bignotto, Thais Souto ,
orient. II. Soares, Samuel Ronobo, coorient. III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

ROSANI SALETI DA ROSA

A POÉTICA DA NATUREZA DE PATATIVA DO ASSARÉ: UMA ABORDAGEM
ECOCRÍTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais – Mestrado, do Centro de Engenharias e Ciências Exatas, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais, pela Comissão Examinadora composta pelos membros:

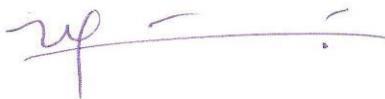
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a Thaís Souto Bignotto
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *Campus* de Toledo
(Presidente)



Prof^a. Dr^a Francy Rodrigues da Guia Nyamien
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *Campus* de Toledo



Prof^a Dr^a Máriam Trierveiler Pereira
Instituto Federal do Paraná – *Campus* de Curitiba

Aprovado em: Sete de abril de dois mil e vinte e dois

Local de defesa: Vídeoconferência por meio da plataforma *Microsoft Teams*

**Dedico este trabalho a minha família,
que sempre me apoia e está ao meu
lado em todos os momentos da vida.
Também a Deus e à Nossa Senhora
Aparecida por ter me abençoado com
saúde, resiliência e sabedoria.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria por iluminar esta etapa tão especial da minha vida.

À minha família, meu pai Valdemar e mãe Iracema, meus filhos Cassyus e Cândida, por sempre acreditarem em mim e pelo apoio em todas as etapas da minha formação acadêmica. Esta conquista só está se concretizando graças a todo esse amor, fé e carinho.

À minha orientadora Prof^a Dr^a. Thaís Souto Bignotto, ao meu coorientador Prof. Dr. Samuel Ronobo Soares e a minha coorientadora Prof^a Dr^a. Ângela Maria Zanom pela oportunidade de cursar o mestrado em Ciências Ambientais da UNIOESTE.

Agradeço aos meus amigos pela colaboração e incentivo. Em especial o Gustavo, a Marilene e a Terezinha.

À banca da qualificação Prof^a. Dr^a Franczy Rodrigues da Guia Nyamien e Prof. Dr. Paulo Vanderlei Sanches pelas contribuições, ensinamentos e incentivos.

E a todos aqueles que direta e/ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

“Pais se perguntam por que os rios são amargos, quando eles mesmos envenenaram a fonte”.

John Locke

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1. OBJETIVOS	18
1.1.1. OBJETIVO GERAL.....	18
1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	19
1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	21
2 METODOLOGIA.....	23
3 ENFOQUES DA RELAÇÃO SER HUMANO-NATUREZA.....	27
3.1 CRISE AMBIENTAL: UMA CRISE TECNOCIENTÍFICA DA MODERNIDADE	27
3.2 SER HUMANO E NATUREZA: DO CONFLITO À VIVÊNCIA ESTÉTICA 30	
3.3 A CONSTRUÇÃO DE UMA ÉTICA AMBIENTAL ANTROPOCÊNTRICA DE BASE NÃO INDIVIDUALISTA	33
3.4 O SERTÃO: ESPAÇO FÍSICO-POÉTICO PATATIVIANO.....	40
3.4.1. SENTIMENTOS TOPOFÍLICOS E BIOFÍLICOS NA RELAÇÃO SER HUMANO-NATUREZA.....	42
4. APORTES TEÓRICOS DA ECOCRÍTICA NOS ESTUDOS DA LITERATURA	46
4.1. ECOCRÍTICA	46
4.2. MANIFESTAÇÕES TROPO-ECOCRÍTICAS: PERSPECTIVAS TROPOLÓGICAS	51
4.3. A NATUREZA PARA A ECOCRÍTICA	58
4.4. A NATUREZA NA LITERATURA DE CORDEL PATATIVIANA	61
5. MOSAICO ANALÍTICO DA POÉTICA PATATIVIANA	69
5.1. SERTÃO: UMA CASCATA DE RIMAS QUE BROTA DO CHÃO	70
5.2. SERTANEJO-SERTÃO: UMA RELAÇÃO DE SOFRIMENTO E FELICIDADE	76
5.3. A POÉTICA DA SECA EM PATATIVA DO ASSARÉ	81
5.4. POÉTICA DE RELAÇÃO AMOROSA: LAÇOS TOPOFÍLICOS E	

BIOFÍLICOS EM PATATIVA DO ASSARÉ	91
6. CONCLUSÃO.....	100
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Organograma de metodologia.....	23
Figura 2: Capa livro: Cante lá que eu Canto Cá (Patativa do Assaré).	25
Figura 3: Capa de livro: Inspiração Nordestina (Patativa do Assaré).	25
Figura 4: Capa de livro: Ispinho e Fulô (Patativa do Assaré)	26

RESUMO

ROSA, Rosani Saleti da. A Poética da Natureza de Patativa do Assaré: uma abordagem ecocrítica. Dissertação de Mestrado em Ciências Ambientais – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Toledo, 2022.

Frente aos problemas ambientais enfrentados em nossa contemporaneidade, socioambientalistas de todo mundo se mobilizam com o objetivo de pensar a relação ser humano-natureza. Em vista disso, surgiram estudos sistemáticos e interdisciplinares na tentativa de questionar a condição utilitarista dos bens naturais como recursos não renováveis. Desse modo, pretendeu-se ampliar as discussões sobre a Ecocrítica como articuladora desta interdisciplinaridade. O conceito da teoria literária Ecocrítica contribuiu para as análises de nossa pesquisa. Para tal feito, o objetivo desta pesquisa foi analisar a relação ser humano-natureza na poética de Patativa do Assaré numa abordagem Ecocrítica. Para isso, foram analisadas as seguintes obras: Cante lá, que eu canto cá (1978), Inspiração Nordestina (2003) e Ispinho e Fulô (2005), as quais tematizam a Literatura e a Ecologia, pautadas na corrente crítica Ecocrítica. Como resultados obtidos a partir das análises das poesias, pôde-se observar ~~de~~ que a poética patativiana se consolidou como espaço dual: espaço sertanejo onde floresce rimas no mesmo ritmo que a natureza floresce; o sertão como espaço de sofrimento e felicidade; o espaço apocalíptico da literatura da seca e, por fim, uma literatura topofílica e biofílica e, para tal, uma nova ressignificação da relação sujeito-natureza. Concluiu-se que a Ecocrítica tornou-se uma importante ferramenta de análise do texto literário, permitindo perceber uma ressignificação do ser humano-natureza. Em específico, a poética de Patativa do Assaré permite olhar o lugar, o ser e a existência numa unicidade, em um tríplice aspecto indissociável.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia, natureza, sertão, ecocrítismo

ABSTRACT

ROSE, Rosani Saleti da. The Poetics of Nature in Patativa do Assaré: an ecocritical approach. Master's Dissertation in Environmental Sciences – State University of West Paraná – UNIOESTE. Toledo, 2022.

Regarding environmental problems faced in our contemporaneity, socioenvironmentalists from all over the world mobilize with the objective of thinking about the relationship between human beings and nature. In view of this, systematic and interdisciplinary studies emerged in an attempt to question the utilitarian condition of natural goods as non-renewable resources. In this way, it was intended to broaden the discussions on Ecocriticism as an articulator of this interdisciplinarity. The concept of Ecocritical literary theory contributed to the analysis of our research. For this purpose, the objective of this research was to analyze the human-nature relationship in the poetics of Patativa do Assaré in an Ecocritical approach. For this, the following works were analyzed: *Sing there, that I sing here* (1978), *Inspiração Nordestina* (2003) and *Ispinho e Fulô* (2005), as such works focus on Literature and Ecology, based on the critical Ecocritical current. As results obtained from the analysis of the poems, it was possible to observe that the Patativian poetics was consolidated as a dual space: sertanejo space where rhymes bloom in the same rhythm that nature blooms; the sertão as a space of suffering and happiness; the apocalyptic space of the drought literature and, finally, a topophilic and biophilic literature in a new meaning of the subject-nature relationship. It was concluded that Ecocritique has become an important tool for analyzing the literary text, allowing for a reinterpretation of the human being-nature. In particular, the poetics of Patativa do Assaré allow us to look at place, being and existence in a uniqueness, in a triple inseparable aspect.

KEY WORDS: Poetry, nature, sertão, ecocriticism

1. INTRODUÇÃO

Os estudos que cercam a temática da natureza, principalmente na filosofia, remontam a Antiguidade e na literatura, ela está presente desde o nascimento da poesia, na Grécia Antiga. Para Carvalho (2005), essa presença é um fenômeno universal. Está na inspiração dos poetas, no imaginário e na representação, enfim ela serve de cenário para os poetas criarem e reinventarem outras naturezas, outros espaços. A poesia tem o potencial de construir múltiplas imagens, criar novas linguagens e novos sentidos. Consideremos que o ser humano, segundo a estética de Dufrenne (2015), é um ser que tem necessidade do belo, sendo esse desejo fruto do anseio de sentir-se no mundo, tendo em vista que “estar no mundo não é ser uma coisa entre as coisas, é sentir-se em casa entre as coisas, mesmo as mais surpreendentes e as mais terríveis porque elas são expressivas” (p. 25). Mais propriamente podemos dizer:

O homem é um ser-no-mundo. Ele tem necessidade de se sentir bem, no mundo, entre outras coisas. E pelo fato de precisar se sentir no mundo, o homem tem necessidade do belo. Ele é capaz tanto de apreciar, quanto de criar beleza. A estética de Dufrenne reconhece o belo. Reabilita e enaltece o belo¹ (DUFRENNE, 2015, p. 14).

Considerando essa capacidade do ser humano da apreciação e da criação, ele o faz “livre de dogmatismos e amarras intelectuais” (NASCIMENTO, 2012, p. 123), sua imaginação penetra num constante devir, isto é, a leitura que ele faz do mundo é uma leitura simbólica pressupondo um encontro com sua própria intimidade. Assim, pela via da sensibilidade o ser humano “passa a confundir-se com as coisas e entra em sintonia com o mundo” (Idem); a Natureza para a ser desvelada por meio das imagens produzidas suscitando a sensibilidade do ser humano que o torna capaz de decifrá-las.

A poesia pode construir e fabricar imagens multifacetadas da natureza, como por exemplo os *aicais*², um gênero oriundo do século XIV no Japão, que tinha como objetivo descrever a natureza e as estações do ano em apenas um

¹ DUFRENNE, Mikael, 2015. “O belo é perfeito, o acabado. O contrário do belo, por conseguinte, não é o feio. É o abortivo, no caso de uma obra criada com pretensões de objeto estético”. (p. 14)

² Como gênero poético, o *haikai* expressa os sentidos da natureza. Vincula as estações do ano e interage o ser humano com seu meio.

terceto, ou seja, um poema de três versos com capacidade de exemplificar aquilo que a literatura representa em nosso imagético.

Segundo Correia (2019), quando pensamos o campo da Ecologia, encontramos a natureza como morada, o *oikos*, a morada da fauna, da flora e do ser humano. Já quando pensamos nas Ciências Ambientais, logo nos remetemos à natureza com suas matas, rios e animais e a urgência de preservá-los (CORREIA, 2019, p.1). Embora atualmente, haja muitos discursos ambientalistas de “proteção” e “preservação” da natureza, o mesmo ser humano que deveria cercá-la de cuidados, é o mesmo que a destrói e a degrada. Dessa forma, para superar a crise ecológica atual e restaurar o planeta, é necessário, primeiramente, que “cada indivíduo seja “capaz de ler” seu ambiente e interpretar as relações, os conflitos e os problemas aí presentes” (CARVALHO, 2009, p. 75).

Assim, nessa complexa teia de relação entre ser humano e natureza, surgiu a preocupação de estudos e pesquisas para discutir acerca dos problemas ambientais, de forma que foram surgindo teorias e correntes críticas que corroborassem para o entendimento da relação entre seres humanos e natureza.

Dessarte, ressaltamos a importância da corrente teórica Ecocrítica para a compreensão de questões ambientais, especificamente a relação ser humano-natureza, em outras palavras a Ecocrítica é o estudo entre a literatura e o meio ambiente. A essa teoria literária interessa entender as formas de relação do ser humano com a natureza, isto é, como está representada essa relação na literatura.

Para Garrard (2006), o ecocrítico pretende “rastrear as ideias e representações ambientalistas onde quer que elas apareçam [...] nos inúmeros espaços culturais” (p. 15) como um aporte teórico literário que almeja contribuir para as discussões ambientalistas.

A saber, Correia (2019) observa que a partir da década de 1970³, movimentos socioambientalistas começaram a ter um olhar diferenciado para a natureza e como consequência a relação ser humano-natureza começa a tomar

³ A Conferência de Estocolmo marcou a década de 1970, pois a partir desse evento, começou-se a comemorar o dia 5 de Junho como o Dia Mundial do Meio Ambiente (CAMARGO, apud Correia, 2019).

outros rumos, ou seja, o grau de degradação ambiental bem como a imprudência humana, deu início a uma nova tomada de consciência: era preciso respeitar os limites da natureza; era preciso desfrutá-la de forma consciente e responsável sem consumi-la de forma desmedida e utilitarista. É por essa via que nosso trabalho pretende problematizar a relação ser humano-natureza na poética de Patativa do Assaré.

Os questionamentos sobre a relação do ser humano com o meio ambiente despertou na sociedade mundial a necessidade de estudos sistemáticos que dessem conta dos problemas ambientais contemporâneos e, nesse cenário, a literatura como imitação do real, entre outras funções, como aponta Candido (2007), tem o poder de humanizar, pois “ela tem o poder de confirmar a humanidade do homem” (p. 81), desse modo, a literatura tem potencial de auxiliar as Ciências Ambientais a debater questões correlatas ao meio ambiente, levando o sujeito a questionar a degradação ambiental provocada pela humanidade.

Ainda sobre esse viés, para Candido (2011), a Literatura é um aspecto vital de humanização porque reconhece o homem em sua “humanidade” e age no subconsciente e no inconsciente (p. 177). Nesse sentido, o crítico afere que a Literatura pode ter a mesma excelência equipotente à das linhas “conscientes”. Por isso, ressalta sua importância como ato e prática proposital de consciencialização, podendo ser manifestada em diversos grupos da sociedade, incluindo o escolar.

Assim, as manifestações ficcionais estão presentes desde as culturas populares até as de maior valoração, e estes impulsos de criação trazem em si as emoções, as normas, as crenças e os ideais de um grupo ou sociedade. Nesse aspecto é que Candido (2011) focaliza a literatura como “um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo” (CANDIDO, 2011, p. 177). Concorda com os argumentos do crítico literário Pilati (2018), quando discorre sobre o potencial da poesia de nos tornar mais humanos e mais sensíveis às questões humanitárias.

Candido (2011), enfatiza que é “difícil pôr de lado os problemas individuais e sociais que dão lastro às obras e as amarram ao mundo onde vivemos” (p. 82), isso nos esclarece que a literatura é fonte de vida individual e coletiva, pois

esta se abre para os problemas que a humanidade enfrenta em seu dia a dia.

Dessa forma, entendemos que a literatura se constitui uma ferramenta para compreensão da relação ser humano-natureza. Além dessa perspectiva, o autor problematiza sobre a função da literatura como um certo tipo de função psicológica, pois sua “produção e fruição se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e fantasia, que de certo é coextensiva ao homem” (p. 83), relacionando a literatura como uma necessidade básica do ser humano que se estende em todas as idades e classes alfabetizadas ou não. O crítico compreende a literatura como uma necessidade básica universal “cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como a anedota, a adivinha, o trocadilho, o rifão” (p. 83)

Nesse sentido, entendemos que o texto poético, amplia os horizontes literários e de conhecimento de mundo a respeito das questões voltadas ao relacionamento homem-natureza. A literatura, enquanto arte transformadora, pode agir como mediadora interdisciplinar imperiosa de convencimento e de combate contra a utilização de recursos naturais de forma utilitarista. Os ambientalistas Cidreira-Neto; Rodrigues (2017) chamam a atenção para a necessidade do trabalho interdisciplinar como um caminho para restabelecer o equilíbrio entre o homem e a natureza, pois os autores concebem a relação homem-natureza como “complexa”, por isso a necessidade do diálogo entre as ciências humana e da natureza, e que não se pode mais pensar a questão ambiental, suprimindo o social. Nessa concepção, cotejam que

Olhar para a natureza de forma interdisciplinar pode ser o primeiro passo para a construção dessa harmonia, visto que a partir dessa nova interpretação pode-se criar atributos para combater a visão capitalista utilitária, como a natureza é vista nas relações atuais (CIDREIRA-NETO; RODRIGUES, 2017, p. 150).

Estamos cômnicos de que a problemática da relação ser humano-natureza atinge todas as camadas sociais e, por isso, nos convoca para novos olhares e novas ações de base não individualista, posto que “a problemática ambiental exige mudanças de comportamentos, de discussão e construção de formas de pensar e agir na relação com a natureza” (BRASIL, 1998, p. 180).

Lopes; Rodrigues (2019) constatam que a voracidade humana de apropriação dos bens naturais cresceu de forma exponencial, nos últimos duzentos anos e, que por essa razão, as dinâmicas biogeofísicas e

biogeoquímicas da Terra também foram modificadas. Esse fato revela como a relação ser-humano foi ao longo do tempo se deteriorando.

Matos; Santos (2018) postulam que todos os problemas “estão diretamente relacionados ao processo de modernização e ao desenvolvimento tecnointustrial, cujo princípio organizador é a produção e a distribuição de bens” (p. 198). Já para Leff (2015) e Morin (2011), a crise ambiental é uma crise da modernidade e uma crise de pensamento. Por essa razão, Morin (2011) defende o desaceleramento dos avanços técnicos, a fim de controlar a degradação ambiental para evitar outras consequências que podem ser irreversíveis.

Nesse contexto apresentados por Leff (2015) e Morin (2011) acerca da crise ambiental, Carvalho (2015) e Norton (2019) propõem a construção de uma ética ambiental não individualista para que se garanta a vida no planeta. Assim, entendemos que a literatura corrobora para a construção de uma nova ética ambiental posto que a arte literária possui potencial para a (re)humanização do ser. Destarte, nossa pesquisa fará um diálogo intercruzando aspectos ambientais em que envolve referências históricas, econômicas, sociais e geográficas, visualizando a relação ser humano-natureza na obra de Patativa do Assaré com a abordagem Ecocrítica.

Essa teoria literária tem se definido como uma corrente voltada para estudos interdisciplinares entre a literatura e o meio ambiente e, por conseguinte tem interesse em discutir a relação ser humano e seu entorno natural e social porque compreende a impossibilidade de separar o meio ambiente do sujeito humano. Desse modo, analisar a relação ser humano-natureza na poética do poeta Patativa do Assaré com abordagem ecocrítica nas obras: *Cante lá que eu canto cá* (1978); *Inspiração Nordestina* (2003) e *Ispinho e Fulô* (2005) constitui-se o *corpus* de nossa pesquisa.

1.1. OBJETIVOS

1.1.1. OBJETIVO GERAL

Analisar a relação ser humano-natureza na poética de Patativa do Assaré numa abordagem ecocrítica.

1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar aspectos da relação sujeito-natureza no sertão nordestino: sertão poético-geográfico na poética de Patativa do Assaré;
- Verificar a potencialidade da poética patativiana para o entendimento de temas ambientais no exercício da interdisciplinaridade;
- Tecer um mosaico analítico da relação ser humano-natureza na poética patativiana no espaço verde e seco do sertão nordestino.

1.2 JUSTIFICATIVA

Ao privilegiar a criação literária, o gênero poético do poeta e cantador Patativa do Assaré como objeto de análise de nossa pesquisa para a compreensão da relação ser humano-natureza no espaço sertanejo nordestino, fazemos uma propositura de contribuição para o Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais tendo em vista tratar-se de um programa interdisciplinar que permite pesquisa nessa área, principalmente no que concerne à Teoria Ecocrítica. Nesse sentido, nossa pesquisa poderá servir como aporte teórico para outros pesquisadores além da Literatura, a Arte, o Cinema, como também para as Ciências Ambientais, a Geografia e a História intercruzarem discursos ecológicos.

Assim, a “literatura pode ser um forte instrumento para a conscientização humana no tocante a preservação da natureza e conseqüentemente da espécie humana” (FEITOSA; SILVA, 2020, p. 19). Nesse escopo, a literatura é também uma forte aliada das Ciências Ambientais posto que se preocupa com questões sociais como a ecologia.

A literatura popular como objeto de pesquisa para a investigação da relação ser humano-natureza, se inscreve na condição de tornar-se mais um instrumento de investigação dessa relação no texto literário e tal especificidade tem alcançado “os status de presença nos diversos espaços sociais” (COSTA; PEREIRA, 2014, p. 8). Além desse aspecto, a poesia popular tem despertado grandes interesses entre os estudiosos “dando forma a uma considerável bibliografia em que se incluem tese, artigos e relatórios resultantes de pesquisas acadêmicas” (Idem), dentre tantos temas, inclui-se a relação ser humano

natureza.

Moura (2014), ao discutir a função social da poesia, relata que essa função “é efetivada quando, como elemento de integração é capaz de influenciar o homem e contribuir para a transformação da sociedade” (p. 4). Segundo a autora, o potencial integrador da poesia é configurado pela “interligação entre imaginação e a realidade sensível do mundo” e por meio da força incorporadora da ficção e realidade, é possível ocorrer uma espécie de metamorfose social contribuindo para os modos de sentir, pensar e agir em sociedade. Nesse horizonte, a Literatura contribui com as Ciências Ambientais pela maneira com que influencia o indivíduo através de sua multiplicidade de sentidos a refletir sobre questões sociais e humanas.

As obras literárias, especificamente a de Patativa do Assaré retratam a relevância da preservação ambiental “e de uma consciência ecológica que assinala para a necessidade da harmonia entre homem e ambiente natural” (COSTA; PEREIRA, 2014 p.5). Além desse aspecto, como profere Candido (2011) a literatura compreendida como “um sistema vivo de obras que age sobre o leitor” (p. 84), torna-se um instrumento para que sejam abordados os valores ambientais na sociedade e, conforme Zilberman (2008) o leitor é responsável pela permanente atualização das obras literárias, posto que entre ambos há uma relação dialógica e

Essa relação, por sua vez, não é fixa, já que de um lado as leituras diferem a cada época, de outro, o leitor interage com a obra a partir de suas experiências anteriores, isto é, ele carrega consigo uma bagagem cultural de que não pode abrir mão e que interfere na recepção de uma criação literária particular” (ZILBERMAN, 2008, p. 92).

Para a autora nenhum leitor fica imune as suas leituras, de modo que leitor e obra dialogam constantemente. Assim entendemos que as literaturas de cordel de apelo popular, sejam clássicas ou contemporâneas abrem espaço para a interatividade entre leitor e obra de modo a ressignificar a relação ser humano-natureza, como declara Carvalho (2018):

[...] o cordel consegue alcançar uma grande parte da população, o que provavelmente poderá estimular crianças, jovens e adultos a entenderem de forma clara o problema e que podem contribuir de forma efetiva, utilizando-se de estratégias cotidianas simples, para a promoção da preservação da vida de qualidade no planeta (CARVALHO, 2018, p. 101).

Assim sendo, nossa pesquisa poderá contribuir, por meio de práticas de análises literárias ecocríticas para uma nova ressignificação da relação sujeito-natureza. Essa abordagem crítica será o fio condutor para as análises sendo que tais práticas envolvem aspectos históricos, econômicos, sociais, geográficos e ecológicos, para a compreensão dessa relação.

Para tanto, a escolha da temática relação ser humano-natureza na poesia popular do poeta, cantador e compositor, Patativa do Assaré também se justifica pela relação topofílica que o poeta estabelece em seus poemas, conforme ressalta Nascimento (2012), em sua pesquisa de dissertação de mestrado, “Descortinamento de um Novo Ethos Na Poética de Patativa do Assaré: uma abordagem Ecocrítica, que “a poesia patativiana é fortemente marcada por uma topofilia (p. 102), termo formulado por Tuan (1980) “o elo afetivo entre pessoa e o lugar ou ambiente físico” (p. 5). Além desse traço marcante da poética patativiana, os laços afetivos pelo lugar de pertencimento se inter cruzam com os sentimentos biofílicos, entendido como sentimento afetivo por todo ser vivo conforme o biólogo Arvay (2016), advindo da concepção do pioneiro norte-americano Edward Osborn Wilson (1984) através de sua obra *Biophilia* (Apud ZANATTA, 2019).

Nesse escopo a literatura é um instrumento de humanização como ressalta Candido (2011), pois corrobora para uma relação harmoniosa entre sujeito-natureza, despertando neste uma relação de mansidão porque compreende e respeita o ciclo da natureza porquanto a poesia patativiana é germinada no mesmo ritmo da natureza e, assim inferimos que os estudos literários ecocríticos não se distanciam da ciência, mas seus discursos se entrecruzam na tentativa de questionar a relação ser humano-natureza.

1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação foi elaborada no modelo de capítulos disponível no Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, *Campus* de Toledo – PR.

O primeiro capítulo apresenta a introdução da dissertação, contextualizando o tema a ser tratado, mais os objetivos (geral e específicos) e a justificativa da pesquisa.

O segundo capítulo apresenta a metodologia neste trabalho. Para tal usaremos a teoria Ecocrítica como ferramenta de análise dos poemas de cordel de Patativa do Assaré, tendo essa vertente teórica contribuir para discussões entre Literatura e Ecologia.

Já o terceiro capítulo é intitulado *A Relação Ser Humano-natureza*, apresenta as discussões sobre a crise ambiental em que a sociedade contemporânea atravessa, entendida como crise da modernidade tecnocientífica que gerou sérias consequências em todo planeta com poder de afetar a vida humana e não humana

O quarto capítulo intitulado como *Os Aportes Teóricos da Ecocrítica nos Estudos da Literatura* apresenta a concepção teórica da Ecocrítica em Greg Garrard (2006) e outros teóricos hispano-americanos que defendem essa teoria como uma corrente literária interessada em dialogar com as questões ambientais seja na literatura, na arte ou no cinema. Além dessa perspectiva, apresenta concepções de literatura em Antonio Candido e discussões sobre sua função social, concluindo com a investigação de como a natureza se apresenta para a Ecocrítica e para a literatura de cordel, enquanto cultura popular.

O quinto capítulo intitulado *Mosaico Analítico da Poética da Natureza em Patativa* apresentamos discussões e análises da relação sujeito-natureza com o sertão nordestino como espaço de vivência e espaço de criação poética; olhares sobre a poesia que brota do chão do sertão no ritmo da natureza: os versos e rimas florescem como floresce a natureza; o sertão como espaço de felicidade e sofrimento com evidência nos laços topofílicos e biofílicos do sujeito-lírico com a sua casa, a fauna e a flora.

2 METODOLOGIA

*A ciência pode classificar
e nomear os órgãos de um sabiá
mas não pode medir seus encantos.
A ciência não pode calcular
quantos cavalos de força existem
nos encantos de um sabiá.*

*Quem acumula muita informação
perde o condão de adivinhar: divinare.*

Os sabiás divinam.
(BARROS, Manoel, 1996)

Os procedimentos metodológicos de nossa pesquisa terão como norte a teoria Ecocrítica do estudioso Greg Garrard (2006) e outros teóricos hispano-americanos e brasileiros. Assim, essa corrente crítica é um instrumento de análise que favorece e potencializa o enfoque teórico-analítico. Para isso, essa vertente teórica tem a tendência de abarcar metodologias de diversas disciplinas, com perspectivas interdisciplinares para análise do texto literário, no nosso caso o poema do poeta Patativa do Assaré como exemplifica o organograma abaixo (Figura 1).



Figura 1: Organograma de metodologia. Fonte: Autora (2021)

Para isso, exploramos poemas com a temática: “A relação ser humano-natureza”. Dessa forma, nossa pretensão é articular aspectos literários e

ecológicos, entrelaçando também outros discursos sociais e filosóficos, de forma que se estabeleça um diálogo de caráter interdisciplinar, tendo como instrumento de análise a Ecocrítica. A investigação de nossa pesquisa será pelo modo qualitativo, tomando por base a análise literária. A corrente teórica em questão, nos sustentará nas referências e, desse modo através dos estudiosos, teremos suporte e parâmetros para as análises pretendidas nas obras de Patativa do Assaré.

Para isso, escolhemos as obras: Cante lá que eu canto cá (1978) (Figura 2); Inspiração Nordestina (2003) (Figura 3) e Ispinho e Fulô (2005) (Figura 4) em que se constitui o *corpus* de nosso trabalho, posto que tais obras apresentam o eixo temático de nossa pesquisa: a relação ser humano-natureza. Seleccionamos poemas que privilegiam os tropos ecológicos da poesia pastoral, do mundo natural e do apocalipse das obras citadas para fins de análise através da abordagem Ecocrítica na poética patativiana para atingir o objetivo de nossa pesquisa, estabelecendo diálogo entre a literatura e o meio ambiente, agregando concepções ecológicas e filosóficas, geográficas, históricas e sociais.

Após averiguação dos pressupostos de nossa investigação, pretendemos contribuir para que a poética patativiana seja um instrumento de sensibilização ecológica e contribua para pesquisadores e leitores refletirem sobre a importância dos bens naturais para a continuidade da vida no planeta e, que é necessário desacelerar o ritmo de ações humanas que causem degradação ambiental. Ademais, ressaltamos que as Humanidades podem contribuir para a sensibilização acerca da proteção ambiental e, por conseguinte para que o sujeito estabeleça vínculos afetivos para com a Natureza, razão esta que escolhemos as obras já citadas por trazerem para as discussões a relação ser humano-natureza. A saber as figuras abaixo referenciadas com a relação dos poemas que serão utilizados para análise Ecocrítica.

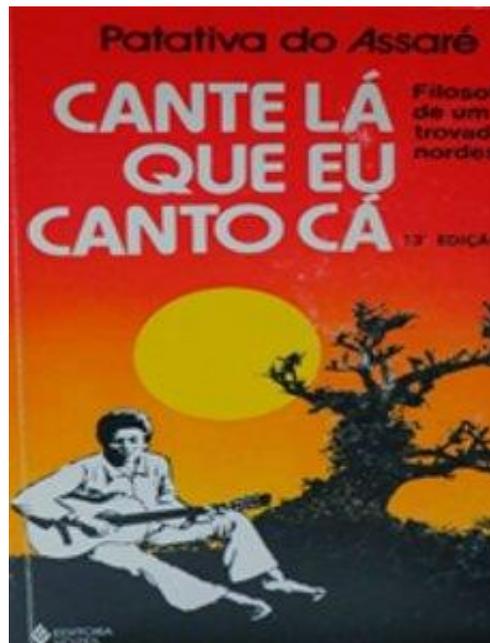


Figura 2: Capa livro: Cante lá que eu Canto Cá (Patativa do Assaré).
Fonte: Vozes (1978)

- Vida Sertaneja (pp. 75-78);
- Eu e o Sertão (pp. 21-25);
- Dois Quadros (pp. 55-56);
- A Morte de Nanã” (pp.38-43);
- ABC do Flagelado (pp. 308-414);



Figura 3: Capa de livro: Inspiração Nordestina (Patativa do Assaré).
Fonte: hedra (2003)

- O Poeta da Roça (pp. 14-15);

- Cante lá que eu canto cá (pp. 275- 280);
- Vou Vortá (pp. 132-135);
- O Paraíso das Aves (pp. 210-212);
- A Estrada da Minha Vida (pp. 203-206).

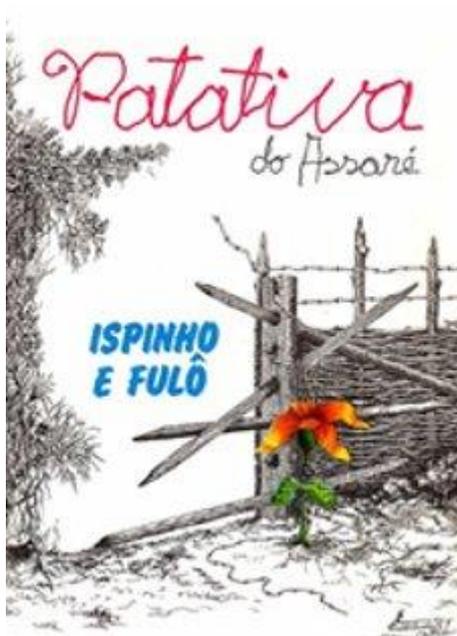


Figura 4: Capa de livro: Ispinho e Fulô (Patativa do Assaré)
Fonte: Hedra (2005).

- Seca D'água (pp. 167-168).

3 ENFOQUES DA RELAÇÃO SER HUMANO-NATUREZA

Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.

Manoel de Barros, em "Meu quintal é maior do que o mundo"

[Antologia]. São Paulo: Alfabeta Brasil, 2015, p. 15.

No presente capítulo, atentaremos às discussões sobre a relação ser humano-natureza, para alcançar nosso objetivo, faremos uma incursão sobre a relação ser humano e natureza como crise tecnocientífica da modernidade. A partir desse contexto traremos discussões sobre a construção de uma ética ambiental antropocentrada de cunho não individualista para superar a crise ecológica no planeta, tendo em vista a natureza perpassar por várias concepções desde “uma visão mágica, por uma visão mecanicista e até o olhar utilitarista”, (MANTOVANI, 2009, p. 31). A seguir, pensamos a relação ser humano-natureza no sertão nordestino com o espaço físico e criativo de onde germinou a poética de Patativa do Assaré e, por último as reflexões sobre os laços afetivos, entendidos nesse caso como topofilia e biofilia.

3.1 CRISE AMBIENTAL: UMA CRISE TECNOCIENTÍFICA DA MODERNIDADE

A crise ambiental, nas últimas décadas, tem suscitado intensos debates sobre a modernidade, cujas consequências atingem proporções locais e globais. Tal crise, segundo Lopes e Rodrigues (2019), “é compreendida como decorrente das estratégias de interação e apropriação do mundo natural oriundas do modelo produtivo estabelecido pela Revolução Industrial que atualmente afeta todo o globo” LOPES; RODRIGUES, 2019, p. 47).

Os autores entendem que esse processo de degradação ambiental, tem sido de forma contínua, e que este “não produz consequências da mesma forma por todo o planeta, contudo, a globalidade do sistema produtivo e de consumo faz com que a crise seja planetária” (P. 47). Anteriormente à Revolução

Industrial, a humanidade dispunha de sua própria força física e de animais domésticos para fins de atividades agrícolas; a energia era retirada da água, do vento. Assim, inexistia energia “produzida pela combustão da biomassa” (LOPES; RODRIGUES, 2019, p. 53).

Contudo, a modernidade chegou para mudar os rumos da história. Lopes; Rodrigues (2019) constatam que a voracidade humana de apropriação dos bens naturais cresceu de forma exponencial, nos últimos duzentos anos e, que por essa razão, as dinâmicas biogeofísicas e dinâmicas biogeoquímicas da Terra também foram modificadas. Teoricamente os autores alertam para a possibilidade de a humanidade estar produzindo “uma nova era geológica” (P. 48), antropoceno.

Dessa forma, o evento da Revolução Industrial, segundo McNeill (2001) “transformou radicalmente a história do planeta, ao produzir motores que convertem em energia mecânica a energia acumulada na biomassa e nos combustíveis fósseis” (Apud LOPES; RODRIGUES, 2019, p. 53). Esse período pode ser compreendido como “modernidade técnica”⁴ (BRUSEKE, 2010) e, em virtude de seu caráter racional⁵,

Tem como principal eixo estruturador a ciência e a técnica, que se constituíram através da compreensão e domínio da natureza, e que, apesar dos avanços nos campos da ciência e tecnologia, da economia e da administração, dentre outros, também produziram consequências imprevistas, a tal ponto que os artefatos tecnológicos têm atualmente o poder de destruição da humanidade. Entretanto, não somente as armas se constitui o perigo da técnica, mas também nos softwares e no consumo desenfreado, os quais visam promover o conforto de uma vida boa para a humanidade, na qual toda ação é justificada (MATOS; SANTOS, 2018, p. 198).

Em vista desse contexto, no meio ambiente, “as consequências dessa

⁴BRÜSEKE, Franz Josef, 2010. Modernidade técnica para evidenciar o que nos parece essencial, isto é, seu caráter técnico, e falamos sobre a emergência desta modernidade para evocar, por um lado, seu advento processual e histórico, e, por outro, seu alto grau de instabilidade e imprevisibilidade.

⁵HABERMAS, Jürgen, 2002, p. 4. O que Max Weber descreveu do ponto de vista da racionalização não foi apenas a profanação da cultura ocidental, mas, sobretudo, o desenvolvimento das sociedades modernas. As novas estruturas sociais são caracterizadas pela diferenciação daqueles dois sistemas, funcionalmente interligados, que se cristalizaram em torno dos núcleos organizadores da empresa capitalista e do aparelho burocrático do Estado. Weber entende esse processo como a institucionalização de uma ação econômica e administrativa racional com respeito a fins.

modernidade têm dado sinais bastante evidentes de mudanças físicas no cenário mundial” (MATOS; SANTOS, 2018, p. 198), tais como, aumento no nível do mar, enchentes, diminuição das geleiras e de recursos hídricos, a desertificação e outros. A intensificação desses problemas pode afetar futuramente a vida humana e não humana no planeta.

Para Matos; Santos (2018) todos os problemas “estão diretamente relacionados ao processo de modernização e ao desenvolvimento tecnoindustrial, cujo princípio organizador é a produção e a distribuição de bens” (p. 198), sendo denominado como a primeira fase da modernidade.

Além desse aspecto do processo de modernização, Matos; Santos, (2018), quando analisam autores como Beck (2010) e Gidens (1991), observam que estes apontam para o surgimento “de uma segunda fase da modernidade” (p. 198), denominada como “sociedade de risco”, cujo ponto central “não é apenas a distribuição de bens, mas de riscos, principalmente ecológicos” (Idem).

As consequências físicas, das quais nos referimos nos parágrafos anteriores, são resultados catastróficos daquilo que constitui a base da modernidade que busca a qualquer custo a técnica, pois ela se constitui o instrumento “que se tornará possível menores custos de produção, maior quantidade de produto num mesmo tempo de trabalho” (GONÇALVES, 2005, p. 103). Dessarte, o conceito de progresso é associado “à industrialização, um dos sinônimos de modernização” (GONÇALVES, 2005, p. 103).

Se por um lado a modernidade proporcionou bem-estar para o ser humano e criou novas oportunidades, “novas formas culturais, de obras maravilhosas de literatura, poesia, música (MORIN, 2011, p. 95), por outro, segundo Giddens (1991), o que não foi previsto pelos principais pensadores que analisaram a sociedade é que o desenvolvimento das forças de produção teria um potencial destrutivo de larga escala em relação ao meio ambiente (Apud MATOS; SANTOS, 2018, p. 203).

Nessa perspectiva, a crise ambiental da modernidade associada à ciência e a técnica com vistas ao domínio da natureza (MATOS; LOPES, 2018), concomitante às forças dos meios de produção, Leff (2015) postula que

a crise ambiental é a própria crise de pensamento, da metafísica que produziu a disjunção entre o ser e o ente, que abriu o caminho à racionalidade científica e instrumental da modernidade, que criou um

mundo fragmentado e coisificado em seu afã de domínio e controle da natureza (LEFF, 2015, p. 416).

Nesse escopo pronunciado por Leff (2015), a crise ambiental “problematiza o pensamento metafísico e a racionalidade científica, abrindo novas vias de transformação do conhecimento através de um novo saber que emerge das margens da ciência e da filosofia modernas” (LEFF, 2015, p. 417), para que superemos a “barbárie tecnocientífica-burocrática, inseparável do domínio da lógica da máquina artificial sobre os seres humanos” (MORIN, 2011, p. 91).

Tanto Leff (2015), quanto Morin (2011) argumentam que a crise ambiental da modernidade é uma crise de pensamento, trata-se, portanto,

De frear o avanço técnico sobre as culturas, a civilização, a natureza, que ameaça tanto as culturas, a civilização, a natureza. Trata-se de diminuir a marcha para evitar ou uma explosão, ou uma implosão. Trata-se de desacelerar para poder regular, controlar e preparar a mutação. A sobrevivência exige revolucionar o devir. Precisamos chegar a um outro futuro. Essa é que deve ser a tomada de consciência decisiva do novo milênio (MORIN, 2011, p. 95).

Para os autores é necessário reavaliar e regular os avanços tecnológicos a fim de que estes garantam no futuro a vida no planeta. Para eles, é necessário frear, diminuir a marcha e desacelerar o ritmo da modernidade, posto que a humanidade vive sob ameaça de confronto nuclear, advindo de um possível conflito militar capaz de eliminar a raça humana. De acordo com Matos; Santos (2018), esse risco constitui-se “o lado sombrio da modernidade, nos séculos XX e XXI” (MATOS; SANTOS, 2018, p. 203).

3.2 SER HUMANO E NATUREZA: DO CONFLITO À VIVÊNCIA ESTÉTICA

Ao longo da história a concepção que a humanidade desenvolveu da natureza foi transformada, “passando de uma visão mágica, por uma visão mecanicista até o olhar utilitarista, como fonte de recursos” (MANTOVANI, 2009, p. 3). Dessa forma, esse fator demonstra como a relação ser humano-natureza também foi se alterando, porquanto “a natureza não está dissociada da história da humanidade, nem tampouco das manifestações culturais que a cerca, se

entendermos por cultura, grosso modo, a intervenção humana no que é natural” (GONÇALVES, 2008, p. 171).

No início, o ser humano “disputava os alimentos e o espaço com os animais, como forma de sobrevivência e demarcação de territórios” (CAVALCANTI, 2020, p. 2), pois tudo o que ele necessitava “advém da natureza, ela é a condição fundamental para a sobrevivência humana” (PASSOS; OLIVEIRA, 2016). Contudo, “disputava os alimentos e o espaço com os animais, como forma de sobrevivência e demarcação de territórios” (CAVALCANTI, 2020, p. 2).

Os primeiros grupos de organização social despontaram graças a capacidade racional do ser humano em reconhecer um espaço seguro, onde pudesse se refugiar da ameaça de animais e das intempéries climáticas, “e o primeiro lugar utilizado pelo homem primitivo foram as cavernas, com o objetivo principal de dormitório. No entorno dessas cavernas, surgiram as primeiras aglomerações humanas” (PASSOS; OLIVEIRA, 2016. p. 2), as quais deram origem a uma nova relação entre ser humano-natureza, através do “desenvolvimento de habilidades relacionadas à racionalidade do homem, como a criação e uso de ferramentas para conseguir alimento e dominar o espaço” (CAVALCANTI, 2020, p. 2).

A partir desse panorama histórico, o autor afirma que

num determinado período da história, o homem começa a dominar a natureza e a maneira de manejar os recursos naturais vem sendo modificada a cada geração. Assim, a agricultura e a pecuária são resultadas do desenvolvimento das habilidades do homem e das maneiras de manejar os recursos naturais, como parte do processo de dominação da natureza na Antiguidade, tendo como resultado um processo de mudança na relação entre homem-natureza, desencadeando uma relação desigual e de mudança significativa no ambiente em que estamos inseridos (CAVALCANTI, 2020, p. 2).

Os argumentos de Cavalcanti (2020) nos revelam que a humanidade foi e é capaz de gerar problemas por acreditar em sua capacidade de transformar e controlar os recursos naturais, mas tal crença se traduz em uma “invasão atrevida dos diferentes domínios da natureza por meio de sua incansável esperteza” (JONAS, 2011, p. 31). O ser humano ainda não tomou ciência da sua finitude, ele “amolda as circunstâncias conforme sua vontade e necessidade, e nunca se encontra desorientado, a não ser diante da morte” (JONAS, 2011, p.

32).

No sentido exposto pelo autor revela que a relação ser-humano natureza é demasiada conflituosa, pois “estamos longe de encontrar soluções efetivas para o complexo problema da relação entre os seres humanos e a natureza. A simples compreensão da natureza, na qual se insere nossa própria espécie [...] pode em muito ajudar” (MANTOVANI, 2009, p. 4) a resgatar novos sentidos de uma liberdade menos egocêntrica e mais solidária, capaz de reorganizar e estabelecer uma relação de harmonia entre os seres humanos e a natureza.

Morin; Kern (2011) assim questionam a postura do ser humano frente à natureza:

Dominar a natureza? O homem é ainda incapaz de controlar sua própria natureza, cuja loucura o impele a dominar a natureza perdendo o domínio de si mesmo. Dominar o mundo? Mas ele é apenas um micróbio no gigantesco e enigmático cosmos. Dominar a vida? [...] E acaso ele sabe criar uma andorinha, um búfalo, uma otária, uma orquídea? O homem pode massacrar bactérias aos milhares, mas isso não impede que bactérias resistentes se multipliquem. Pode aniquilar vírus, mas está desarmado diante de vírus novos que zombam dele, que se transformam, se renovam...Mesmo no que concerne às bactérias e aos vírus, ele deve negociar com a vida e a natureza (pp. 176-177).

Os autores fazem inferência de que o ser humano se coloca como senhor da Terra e, citando *Hölderlin*⁶, sugerem que o ser humano habite a Terra prosaicamente e poeticamente. Prosaicamente que ele trabalhe e sobreviva; “poeticamente, (cantando, sonhando, gozando e amando, admirando) [...]” (MORIN; KERN, 2011, p. 169), porque a poesia não faz parte somente da literatura, mas “é também um modo de viver na participação, o amor, o fervor, a comunhão, a exaltação, o rito, a festa, a embriaguez, a dança, o canto [...]” (idem). Essa é a linguagem que deve nortear a relação ser humano-natureza, uma maneira nova de habitar a Terra.

Além disso, para o autor a partir da nossa língua temos possibilidade de falar duas linguagens. A primeira denota objetividade; a segunda conota outros sentidos que metaforicamente traduzem as nossas emoções e sentimentos. Dentro de nós coexistem dois estados: o prosaico e o poético, de forma que “são duas polaridades necessárias uma a outra: se não houvesse prosa, não haveria

⁶ Johann Christian Friedrich Hölderlin (1770-1843), um dos maiores poetas da literatura mundial, não apenas alemã. Jornal da USP (27/03/2020). Disponível: <https://jornal.usp.br/cultura/holderlin-e-a-superacao-dialetica-da-desilusao-e-da-derrota/>.

poesia: o estado poético só se manifesta como tal em relação ao estado prosaico” (idem).

A nossa relação com a terra compreendendo que nela subsistem a vida humana e não humana, pode ser “estética e, mais ainda, amorosa” (MORIN; KERN, 2011, p. 171). Todavia permanecer ininterruptamente em estado poético poderíamos nos cansar, seria “ressuscitar [...] as ilusões da salvação terrestre” (Idem), pois a alternância entre poesia e prosa nos completa. Convém destacar que a sensibilidade provoca um encontro estético e, dessa forma é possível estabelecer uma relação harmoniosa com a natureza.

3.3 A CONSTRUÇÃO DE UMA ÉTICA AMBIENTAL ANTROPOCÊNTRICA DE BASE NÃO INDIVIDUALISTA

*O meu verso rastêro, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça,
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.*

As atividades humanas frente à natureza vêm, ao longo do tempo se modificando, passando desde concepções místicas até materialistas. O trabalho humano frente aos recursos naturais deixou rastros de degradação de grandes proporções por todo o planeta. Dessa forma a natureza serviu “como base utilitária para a satisfação humana” (CIDREIRA-NETO; RODRIGUES, 2017, p. 143), aumentando o descaso ambiental.

Nessa dimensão, a humanidade utiliza os bens naturais “de forma exploratória, sem a projeção dos problemas que essa atitude pode ocasionar, gerando problemas de caráter social e/ ou ambiental” (Idem p. 143), podendo assinalar para problemas de grande escala num futuro próximo. Para Cidreira-Neto; Rodrigues (2017) “a natureza vem sendo utilizada como um elemento infinito, passível de extração a todo momento, servindo de matéria prima para o desenvolvimento” (p. 147).

Frente a esses problemas ora elencados de uso desmedido da natureza, podemos recorrer as palavras de Platão (2013) que assevera: “não pensa, homem mesquinho, que esta natureza foi criada para ti. Tu serás justo e vais te ajustar de forma harmônica à natureza” (p. 65). Vejamos, dessa maneira, que desde a Antiguidade havia ideias opostas frente à vida natural e esta

característica veio se arrastando ao longo da história humana.

Por essa razão ambientalistas preocupados com a crescente degradação ambiental e o esgotamento dos recursos renováveis, se movimentam no sentido de discutir uma ética ambiental da qual o ser humano usufrua da natureza de forma harmônica e sadia, posto que nas últimas décadas tem sido reconhecido amplamente a gravidade dos problemas ambientais. Esse dilema

que assola o futuro da humanidade atinge a integridade da natureza, mas também a do próprio ser humano, perfazendo a ameaça de autodestruição de toda a vida no planeta e denunciando, assim, o estado crítico do meio ambiente. Com isso, a humanidade é posta diante de um dos problemas de ética mais sérios do século XXI. A crise ambiental, ou, em outras palavras, o risco à conservação da vida no planeta, deflagra-se como um problema ético à medida que denuncia as motivações do agir humano baseadas na assertiva moderna de progresso⁷: isto é, está ligado a uma lógica de ação, enquanto fruto da exploração da natureza por meio da técnica, os quais nos fizeram chegar aos níveis de degradação atuais (LEAL: DURANTE, 2021, p. 82).

Para os autores, a crise ambiental do século XXI expõe a fragilidade emergente de toda a vida planetária, da qual decorre de motivações incessantes da humanidade em busca “de produzir bem-estar social e econômico” (CARVALHO, 2015, p. 147). No afã desse desenvolvimento moderno, social e econômico, a humanidade passou a ver

o ambiente natural como um depósito de matérias-primas para produção de mercadorias e acúmulo de capital e a natureza como um sistema aberto para toda e qualquer manipulação tecnocientífica, deixou a natureza em estado depreciativo, a tal ponto que se fala em crise ambiental devido aos níveis de degradação e ameaças ao meio ambiente deixados pelo ser humano por meio da atividade técnica e industrial (LEAL: DURANTE, 2021, p. 83).

Em face desse panorama global, segundo Carvalho (2015) “a ética ambiental surgiu como resposta à representação da natureza enquanto reservatório inesgotável” (CARVALHO, 2015, p. 147) que remete para as ações humanas. Para Araújo (2011), “o ser humano tem conhecimento das causas da crise ambiental e definitivamente tem de ser capaz de passar da teoria à prática

⁷ LEAL; DURANTE, 2021. Segundo os autores a assertiva moderna de progresso deve ser compreendida na perspectiva baconiana “Saber é poder”.

(ARAÚJO, 2011, p. 1). Dessa forma, a ética ambiental orienta para uma nova conduta da relação ser humano-natureza, todavia as principais tendências acerca da ética ambiental “situam-se num horizonte teórico polarizado entre posições antropocêntricas e posições não antropocêntricas” (CARVALHO, 2015, p. 148).

A presente discussão tem como objetivo questionar os caminhos para a construção de uma ética ambiental antropocêntrica. Para isso, Carvalho (2015) quando defende em seus estudos uma ética ambiental antropocêntrica, observa que o antropocentrismo como opção epistemológica desde de Routley (1973), já se advogava a urgência de uma ética relativa ao ambiente a qual se diferenciava “dos princípios fundamentais sobre os quais se haviam apoiado as éticas clássicas ocidentais, em que o ser humano era entendido como o locus exclusivo de valor intrínseco” (SHERER, 1982, apud CARVALHO, 2015, p. 148).

Costumeiramente, o raciocínio ético conferia aos seres humanos as condições necessárias para inserir-se a um agrupamento social dado as suas características racionais, ou seja, de um grupo de seres, que para o bem de todos pesam normas de condutas. Nesse pensamento, “tratava-se de um modelo intersubjetivo do raciocínio ético que não permitia que se conferisse estatuto moral aos seres não humanos” (CARVALHO, 2015, p. 148).

Carvalho (2015) afere que, a partir dos estudos de Routley (1973), se estabeleceu um momento crucial no conceito de antropocentrismo que perduraria até os dias de hoje, do qual os seres não humanos servem para satisfazer interesses e necessidades dos seres humanos. A autora acrescenta que refletir sobre a designação do antropocentrismo e não antropocentrismo é situar-se num campo de perspectivas demasiado diferentes e até irredutíveis, posto que a sedimentação da interpretação do antropocentrismo, segundo a autora citando Hottois (2003) fora construída através de divergentes genealogias do pensamento ocidental.

Entre elas, a definição aristotélica do homem enquanto animal com poderes de raciocínio; a concepção judaico-cristã que eleva o ser humano como criatura com plenos poderes sobre toda a criação; e à máxima cartesiana de o ser humano se constitui “senhor e possuidor da natureza” (CARVALHO, 2015, P. 149).

Na interpretação de Carvalho (2015), a definição aristotélica não

contempla “a superioridade dos usos humanos da natureza” (p. 149), seja no aspecto epistemológico, “seja na projeção ética da excelência enquanto vida de virtude” (p. 149). Para isso, a pesquisadora recorre a concepção grega de *physis*, originário do latim *natura*⁸. Assim, o conceito de *physis* está intimamente ligado a “representação de um Universo ordenado” (p. 150), o que transparece a proximidade entre ser humano e natureza. Por outro lado,

Quanto à cultura judaico-cristã, da qual se origina a segunda raiz do conceito do antropocentrismo, a base fundamental é o livro da Bíblia em que postula que o ser humano fora criado à imagem e semelhança de Deus. Essa máxima certificou-lhe “um estatuto ontológico e ético especial na hierarquia das criaturas” (CARVALHO, 2015, 150). A autora ainda assinala que a ordem “Enchei e dominai a terra” (Genesis 1, 28-31, PEREGRINO, 2015), não confere ao ser humano uma relação utilitarista em relação a natureza, mas numa perspectiva de responsabilidade, de cooperação e cuidado com a criação. A saber, “Deus viu tudo o que havia feito e tudo era muito bom”. Dessa forma sendo tudo fruto da obra divina que sentido faria introduzir uma clivagem na obra divina mediante a dominação possessiva e exploradora de toda criação por uma única criatura? Aliás, no século XII, a leitura franciscana de uma relação fraterna do ser humano com todos os seres vivos – ecologista avant la lettre – veio afirmar precisamente a visão cristã da natureza enquanto parceira no caminho do Homem para Deus (CARVALHO, 2015, p. 150).

Já a genealogia do pensamento ocidental que diz respeito ao pensamento de Descartes em que Carvalho (2015), interpreta como ilegítima a “identificação com a tirania utilitária humana sobre a natureza, tal como a veem os antropocentristas dos séculos XX e XXI” (P. 150). Para ela, tal como ocorria na Grécia antiga e no auge da cultura judaico-cristã, a sociedade moderna encontrava-se longe da crise ambiental contemporânea e, “de acordo com o estado de desenvolvimento técnico e tecnológico dos instrumentos de exploração dos recursos naturais, a natureza era ainda entendida, e com alguma legitimidade empírica, enquanto reservatório infindável e onipotente de recursos” (CARVALHO, 2015, p. 150).

Quando Descartes proclama o ser humano como senhor e possuidor da natureza, na visão de Carvalho (2015), ele defende um conhecimento mais

⁸ CARVALHO, 2015. A *physis* era entendida por Aristóteles como substância ou essência dos seres que têm em si mesmos o princípio do seu movimento (Metafísica, 1014 b 15-1015 a 20; Física, livro II, 192b-193b).

profundo da natureza que permita ações humanas seguras, potencializando os saberes, de forma que proporcione novas descobertas na nossa relação com o ambiente que nos rodeia.

Tecida essas considerações, Carvalho (2015), defende que o conceito de antropocentrismo deve ser revisto, desde as suas origens,

bem como ao enquadramento que se lhe atribui para a relação entre o ser humano e a natureza. O problema surge quando se identifica o antropocentrismo como a causa de todos os estragos ambientais e, alargando a semântica permitido pelo conceito, nele se incluem sentidos de arrogância, domínio, imperialismo e, até chauvinismo humano (ROUTLEY, 1980, apud CARVALHO, 2015, p. 151).

Nesse horizonte, consideramos de grande importância estabelecer a distinção entre antropocentrismo forte e antropocentrismo fraco desenvolvida por Bryan Norton (2019), que retoma os conceitos de Richard Routley. O autor discute em sua literatura a temática da ética ambiental e, “sustenta que uma ética ambiental não pode derivar-se dos direitos ou interesses de não humanos, nem de gerações futuras de humanos”⁹ (tradução nossa); (NORTON, 2019, p. 2), e, assim segundo suas palavras, considera inicialmente que para a construção de uma ética ambiental apropriada “é (necessário) estabelecer um conjunto de princípios que permitam derivar de regras que tornem ilegais aqueles comportamentos que todos os indivíduos ambientalmente conscientes consideram destrutivos ao meio ambiente” (NORTON, 2019, p. 3).

Norton (2019) propõe um novo paradigma para a construção de uma ética qualitativa diferente da tradição clássica ocidental. Segundo o autor, uma ética não individualista e, para tanto “defende que a dicotomia clássica entre antropocentrismo e não-antropocentrismo deve substituir-se por outra de maior relevância ética: individualismo versus não-individualismo” (NORTON, Apud CARVALHO, 2015).

Para o autor, todo ser humano que tenha consciência ambiental, tem internalizado a crença de que existe “um conjunto de comportamentos humanos que prejudica ou pode prejudicar o meio ambiente” (NORTON, 2019, p. 3). Porém, construir uma nova ética, insistindo “na via não antropocêntrica como o único enfoque para uma ética ambiental” (CARVALHO, 2015, p. 152), não seria

⁹ NORTON, Bryan G., 2019. O autor faz referência aos seus ensaios publicados em 1982 na revista *Environmental Ethics*, 1982.

eficaz na solução dos problemas ambientais, “dado que o que quer que seja que avaliemos será sempre de um ponto de vista humano (ou antropocêntrico)” (HARGROVE, 1992).

Para fazer uma distinção entre antropocentrismo forte e antropocentrismo fraco, Norton (2019), considera a “satisfação das preferências sentidas de indivíduos humanos” (p. 5). Assim, segundo a definição do autor, no antropocentrismo forte as preferências sentidas pelo ser humano são inquestionáveis. Seus interesses consumistas vão ditar “que a natureza seja explorada”. Portanto, se não existe um caminho para avaliar as preferências sentidas de cada indivíduo, como criticar as suas ações comportamentais? Nesse viés, Norton (2019) afere que estes “usam a natureza simplesmente como um repositório de matérias-primas a serem extraídas e usadas para gerar bens para alimentar as preferências humanas” (p. 5).

Ao contrário, a teoria do antropocentrismo fraco compreende que as preferências sentidas do indivíduo podem ser ou não racionais, posto que podem ser avaliadas como “inconsistentes com uma visão de mundo racional” (Idem). Nesse sentido, para o autor o antropocentrismo fraco fornece uma fundamentação a fim de criticar os sistemas de valores exploradores da natureza. Para o crítico

o antropocentrismo fraco, [...] também considera as experiências humanas que fornecem a base para a formação de valores valiosas, porque o valor é colocado não apenas nas preferências sentidas por outros mais racionais. Assim, torna-se possível apelar para o valor das experiências de objetos naturais e lugares que não intervieram na formação humana de valor. E na medida em que os ambientalistas podem demonstrar que existem valores humanos que são moldados e informados pelo contato com a natureza, ela ganha valor como um professor de valores humanos. Dessa forma, a natureza não é concebida apenas como mera fonte de satisfação de valores fixos e usualmente consumistas (NORTON, 2019, p. 6).

Destarte, Norton (2019) sustenta que a teoria do antropocentrismo fraco fornece uma estrutura conceitual, da qual permite que o indivíduo desenvolva razões e mecanismos vigorosos para proteção da natureza e, que tais razões destoam de ações meramente exploradoras e extrativistas, associadas ao forte antropocentrismo consumista. Para o teórico, o antropocentrismo fraco não difere do forte apenas no aspecto teórico, mas seu raciocínio pode afetar o comportamento humano. Nessa proposição exposta pelo teórico, o

antropocentrismo fraco é, pois, uma forma atrativa para os ambientalistas, porque

Não requer o uso de ideias radicais e difíceis de justificar sobre o valor intrínseco dos objetos não humanos e, ao mesmo tempo, estabelece um arcabouço conceitual para estabelecer obrigações que vão além da satisfação das preferências humanas. Assim, permite desenvolver argumentos que mostrem o caráter injustificado das atuais atitudes consumistas em relação à natureza, pois não encontram seu lugar em uma visão de mundo racionalmente aceitável, tudo isso sem implicar no valor intrínseco do não humano. E pode igualmente enfatizar o valor da natureza na formação de preferências (ao invés de em sua satisfação), na medida em que estas podem ser modificadas no processo de construção de uma visão de mundo racionalmente aceitável e consistente (NORTON, 2019, p 9).

Nesse panorama discutido por Norton (2019), acerca do conceito do antropocentrismo fraco, é bem provável que se derive uma ética ambiental satisfatória, pois, enfaticamente o teórico “argumenta que nenhuma ética ambiental bem-sucedida pode ser derivada de uma base individualista [...]” (NORTON, 2019, p. 10). Além desse fator, o teórico observa que grande parte “dos sistemas éticos contemporâneos” (Idem) se constituem pelo viés individualista. Assim, uma ética ambiental de valor ímpar, seria diferente, não há que ser não antropocêntrica, como defendem muitos ecologistas e filósofos, mas porque sua base não é individualista.

Para Norton (2019), a construção de uma ética ambiental adequada de cunho não individualista, necessita de regras que proíbam “comportamentos atuais que tenham um efeito tanto no presente quanto no futuro” (NORTON, 2019, p. 11), além disso assevera que os próprios indivíduos conscientes ambientalmente comungam dos mesmos ideais de “que é necessário proibir certos comportamentos que podem ter efeitos negativos” (NORTON, 2019, p. 12) para a humanidade. Dessa forma, é compreensível que as regras da ética ambiental “não podem derivar dos sistemas éticos individualistas¹⁰ em voga” (Idem).

Nessa linha defendida por Norton (2019), observamos que uma ética ambiental adequada não necessita ser não antropocêntrica, nem se limitar aos interesses individuais, das quais

¹⁰NORTON, (2019, p. 11). Tanto o utilitarismo quanto a deontologia moderna são fundamentalmente individualistas, na medida em que se preocupam principalmente com os interesses e reivindicações dos indivíduos.

Emerge um novo caminho para a ética ambiental: uma ética fracamente antropocêntrica – na qual o loci de todo valor está situado no humano – e não individualista, na medida em que o valor não se restringe à satisfação das preferências sentidas pelos indivíduos humanos (NORTON, 2019, p. 13).

Em seu argumento, Norton (2019), reitera que a ética ambiental fracamente antropocêntrica não se concentra na satisfação de necessidades específicas, mas na integridade e saúde contínua dos ecossistemas e, que os bem naturais devem servir como um meio de sobrevivência humana, mas nunca centrada nos desejos consumistas

3.4 O SERTÃO: ESPAÇO FÍSICO-POÉTICO PATATIVIANO

A investigação do espaço na Literatura envolve estudos interdisciplinares que vão além de aspectos do plano físico. Para Ozires Borges “é imprudente estudar o espaço sem incursionar pelas várias disciplinas que o tem como elemento fulcral de seus estudos: geografia, arquitetura principalmente” (BORGES FILHO, 2007, p. 7) e, perfazendo esse caminho é deparar-se com uma pluralidade de concepções que envolvem a noção de espaço, de maneira que o termo adquire diversos valores e sentidos. Nessa perspectiva, “o espaço apresenta a função de elemento constitutivo da subjetividade, participando do processo de construção da identidade do sujeito” (ARAÚJO; SANTOS, 2020. P. 66).

O espaço que o nosso estudo tem como proposição é o “sertão nordestino, termo carregado de historicidade, podendo designar recorte espacial ou imaginário cultural” (NEVES apud DANTAS, 2020, p. 30), somado à vivência social e geográfica constituem a identidade sertaneja (ARAÚJO; SANTOS, 2020). O sertão revela-se como espaço de interação, ou seja, uma teia relacional entre o sujeito e o lugar, de modo que ambos integram “uma unidade indissociável, ambos se implicam, se modificam e se definem” (ARAÚJO; SANTOS, 2020, p. 67).

Ao pensarmos sobre o termo sertão, podemos inferir vários significados e sentidos como um lugar desabitado, remoto, inóspito. Um espaço traiçoeiro ou medonho, onde habitam “toda a sorte de criaturas sobrenaturais que povoam os

territórios de sertão” (MELO, 2011, p. 83) e, também povoam o imaginário popular.

O termo sertão é originário do latim *De-sertum*:

Na linguagem militar se refere àquele que deserta, dessa maneira, *desertanum* significa o lugar desconhecido, onde o desertor se refugia. O sertão ainda pode ser entendido como corruptela de *desertão* “o deserto grande”, *desertus* (interior), o modo como os portugueses chamavam os lugares despovoados da África. Um outro sentido também do latim *sertanus*, que se refere à bosque, mata, pode também fazer alusão a regiões desabitadas ((ARAUJO; SANTOS, 2020, p. 67).

O sertão não aponta apenas um lugar, pois há uma grande diversidade de sertão (MELO, 2011), todavia o sertão relacionado à seca foi o que mais profundamente penetrou e se consolidou na imaginação popular. Melo (2011), assim define o sertão:

É por reunir tantas espacialidades, lugares, paisagens e significações distintas que se pode dizer que “o sertão é do tamanho do mundo. Um lugar migrante, transescalar, descontínuo, que não se localiza em um único ponto, mas em toda parte, por isso “o sertão é sem lugar (MELO, 2011, p. 85).

Nesse sentido, para Adriana Ferreira de Melo (2011), o sertão se constitui num sistema complexo porque é tecido de representações e imagens que vão se modificando ao longo do tempo e traduzem as metamorfoses pelas quais a sociedade produz o espaço. Para a autora são muitos os sertões que verteram e vertem “no tempo e no espaço”, eles são “feitos de representações espaciais datadas, construídas historicamente pelo imaginário social e pelas ações dos homens nas quais, inevitavelmente, esse imaginário está incluído” (MELO, 2011, p. 85).

Podemos mencionar também os vários sertões que compõem o território brasileiro, como o mineiro, o pernambucano, o cearense etc. Enfim, são tantas as representações desse espaço sertanejo, das quais moldam a identidade do sujeito que nele se estabelece. Todavia, para o historiador Eivaldo Fernandes Neves (2003), desde o século XIX, identificamos dois sentidos de “sertão”, ainda presentes na literatura e na historiografia que associou

O termo “sertão” a conceitos, geográfico (semiárido) e econômico (pecuária), apresentando o seu sentido numa percepção espacial (interior) e noutra social (região pouco povoada), ambas categorias da

Geografia, mas trazendo implícitas a noção de ação humana ou a concepção de espaço social historicamente construído, um pressuposto da ideia de região (NEVES, 2003, p. 156)

O historiador também vislumbra que o conceito de “sertão” tem sido generalizado

Para vasta área do interior brasileiro que expressa pluralidade geográfica, social, econômica, cultural, equiparando-se à ideia de “região”, exposta como espacialização destacada num continente, país ou subunidade setorial de poder, caracterizada pelas relações sociais de trabalho, condições materiais, recursos ambientais, natureza do que produz, espécies de bens comercializados, formação étnica, manifestações culturais. Como categoria analítica da divisão espacial, “sertão” exprime condição de território interior de uma região ou unidade administrativa interna – Sertão Nordestino, Sertão da Bahia, - ou de zoneamento dessas espacializações – Alto Sertão da Bahia, Sertão de Canudos, Sertão do São Francisco, Sertão do Araripe – ou ainda o sertão do bandeirante, que inclui o interior de outras unidades da federação, fora do “polígono das secas” (NEVES, 2003, p. 157).

Nessa perspectiva, o “sertão” pode ser visto como espaço geográfico, histórico, econômico, social e cultural, lugar de construção, de vivência, de experiência, de identidade e memória, o qual “[...] pode visto como o *Oikos*¹¹ de vida” (MUNIZ, 2021, p. 133), pois é nele que o sertanejo tece sua vida e sua relação com o outro. É no seu *Oikos* de vida onde o sujeito “[...] constrói sua subjetividade formada nas relações de vida, numa vida empoeirada no terreno de terra batida e estorricada da seca [...]” (Idem).

No campo literário, o “sertão” é o tecido onde o poeta borda suas rimas que se confundem e se entrecruzam entre o espaço vivido e o espaço imaginado. Sua “casa natal é um centro de sonhos” (BACHELARD, 2000, p. 34), geradora de devaneios “que só a poesia, em sua obra, poderia concluir, realizar” (Idem). Nesse caso, o sertão é a casa mãe que envolve em seu colo o filho sonhador, é ela que lhe “permite sonhar em paz” (p. 26), porque “[...] sem ela, o homem seria um ser disperso. A casa mantém o homem através das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano [...]” (Idem).

3.4.1. SENTIMENTOS TOPOFÍLICOS E BIOFÍLICOS NA RELAÇÃO

¹¹ A expressão em Grego *Oikos* (*Oikos*), etimologicamente, significa habitação, casa, bens domésticos, família. (*OIKOS* in PEREIRA, 1976, Apud MUNIZ, 2021).

SER HUMANO-NATUREZA

Infelizmente na vida moderna o contato físico com a natureza tem sido cada vez mais artificial, limitado e indireto, salvo em condições especiais. Fora o homem rural, “o envolvimento do homem tecnológico com a natureza é mais recreacional do que vocacional” (TUAN, 2018, p 110). Para o autor,

que falta às pessoas, nas sociedades avançadas [...], é o envolvimento suave, inconsciente do mundo físico, que prevaleceu no passado, quando o ritmo da vida era mais lento e do qual as crianças ainda desfrutam. (TUAN, 2018, p. 110).

Conforme a visão de Tuan (2018), o ser humano precisa viver o êxodo do retorno a sua casa. Todavia isso implica deixar-se, ser como as crianças para “desfrutar polimorficamente da natureza” (p.111) ou, até mesmo espelhar-se no agricultor, pois a sua topofilia “está formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança” (Idem). Ele precisa desmascarar-se para permitir seus sentidos sensoriais falarem. Para isso, ele

[...] necessita vestir uma roupa velha que lhe permita esticar-se no feno ao lado do riacho e embeber-se em uma mistura de sensações físicas: o cheiro do feno e de estrume de cavalo; o calor do chão, seus contornos duros e suaves; o calor do sol temperado pela brisa; a cócega produzida por uma formiga subindo pela barriga da perna; o movimento das sombras das folhas brincando em seu rosto; o ruído da água sobre os seixos e matacões, o canto das cigarras e do tráfego distante. (TUAN, 2018, p. 111)

Nos argumentos de Tuan (2018), os laços afetivos com o meio natural se estabelecem de modo despretensioso, amoroso, pois “[...] a terra é amiga” (p. 112). Assim como os agricultores, independente das condições climáticas persistem na terra, pois dependem dela, por isso permanecem junto à terra numa relação quase de fusão entre um e outro. Ele nutre “uma atitude devota para com a terra” (p. Idem), posto que aquele chão é a sua casa, o seu lugar de pertencimento. Não é apenas um espaço que ele pode se locomover, mas é o seu lugar de pertença, “onde investe parte da sua vida emocional em seu lar e além do lar, em seu bairro” (p.114).

Em razão disso, se acaso fosse banido desse lugar, sentir-se-ia “despido”,

visto que o lugar de pertença o envolve como um abraço fraterno e o protege das dificuldades exteriores e, é ali que estão suas subjetividades, como as lembranças daquilo que viveu, “elemento importante no amor pelo lugar” (p. 114), e, além disso, a sua “história é responsável pelo amor à terra natal” (Idem).

Para Tuan (2018), *patriotismo* é uma metáfora do amor pela terra natal (p. 115), mas não patriotismo como orgulho coletivo de uma nação, mas “o patriotismo local”, o que “reside na experiência íntima do lugar” (p.116). Para Pádua (2013), os lugares

são estabelecidos por meio da mente, dos sentidos, da percepção e da experiência. As pessoas, por sua vez, têm um sentido de lugar. Sentir é conhecer. São os nossos cinco sentidos que nos permitem criar este sentido de lugar. A visão distância e dá a dimensão estética, a audição, o tato, o olfato nos aproximam, envolvem-nos com o lugar. (PÁDUA, 2013, p. 47)

Pádua (2013) confirma as observações de Tuan (2018) acerca do significado de lugar. Este evoca nossos sentidos, nossas emoções. Sem eles, é impossível estabelecer uma relação de topofilia com algum espaço, por mais belo que possa parecer e, ainda mais, para Tuan (2018), “a topofilia é enriquecida através da realidade do meio ambiente quando este se combina com o amor religioso ou com a curiosidade científica” (P. 143).

A saber, nutrir sentimentos topofílicos por um lugar é criar laços afetivos “entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN, 2018, p. 5) a tal ponto que esse envolvimento se transforme numa teia amorosa em que o ser humano se sinta acolhido, abraçado pelo seu *oikos*.

Além desse aspecto da relação amorosa entre o ser humano e seu lugar de pertença entendido aqui por *topofilia* como um termo que “associa sentimento com lugar” (TUAN, 2018, p. 129), Cotter (2018) argumenta sobre os sentimentos biofílicos definindo a *biofilia* como a tendência amorosa por todo ser vivo. O termo deriva do Latim “bio”= vida e “philia”= amor fraternal, amizade e afeto. Já Grinde; Patil (2009) teorizam que a biofilia “implica afeição por plantas e outras coisas vivas” (p. 32). Segundo os autores, as plantas potencializam a segurança humana, ao contrário o esgotamento “de elementos naturais tem um impacto negativo na mente humana”.

Arvay (2016), ao discutir “O efeito Biofilia” estende o sentimento afetivo

também aos animais, chama a atenção como por exemplo o efeito benéfico que causa o canto dos pássaros, o perfume das flores e as cores de arbustos e plantas. Outro fator observado pelo estudioso é que a natureza nos acolhe como somos. As plantas e os animais não nos julgam, apenas aceitam como somos, podemos ser “vagos, tristes ou alegres, rápidos ou lentos, introvertidos ou extrovertidos” (65). Nela podemos ser inteiros, podemos nos mostrar como somos.

4. APORTES TEÓRICOS DA ECOCRÍTICA NOS ESTUDOS DA LITERATURA

Este planeta comum,
Pois a terra com certeza,
É obra da Natureza
Que pertence a cada um.

Esta terra é como o Só,
Que nasce todos os dia,
Briando o grande, o menó
E tudo o que a terra cria.
E Só quilaria os monte,
Também as água da fonte.
Com a sua luz amiga,
Potrege no mesmo instante,
Do grandaião elefante
A pequena formiga
(ASSARÉ, 2003, p. 328).

Nesse capítulo abordaremos sobre a crítica literária Ecocrítica fundamentada no escritor Greg Garrard (2006) que em seus escritos faz uma retomada dessa corrente literária da “Introdução” de *The ecocriticism Reader* (1996), uma importante antologia da Ecocrítica norte-americana. Em sua obra *Ecocrítica*, o teórico ressalta que os problemas ambientais necessitam de análise tanto cultural como científico visto que “são o resultado da interação entre o conhecimento ecológico da natureza e sua inflexão cultural” (GARRARD, 2006, p. 29). Para isso será necessário que o ecocrítico envolva em seus estudos, diálogos interdisciplinares, como “às teorias literárias e culturais, à filosofia, à sociologia, à psicologia e à história ambiental, bem como a ecologia” (Idem).

4.1. ECOCRÍTICA

Definir de forma precisa e convincente a ecocrítica não é tarefa tão simples, por isso nos interessa trazer para nossas discussões questionamentos acerca dessa corrente teórica literária, relativamente jovem no Brasil. Assim, cabe-nos formular algumas questões a partir de pesquisas ecocríticas advindas da Inglaterra, EUA e estudos hispano-americanos, tais como: O que é a ecocrítica e como se originou?

Estamos tratando de um conceito que floresceu na academia anglo-saxã, no século XX, especialmente na década de 1990, nos Estados Unidos. O termo ecocritismo, na observação de Unique (2017), foi mencionado pelo professor de Literatura Laurence Buell, da Universidade de Harvard em sua publicação *The*

Environmental Imagination, e mesmo que de forma vaga, conceitua a ecocrítica “como estudo da relação entre a literatura e o meio ambiente conduzido num espírito de elogio a práxis ambientalista”¹². (Tradução nossa), (BUELL, 1995, apud UNIQUE, 2017).

Para outros estudiosos ecocríticos como Camasca (2020), em sua tese, **Ecocrítica y poesía política en *Cenizas en la aurora***, observa que a ecocrítica tem-se definido como “um termo que alterna entre expressões como ecologia da literatura, estudos literários ambientais, estudos literários ecológicos, crítica ecológica, crítica ambiental”¹³ (tradução nossa) (CAMASCA, 2020, pp. 15-16).

Os ecocríticos, por sua vez, perceberam a necessidade de a teoria da literatura interagir com as questões ambientais, tanto que, em 1996, Cheryll Glotfelty publicou *Ecocriticism Reader*, do qual emergem textos literários voltados para a crítica ambiental, cuja obra tornou-se referência para a disciplina. Na introdução de sua obra, Cheryll, assim define a ecocrítica:

[...]. Dito em termos simples, a ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrada na Terra.¹⁴ (GLOTFELTY, 1996, p. xix).

Nesse viés, compete-nos questionar qual o objetivo da ecocrítica? Essa corrente teórica está confessadamente interessada em analisar como a natureza está representada nos textos literários. Esse interesse surgiu dos questionamentos formulados por Glotfelty (1996), quanto à concepção de mundo natural em que foi se modificando no decorrer do tempo, como a ciência se revela para a literatura, de que forma os estudos literários se entrecruzam com

¹²UNIQUE [...] “as study of the relationship between literature and environmental conducted in a spirit of commiment to environmentalist praxis” [...] (Ecocrítica, ambientalismo e educação literária: uma relação problemática. 2017, p. 81)

¹³ CAMASCA [...] El término alterna con expresiones como ecología de la literatura, estudios literarios ambientales, estudios literarios ecológicos, crítica ecológica, crítica ambiental. (CAMASCA, 2020, pp.15-15)

¹⁴ GLOTFELTY. Simply put, ecocriticism is the study of the relationship between literature and the physical environment. Just as feminist criticism examines language and ffterature from a gender-conscious perspective, and marxist criticism brings an awareness of modes of production and economic class to its reading of texts, ecocriticism takes na earth-centered approach to literary studies. (GLOTFELTY, Cheryll, 1996, p. xix)

o discurso ambientalista, bem como, com outras áreas afins, como a “história, a filosofia, a psicanálise, a história da arte e a ética”. (GLOTFELTY, 1996, p. xix).

A ecocrítica além de abranger aspectos políticos “como sugere a comparação com o feminismo e com o marxismo” (GARRARD, 2006, p. 14), traz em seu bojo uma abordagem interdisciplinar, estabelecendo em suas análises diversos “aspectos que envolvem a literatura e a ecologia” (NASCIMENTO, 2012, p. 88). Como bem observado por Garrard (2006), “o objeto da ecocrítica é a de estudo da relação entre o humano e o não-humano”. (GARRARD, 2006, p. 16).

Entre outras “teorias literárias e culturais contemporâneas”, a ecocrítica particulariza-se por se tratar de uma corrente teórica alinhada com a ciência da ecologia (Idem, p. 16). Para Garrard,

[...] a ecocrítica não pode dar uma grande contribuição aos debates sobre problemas de ecologia, mas pode ajudar a definir, a examinar e até resolver problemas ecológicos nesse sentido mais amplo, [...] encarar as contribuições para o debate ambientalista como exemplos de retórica. (GARRARD, 2006, p. 18).

Nesse mesmo sentido, assegura Camasca (2020), que a ecocrítica é uma nova tendência de crítica literária que busca entender “de que forma é a relação do ser humano com o meio ambiente representada nos textos literários e o que estes revelam sobre o comportamento do homem perante a natureza¹⁵” (Tradução nossa); (CAMASCA, 2020, p. 16). Para Heise (2005) existem uma gama de textos relacionados à ecologia que reclamam um olhar diligente e deslocador que examine a escrita sobre o nosso *oikos*, a fim de percebermos que o descaso ecológico está associado aos nossos hábitos de vida. (HEISE, 2005)

Confirma também o posicionamento de Garrard (2006), Camasca (2020) e Heise (2005), Feitosa; Silva (2020) ao afirmarem que “a literatura se torna fonte documental para uma abordagem dos estudos literários voltados para a Terra” (p. 17-36) visto que para os autores “o conceito de natureza” está imbricado com a cultura. (FEITOSA; SILVA, 2020, p. 17-36).

¹⁵CAMASCA. [...] de qué manera se representa la relación del ser humano con el medio ambiente en los textos literarios y qué revelan estos acerca de la conducta del hombre sobre la naturaleza. (2020, p. 16)

Para Henríquez (2014), a

ecocrítica responde a algo mais do que um slogan ou uma moda e pode ser uma fonte fecunda que fertiliza a crítica com novas perspectivas teóricas, com novas interpretações de textos literários canônicos ou com resgate de autores comprometidos ecologicamente e literariamente relevantes que foram esquecidos¹⁶. (Tradução nossa); (HENRÍQUEZ, 2014 p. 60).

A linha de pensamento exposta pelo autor sugere que a ecocrítica revise obras literárias com temáticas ecológicas e que lhes atribua um novo significado ou valoração e, vem endossar esse apontamento Richard Kerridge em *Writing the Environment* (1998), em que sugere uma ecocrítica cultural vasta:

O ecocrítico almeja rastrear as ideias e as representações ambientalistas onde quer que elas apareçam, enxergar com mais clareza um debate que parece vir ocorrendo, amiúde parcialmente encoberto, em inúmeros espaços culturais. Mais do que tudo, a ecocrítica procura avaliar textos e as ideias em termos de sua coerência e utilidade como resposta à crise ambiental. (apud GARRARD, 2006, p. 15)

Dessa forma, a Ecocrítica desponta como uma nova corrente literária que pretende trazer a luz dos debates às questões ambientais tão melindrosas para nossa sociedade contemporânea e, que a partir de Glotfelty pelos idos de 1990, época em que finalmente “os estudos literários ecológicos emergiram como uma escola crítica reconhecida” a saber, a Universidade de Nevada, Reno, creio que seja a primeira, espaço de Literatura e Meio Ambiente¹⁷ (tradução nossa) (HENRÍQUEZ, 2014, pp. 59-60).

Além desses aferimentos, o ecocrítico hispânico observa que somente a partir de 2010, com a publicação do primeiro número da revista *European Journal of Literature, Culture and Environment* (p. 61), é que se atestam a força e o atributo da Ecocrítica em estabelecer novos espaços de intercâmbio internacional correlatos “às relações entre literatura, demais artes e ecologia” (p.

¹⁶HENRÍQUEZ. [...] la ecocrítica responde a algo más que a una consigna o a una moda y puede ser una fuente fructífera que fertilice la crítica con nuevas perspectivas teóricas, con interpretaciones novedosas de textos literários canónicos o con o resgate de autores ecológicamente comprometidos y literariamente relevantes que han quedado en el olvido. (**Pertinencia de la Ecocrítica**. 2014 p. 60)

¹⁷ HENRÍQUEZ, 2014 “lá Universidade de Nevada, Reno, creó la primera plaza de Literatura y Medio Ambinete”

61).

Por conseguinte, Henríquez (2014) assevera que:

A relevância da ecocrítica vai muito mais além do poder que tem mostrado para trazer seu interesse acadêmico pelas relações entre literatura e meio ambiente. Ao declarar sua preocupação extraliterária como pilar básico de seus fundamentos, a ecocrítica coloca em primeiro plano o velho assunto do compromisso histórico da literatura e oferece uma excelente oportunidade para superar seu tratamento polarizado, [...]. (MARRERO HENRÍQUEZ, 2014, p. 61)

Pela perspectiva fomentada por Henríquez (2014), assinalamos o compromisso da Ecocrítica como escola literária, seu interesse e suas possibilidades no campo da crítica literária, posto que

O fundamento do enfoque ecocrítico reside, finalmente, em entender que o ser humano e seu entorno natural e social constituem uma unidade complexa e inseparável, um conjunto de relações (oposições, interdependências, solidariedades) necessárias e dinâmicas, presentes em cada momento e em cada ato singular¹⁸. (Tradução nossa); (GONZÁLEZ, 2010, pp. 107-108)

Assim, no enfoque posto por González, a Ecocrítica tende a esmiuçar a complexa relação humana com seu entorno, seja natural ou social, porque entende que ambos subsistem numa teia de afastamentos e aproximações. Não há como separar o meio ambiente natural ou social do sujeito humano, posto que este é integrante desse meio. Dessa forma, a ecocrítica pretende percorrer nessa trama de relações contidas nas produções culturais em que retrata Bula (2010):

Um dos principais objetivos da ecocrítica é indagar nas produções culturais, no imaginário coletivo qual é o papel que ocupam os bosques, as águas, o vento.... De que maneira moldamos e percebemos a natureza como sujeito coprotagonista da ação principal ou como telão de fundo alheio à vontade do ser humano¹⁹ (apud TORTONDA, 2018, p. 15).

Nessa contextura, não pretendemos exaurir os objetivos e características

¹⁸ GONZÁLEZ, 2010. Em seus escritos: *Globalización, ecología y literatura. Aproximación ecocrítica a textos literarios latino-americanos*. O autor analisa práticas textuais latino-americanas em que apresentam a relação humana com a natureza. Indaga sobre as relações do sujeito com seu meio e a presença de uma consciência ecológica ativa.

¹⁹ TORTONDA, 2018. Tese de Doutorado *El estudio y la didáctica de la Literatura desde una perspectiva ecocrítica y sus nexos con la educación ambiental, patrimonial y de género*. Universidad de Extremadura.

da ecocrítica, visto não ser tão fácil tal tarefa, mas entendemos que a ecocrítica é “um instrumento interdisciplinar através do qual analisar, reinterpretar e potencializar as relações que estabelecemos com o nosso entorno”²⁰ (Tradução nossa) (TORTONDA, 2018, p. 15). Na concepção de Mújica (2007), a ecocrítica:

Tem que se tornar uma <<entidade envolvente>>. Cada trabalho ecocrítico é como a peça de um grande quebra-cabeça, portanto, abordagens ecocríticas podem ser teóricas, históricas, pedagógicas, analíticas, psicológicas, retóricas e até mesmo uma combinação de todas ao mesmo tempo. O ecocrítico tem que ser um pouco geógrafo, historiador, leitor de paisagens e conhecedor do mundo material. Incluindo uma abordagem interdisciplinar, o ecocrítico recontextualizará a literatura dentro de situações físicas fundamentadas na vida, no pensamento e na ação (Tradução nossa; (MÚJICA apud TORTONDA, 2018, p. 15).

4.2. MANIFESTAÇÕES TROPO-ECOCRÍTICAS: PERSPECTIVAS TROPOLÓGICAS

Em sua obra, *Ecocrítica*, Greg Garrard (2006) declara que seu objetivo aspira “[...] ler a cultura como retórica, embora não no sentido estrito entendido pelos retóricos, mas como a produção, a reprodução e a transformação de metáforas em larga escala” (p. 19). Para tal, Garrard perscruta metáforas, a qual nomeia de tropos, explorando especificamente o que estas revelam quanto às posições políticas “ainda que ambivalentes, às vezes - ou como atendendo a determinados interesses sociais” (p. 19).

O primeiro tropo em que o ecocrítico analisa é o da “pastoral”, que segundo Garrard “é o mais profundamente arraigado deles” (p. 30) e, [...], porque dedica uma forma peculiar de perceber e interpretar a natureza (NASCIMENTO, 2012, p. 90). Destarte a pastoral ter

[...] suas raízes no período clássico [...] mostrou-se maleável para fins políticos diferentes, e potencialmente em suas tensões e evasões. Entretanto, sua longa história e sua ubiquidade cultural significam que o tropo bucólico deve continuar e continuará a ser de interesse fundamental para os ecocríticos. (GARRARD, 2006, p. 54)

Garrard (2006) preocupa-se em explicar a tradição “pastoril” e detalhar sua importância para as questões ambientais. Gifford (apud Garrard, 2006, p. 54) dispõe três tipos de expressões da pastoral: a *primeira* busca uma espécie de bálsamo e consolo no campo, ou mais precisamente uma fuga da balbúrdia

do ambiente urbano; *a segunda*, a pastoral apresenta uma polarização clara ou velada entre o campo e a cidade e, *a terceira* demonstra certa repulsa pela vida campestre, ou seja, “um sentido pejorativo, no qual “pastoral” implica uma idealização da vida rural que obscurece as realidades do trabalho e das agruras do campo” (pp. 54-55).

Essas expressões da pastoral²⁰ podem ser mais bem compreendidas por meio da classificação exposta por Garrard (2006):

- a) a pastoral clássica, a pastoral romântica e a pastoral pejorativa (norte-americana). A pastoral clássica, na visão de Garrard (2006), “precedeu em milhares de anos a percepção de uma crise geral na ecologia humana” (p.55);
- b) A pastoral romântica entendida por Gifford (apud Garrard 2006, p. 55), notadamente evidencia às oposições entre o campo e a cidade “numa época em que a urbanização em massa tornou-se relevantes esses contrastes para um número muito maior de pessoas do que antes” (p. 55);
- c) Já a pastoral de sentido pejorativo, originou-se em meio às críticas ao romantismo, advindas dos críticos marxistas, que por sua vez, Garrard (2006), ressalta que isso, “proporciona um terreno fértil para contrastarmos essa tradição crítica da cultura com a Ecocrítica” (p. 55).

Além dessas variantes, a pastoral aponta para três diretrizes em matéria de “tempo”, visto que “nem sempre tem de ser nostálgica, mas pode ser utópica ou proléptica” (p. 60). Dessa forma, o tropo pastoral correlatas ao tempo, assim subdivide-se em: “a elegia volta o olhar para um passado desaparecido, com um sentimento de saudade; o idílio celebra um presente generoso; a utopia almeja um futuro redimido” (p. 60).

Garrard (2006) é enfático em suas ponderações quando adverte que “os ecocríticos tendem a ser sumamente desconfiados da pastoral, embora não se disponham a prescindir inteiramente da crítica implícita da sociedade contemporânea que ela pode oferecer” (p. 84), sendo que nesse escopo “a

²⁰ REIS, Vanda Cristina Domingos, 2008, p. 13. “A definição mais comumente utilizada para definir pastoral, visto contemplar algumas das principais características do género, nomeadamente, ser derivada dos clássicos gregos e romanos, ter como cenário a vida do campo e ter como protagonista o pastor”.

ambivalência da pastoral não é eliminada, mas antes ampliada pelas interpretações ecocríticas” (p. 80).

Nessa direção, a pastoral requer atenção redobrada e torna-se um vasto campo para os debates que buscam tirar o véu para compreender os desvios da pastoral que sustém “a ideia da natureza como um contraponto estável e duradouro à energia e à mudança [...] das sociedades humanas” (p. 85). O autor alerta que utilizar a “metáfora da natureza como máquina harmoniosa e estável” (p. 85), que não se deterioraria ao longo do tempo, esculpiu movimentos ambientalistas. Entretanto, Collen Clements afere que o argumento de natureza como máquina harmoniosa não vai além “de um conto de fadas de um ecossistema de harmonia conquistada e inalterável” (apud Garrard, 2006 p. 86).

Sem dúvida, o ecologista desmascara o discurso de natureza harmoniosa e ressalta a complexidade dos ecossistemas que envolve mudança e estase:

O equilíbrio ou estase não é [...] um sistema sereno, bem tramado e de funcionamento regular, mas um sistema que representa muitas quebras de estase, compensadas pela introdução de novos elementos que mantêm as oscilações dentro de certos limites críticos. (CLEMENTS, apud GARRARD, 2006, p. 86-87).

É nesse contexto que emerge a “ecologia contemporânea para criticar uma retórica supostamente ecológica” (Garrard, 2006, p. 85), que ainda se fundamenta em “modelos científicos ultrapassados e mal compreendidos” (Idem), que se contrapõe ao pensamento de Clements que, “segundo a qual os ecossistemas perturbados seriam prontamente colonizados por espécies “pioneiras”, robustas e de crescimento rápido” (CLEMENTS, apud Garrard, 2006, p. 85).

Assim como Clements, outros ecologistas aderiram a esse pensamento, que conforme Garrard (2006), “era essencialmente, uma versão pastoral, [...] que postulava um estado harmonioso e estável da natureza” (p. 86). Brewer observa que uma “correlação entre estabilidade e diversidade biológica são ambíguos” (Apud Garrard, 2006, p. 87), visto que certas comunidades de águas termais, muitas vezes são estáveis, ao passo que outros ecossistemas instáveis, “parecem gerar a diversidade exatamente por sua mutabilidade”, aqueles que são “banhados com níveis oscilantes de água” (ibidem).

Ademais, é nesse contexto de contrassenso e contraste entre

A ecologia pastoril popular, ainda aliada a ultrapassados modelos clementsianos de harmonia e equilíbrio, e a nova ecologia pós-moderna, exemplificada pelo trabalho de Daniel Borkin, que enfatiza que “a natureza imperturbada não é constante em sua forma, estrutura ou proporção, mas se altera a cada escala de tempo e do espaço” (1992, p. 62). Claramente, nem todas as mudanças são desejáveis, mas, ao contrário do conceito de clímax de Clements, a ecologia pós-moderna recorre a valores humanos para discriminá-las, em vez de apelar para a objetividade ilusória de um estado supostamente autêntico ou prístino da natureza. (GARRARD, 2006, p. 87)

Na sequência exposta por Garrard (2006), passaremos às discussões sobre o segundo tropo, o “*do mundo natural*” em que representa “a natureza em estado não contaminado pela civilização” (p.88), constituindo dessa forma, “o mais poderoso constructo da natureza de que dispõe o ambientalismo do Novo Mundo” (p. 88), posto que “o mundo natural tem valor quase sacramental: guarda a promessa de uma relação autêntica e renovada da humanidade com a terra [...]” (ibidem).

A temática do mundo natural é fundamental nos questionamentos instituídos pela ecocrítica “sobre o *status quo* dos estudos literários e culturais” (ibidem) na proporção em que essa corrente literária não coparticipa dos ideais “sociais das ciências humanas tradicionais” (Idem), muito embora “as narrativas sobre o mundo natural partilham com a narrativa natural pastoral típica o tema da fuga e do retorno” (ibidem).

Não obstante, a concepção de mundo natural adquire conotações tão diversas, que não são poucas e, às vezes que solapam e reduzem o sentido de natureza, vagueando entre significados de diversas correntes filosóficas e culturais que vão desde o perigoso e sublime, ao belo e assombroso. Nesse sentido, Cronom (1996) promove uma visão Ecocrítica mais cética e menos devota ao ressaltar o problema do mundo natural:

O mundo selvagem é a antítese natural e não decaída de uma civilização antinatural, que perdeu a alma. É um lugar de liberdade em que podemos resgatar o eu que perdemos para as influências corruptoras de nossa vida artificial. Acima de tudo, é a paisagem suprema da autenticidade. (Apud GARRARD, 2006, p. 103)

Por sua vez, Garrard com muita cautela pondera que:

Essa visão tem consequências perniciosas para nossas concepções da natureza e de nós mesmos, porquanto sugere que a natureza só é autêntica quando estamos inteiramente ausentes dela. Muitas vezes, essa “pureza” é adquirida ao preço de uma eliminação da história humana, rigorosamente tão minuciosa quanto a realizada pela literatura pastoral. (GARRARD, 2006, p. 103)

A concepção de um mundo natural intocável é precisamente controversa e equivocada no entendimento do ecocrítico, pois essa representação de mundo natural puramente intocável

[...] nos exonera de adotar uma abordagem responsável de nossa vida cotidiana: com efeito, nossa vida profissional e doméstica é irredimível nos termos desse ideal, de que as atividades que desenvolvemos nela escapam a um exame rigoroso. (CRONON, apud GARRARD, 2006, p. 104)

A ecocrítica norte-americana correu o risco de aliar-se aos ideais da ecologia profunda quando enaltece o sentido de mundo natural, cujo objetivo era “a promoção de uma poética da autenticidade na qual o mundo selvagem é a pedra de toque” [...], mas sim promover a poética da responsabilidade, que toma por guia a ciência ecológica, e não o panteísmo” (GARRARD, 2006, p. 105).

Notamos, portanto que a temática do mundo natural ganha relevo nos debates ecocríticos pelo viés da poética da responsabilidade, ao contrário da poética da autenticidade. É através de desse fio condutor que a ecocrítica destaca:

O problema fundamental da responsabilidade não está no que somos, como seres humanos, nem em como podemos “ser” melhores, mais naturais, primitivistas ou autênticos, mas no que fazemos. A ecocrítica não buscaria, portanto, um discurso mais verdadeiro ou esclarecedor sobre a natureza, porém uma retórica mais eficaz de transformação e amenização. (GARRARD, 2006, pp. 105-106)

Podemos intuir que o tropo do mundo natural é um campo fértil para as discussões da Ecocrítica que ressalta a importância da poética da responsabilidade, e ao mesmo tempo, um tema em que surgem ideias paradoxais acerca da natureza em que se identifica “com atividades [...] de lazer que vendem a autenticidade”, além disso, “mistificam o consumismo industrializado que as possibilita” (pp. 105-106). Nesses termos, elucida-se que “uma das formas de nos protegermos desse risco é subvertermos a construção

dualista do mundo natural e da civilização”, de forma que é crucial “trazer o mundo “natural” para mais perto” (GARRARD, 2006, p. 121).

Garrard (2006) arremata o tropo do mundo natural citando Snyder (1999):

Podemos desfrutar de nossa humanidade, [...] seus anseios sociais e seus acessos de teimosia, e nos tornarmos por nada além de mais um ser no Grande Divisor de Águas. Podemos aceitar uns aos outros como semelhantes descalços, que dormem no mesmo chão. [...] A natureza selvagem exige que aprendamos a conhecer o terreno, cumprimentemos todas as plantas, animais e aves, cruzemos o vau dos rios e atravessemos as cordilheiras, e que contemos uma boa história ao voltar. (SNYDER apud GARRARD, 2006, p. 122)

O tropo ecocrítico apocalipse, termo originário “do grego *Apo-calyptein* que significa desvelar” (THOMPSON, apud GARRARD, 2006, p. 124), também é reconhecido como apocalípticas, narrativas seculares. Esse gênero constituiu-se de grande relevância para a retórica ambientalista contemporânea porque “liga-se à imaginação”, aquilo que “ainda está por vir” [...] e, “trata-se de um gênero nascido da crise”. (GARRARD, 2006, p. 125), isto é, “uma retórica que tem de agitar essas crises até levá-las a proporções apropriadas ao fim dos tempos” (Idem).

O’Leary (1994) insinua que as apocalípticas são emolduradas por uma “estrutura de aceitação” que pode ser “cômica ou “trágica” (p. 125), e que por esse viés:

A tragédia concebe o mal em termos de culpa; seu mecanismo de redenção é a vitimação, e sua trama avança inexoravelmente para o sacrifício e para o “culto da matança”. A comédia concebe o mal não como culpa, mas como erro; seu mecanismo de redenção é o reconhecimento, em vez da vitimação, e sua trama não se move em direção ao sacrifício, mas à denúncia da falibilidade (O’LEARY apud GARRARD, 2006, p. 125).

Dessa forma, o drama do apocalipse “é a mais poderosa metáfora-mestra de que dispõe a imaginação ambiental contemporânea” (BUELL apud GARRARD, 2006, p. 134) e que, ao mesmo tempo, o apocaliptismo ambiental reflete uma crise ambiental escatológica sinistra e brutal que “oferece pouca esperança de que a catástrofe possa ser evitada, porque a ameaça que descreve é muito disseminada e irreversível” (BUELL apud GARRARD, 2006, p. 136).

Morin (1996) reforça esse pensamento quando afere sobre a profecia²¹ de tons apocalípticos “que o crescimento industrial leva a um desastre irreversível, não só para o ambiente natural como um todo, mas também para a humanidade”. Porém o apocaliptismo ambiental assim como o milenarismo cristão “teve de enfrentar o constrangimento das profecias fracassadas, ao mesmo tempo que não pôde abrir mão inteiramente desse tropo” (GARRARD, 2006, p. 143), visto que o apocaliptismo ambiental “nada tem a ver com uma previsão do fim do mundo, mas com a tentativa de evitá-lo por meios convincentes” (GARRARD, 2006, p. 141).

Contudo a história do apocaptismo e a teoria da retórica não potencializa a distinção entre profecia e exortação, mas a postura retórica adere a distinção clássica entre *ethos*, *logos* e *pathos*. O *ethos* “deriva diretamente de sua condição de cientista, capaz de extrapolar hipóteses testadas justamente para o tipo de previsões, ou *logos*” (GARRARD, 2006, p. 142) e *pathos* “não decorre inteiramente de afirmações falsificáveis, mas tampouco pode ser completamente separado delas” (Idem), isto é, apoia-se no potencial afetivo.

Além desses aspectos pontuados até o momento acerca da retórica apocalíptica que inegavelmente afigura-se como um ingrediente necessário do discurso ambientalista, “capaz de eletrizar os militantes, converter os indecisos e, quem sabe [...] Influenciar o governo e a política comercial [...], consegue beber em mananciais profundos de sentimento apocalíptico popular e literário” (GARRARD, 2006, p. 149), mas também porque consegue influenciar os meios de comunicação que:

Frequentemente noticiam as questões ambientais como catástrofes, não só porque isso gera dramaticidade e a possibilidade de interesse humano, mas também porque o noticiário informa com mais facilidade sobre eventos do que sobre processos. O apocalipse proporciona um quadro de referência emocional carregado, no qual questões complexas de longo prazo são reduzidas a crises monocausais, que envolvem conflitos entre grupos reconhecidamente opostos” (GARRARD, 2006, p. 149).

Nesse contexto, é um dever da ecocrítica apreciar o consenso científico,

²¹MORIN, Edgar (1996). El Pensamiento Ecologizado. *Gazeta de Antropologia*, 12: 12-16. O autor comenta que nos anos 1969-1972, a consciência ecológica suscita uma profecia de tons apocalípticos. Anuncia que o crescimento industrial conduz a um desastre irreversível, não somente para o conjunto do meio natural, mas também para a humanidade.

posto que:

O verdadeiro desafio moral e político da ecologia talvez esteja na aceitação de que o mundo não está prestes a acabar e de que é provável que os seres humanos sobrevivam, ainda que a civilização de estilo ocidental não o faça. Afinal, somente se imaginarmos que o planeta tem um futuro é que tenderemos a assumir a responsabilidade por ele (GARRARD, 2006, p. 153).

Além disso, Ehrlichs endossa que “não sustenta a concepção trágica tradicional de um único e catastrófico “fim dos tempos” (apud GARRARD, 2006, p. 153), embora sua visão não repousa no otimismo. E, para Morin (1996), uma boa profecia suscita, justamente, as reações e as lutas que evitam a catástrofe”²².

4.3. A NATUREZA PARA A ECOCRÍTICA

A ideia de natureza para a ecocrítica é radicalmente contrária à forma em que a humanidade tem assumido sua interconexão com ela. A ecocrítica joga as suas fichas em defesa dos valores ambientais e, “chama atenção para o modo como nossa interferência na natureza se repercute sobre nós próprios e como a destruição da natureza significa a destruição dos seres humanos”²³ (tradução nossa); (MENDES, 2020).

Nesse contexto, Camasca (2020) observa que não apenas existe uma grande diferença de concepção entre o pensamento arguido pela Ecocrítica e o pensamento da humanidade, mas também “quanto ao verdadeiro significado da natureza, especialmente no fato de que o homem é parte da natureza e não que a natureza seja sua extensão e domínio, como foi considerado erroneamente”²⁴ (CAMASCA, 2020, p. 19).

Dessarte, a Ecocrítica apoia ações e relações de responsabilidade com a natureza, através de uma concepção holística, esta pois compreende a essência dessa vertente literária, da qual prevê que uma relação entre o ser humano, seu entorno e outros seres tem caráter indissociável, conforme profere Bula:

²² MORIN, Op cit., 1996

²³ MENDES, M. C., 2020. No Princípio era a Natureza: percursos da ecocrítica. *Anthropocênica. Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica* 1. Pp. 91-104

²⁴ CAMASCA, 2020. Op cit.

O pensamento ecológico é necessariamente holístico; contempla a relação entre partes e o todo e entre partes aparentemente distantes, e contempla causalidades bidirecional e circular. A perspectiva holística não é exclusivamente circunscrita às relações entre minerais, animais e plantas, mas deve abranger (se for para compreender seu objeto de estudo) o mundo humano²⁵ (BULA apud CAMASCA, 2020, p. 19).

Observamos dessa forma, a impossibilidade de separar o ser humano e não humano, pois essa estreita relação não é por acaso, mas floresce de uma inter-relação que pode ser entendida a partir de uma lente holística, indispensável para a compreensão de vínculos bem mais profundos. Pois ao contrário disso, o ser humano continuará fazendo “uso predatório do meio ambiente em função do consumismo desordenado é a destruição da própria vida” (COELHO, 2007, p. 141).

Nessa mesma linha, Sanahuja (2012) defende que

A capacidade de resistência da comunidade de vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável, com todos os seus sistemas ecológicos, uma variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo (SANAHUJA, 2012, p. 56).

No pensamento exposto no excerto acima por Sanahuja (2012), acerca dos princípios da *Carta da Terra*, confere ao ser humano maior responsabilidade e preocupação com os bens naturais, pois de fato “a proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado” (SANAHUJA, 2012, pp. 56-57).

Assim, na visão holística, deve-se considerar toda a vida na Terra, compreendendo seres humanos e não humanos que fazem parte de uma rede social, em que cada qual cuida um do outro. Porém, para “alcançar o entendimento e conseqüente empatia com a flora e a fauna, a educação do homem é fundamental para alcançar a sensibilização e então a consciência”²⁶ (tradução nossa); (CAMASCA, 2020, p. 19).

Conforme a abordagem anterior, o ser humano estabelece laços com a natureza, os quais definem a valorização do meio ambiente e também a forma como este se relaciona com ela. E sobre isso, assim reflete Bula:

²⁵ CAMASCA, 2020, Op Cit.

²⁶ CAMASCA, 2020, Op. Cit.

A visão da natureza de uma cultura - tanto no abstrato quanto nas instâncias concretas - a visão que se tenha das relações entre o ser humano e a natureza e sua ideia do lugar do ser humano no mundo afetará a maneira como essa cultura se comporta em relação ao mundo natural (Tradução nossa); (BULA, apud CAMASCA, 2020, p. 21)

Vejamos que, para Bula (2010), a concepção de natureza advém da cultura e pode influenciar a forma como esta se relaciona com o meio natural. Flys (2010) manifesta a importância de idear uma revolução “na cultura ecológica mediante uma concepção do meio ambiente, do indivíduo e da sociedade” (Apud CAMASCA, 2020, p.20). E, para isso, seria necessário desenvolver ações educativas que contribuam para a mudança de conceito referente aos cuidados da natureza e entre estas, a pesquisadora elege a literatura.

Fígares; García-Rivera (2017) destacam que:

E a literatura é, obviamente, um espaço privilegiado [...]. Do ponto de vista da ecocrítica, o debate continua sobre os conteúdos desta "nova" educação literária. Ensinar / aprender com a literatura ainda é, sempre será, uma luta [...]. Permite-nos aceitar a leitura ecológica, em sentido de uma leitura com finalidades específicas, onde os conteúdos são especialmente seletivos, ao abordar questões ou tópicos, por exemplo de ecossistemas. A outra visão, mais próxima do ecocriticismo, é que poderíamos realmente fazer uma “leitura ecológica” de quase qualquer texto, a fim de variar a forma de abordar o texto, educar o “olhar”²⁷ [...]. (Tradução nossa); (Apud CAMASCA, 2020, p. 20).

A Ecocrítica como corrente literária propõe a leitura ecológica de textos literários para fins educativos, na qual questione as formas culturais em que a humanidade tem instituído e por sua vez, nem sempre são positivas, mas que tem produzido ao longo da história humana um pensamento errado sobre a valoração da natureza. Nesse sentido, cada vez mais a humanidade compreende a natureza de forma utilitarista e escrava de seus desejos, como profere Bula (2009):

Nossa cultura certamente é deficiente nesse aspecto; tendemos a ver a natureza de forma antropomórfica e antropocêntrica [...]. Aqui está a relevância dos ecocríticos; na defesa das visões do homem e da natureza que, transformando a nossa cultura, transformem a forma como ela atua diante de natureza²⁸ (tradução nossa); (Apud CAMASCA, 2020, p. 21).

²⁷ CAMASCA, 2020, Op. Cit.

²⁸ CAMASCA, 2020, Op. Cit.

Nessa perspectiva, a Ecocrítica orienta que a cultura humana tenha ações responsáveis diante da natureza, de forma que possa repensar sua compreensão e assuma o meio ambiente, a fim de superar o pensamento antropocêntrico que visa unicamente o uso de bens naturais como benefício econômico para a humanidade. Precisamos compreender que não somos separados da natureza, mas somos parte dela. Assim, para os estudos ecocríticos é essencial questionar essa herança antropocêntrica, como discorre Bula (Apud CAMASCA, 2020, p. 22):

[...] Denunciar o antropocentrismo é denunciar o que, em nossa concepção de mundo, dá muito peso aos assuntos humanos ou desdenha essas relações importante que temos com o mundo natural, do qual somos um produto, que nos sustenta e que pode dar satisfação emocional e sentido às nossas vidas.

Superar a crise ecológica atual e restaurar o planeta, perpassa primeiramente pela compreensão e disposição de todo indivíduo, habitante deste planeta seja “capaz de “ler” seu ambiente e interpretar as relações, os conflitos e os problemas aí presentes” (CARVALHO, 2015, p. 75).

4.4. A NATUREZA NA LITERATURA DE CORDEL PATATIVIANA

Para entendermos a temática da natureza na literatura de cordel, antes será necessário discutirmos a importância da literatura em nosso cotidiano, considerando o contexto atual em que o ser humano “vivencia a velocidade da tecnologia e é estimulado pela instantaneidade das imagens constantemente rescendem-se as discussões sobre o lugar da literatura em tal contexto” (MORAES, 2010, p.1). Nesse sentido, questionamos o que é literatura e qual a sua importância para a cultura e identidade de um povo.

Posteriormente caminharemos por entre os conceitos de poesia popular e literatura de cordel, para em seguida refletirmos a temática da natureza ou meio ambiente na produção artística brasileira, em especial no cordelista nordestino “Antonio Gonçalves da Silva, bem como sua autobiografia, ele que é reconhecido como um dos principais representantes da cultura popular nordestina” (NOGUEIRA, 2017, 174), o poeta e camponês Patativa do Assaré.

Para o crítico Antonio Candido (2011), a literatura se constitui desde a

maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (P. 176).

Nas palavras do autor, a literatura como manifestação universal sempre existiu em todas as sociedades e em todas as épocas porque “não há povo e não há homem que possa viver sem ela” (Idem) e compara dizendo que “assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (p. 177).

O professor Pilati (2018) argumenta que a “literatura é a transfiguração da realidade, ou seja, que ela é uma forma de conhecimento da vida humana” (p. 38), pois permite o sujeito interpretar a realidade com todas as suas contradições, na medida em que o coloca frente às questões aparentemente incontornáveis “[...] aos nossos olhos de sujeitos sociais” (Idem).

Para Platão, a literatura apresentava-se como uma ameaça à ordem social do mundo grego, tanto que em seu Livro X de A República, o autor propõe a expulsão dos poetas de Atenas. Esse fato nos leva a reconhecer a força da literatura na formação do sujeito (TODOROV, 2020, p. 8), como explica Candido (2007) ao entender a literatura como fonte de conhecimento capaz de “confirmar a humanidade do homem” (p. 81).

Em outro momento, quando o autor discute o papel da literatura como função psicológica, argumenta que a produção literária se baseia “numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certo é coextensiva ao homem” (p. 83). Assim como o ser humano necessita de outras coisas que lhe são básicas, também necessita da literatura em todas as fases da vida atingindo desde o analfabeto ao mais instruído.

Além desse aspecto, o crítico ao analisar a questão do devaneio²⁹ em Gaston Bachelard conclui seu raciocínio se referindo à função da literatura como

²⁹ CANDIDO, Antonio (2007, p. 83). “Gaston Bachelard procurou investigar como ele ia surgindo duma espécie de progressiva depuração, a partir da ganja imaginativa do devaneio, - que seria um estado de passividade intelectual a ser anulado. Mas aos poucos o devaneio lhe foi aparecendo, não apenas como etapa inevitável, ou solo comum a partir do qual se bifurcam reflexão científica e criação poética, mas a condição primária de uma atividade espiritual legítima. O devaneio seria o caminho da verdadeira imaginação, que não se alimenta dos resíduos da percepção e, portanto, não é uma espécie de resto da realidade; mas estabelece séries autônomas coerentes, a partir dos estímulos da realidade [...]”.

“integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência da realidade” (p. 84), porquanto as “criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos” (Idem), de modo que a nossa personalidade pode ser modificada até mesmo nas camadas mais profundas.

Nesse contexto, propalado por Candido (2007) acerca do papel e da função humanizadora da literatura é que se inscreve a literatura de cordel³⁰ como cultura popular que, segundo Nogueira (2017) é “sinônimo de cultura do povo, refere-se a uma prática própria de grupos subalternos da sociedade” (p. 174), por essa razão “[...] as culturas populares são culturas de contestação” (CUCHE; PEREIRA; GANDRA, 1999, p. 149).

Ainda com referência ao conceito de cultura popular, ela similarmente

[...] pode ser entendida por meio de suas práticas, cotidiano e costumes. Com isso, tais conteúdos e subjetividades podem revelar muito acerca de como esses sujeitos enxergam o mundo e de como suas histórias são vividas. A literatura de cordel do sertão é um exemplo em que se pode notar uma riqueza de revelações sobre a região que representa. Afinal, o indivíduo participante daquela própria realidade narra sua existência próxima (SILVA; SANTOS, 2021, p. 35).

Dessa forma, a poesia popular sertaneja está agregada às “subculturas”, por estar em terreno oposto a outros sistemas culturais vigentes como a cultura da classe dominante, abrindo espaço para a cultura popular ser entendida a partir do conceito de classe dominante e da classe dominada (CUCHE; PEREIRA; GANDRA, 1999, p. 110). Sabemos que a classe dominante, normalmente coloca a produção artística de classes inferiores como cópia ou reprodução das classes superiores. Todavia esse conceito pode estar envolto de preconceito que facilmente podemos repudiar, “[...] uma vez que a cultura popular é vista como criação repleta de riqueza simbólica e de igual importância no meio cultural” (SILVA; SANTOS, 2021, p. 36).

A partir desse terreno de forças opostas entre dominantes e dominados, a cultura popular tem necessidade de abrir espaços para criar sua própria arte

³⁰ RABECHI JR, Arlindo (2020, p. 171) “a gênese da literatura de cordel esteve atrelada às apresentações orais de poemas. Conhecidas como espetáculos de cantorias, tais apresentações poderiam acontecer em diversos espaços da vida pública e privada. Cantadores perambulavam por engenhos, casas-grandes e feiras, bem como também podiam se apresentar em mercados públicos, em festividades públicas que ocorriam em ruas e praças ou em festas privadas que podiam acontecer nas casas de localidades urbanas”.

como instrumento de resistência e de contestação. Assim, no entendimento dos autores a poesia popular tem um caráter sociológico tomando corpo nos poetas populares como Patativa do Assaré, pois “[...] há sempre a afirmação da regionalidade [...], carrega em sua essência os saberes, tradições e memórias populares, preservadas no formato escrito e oral” (RIBEIRO, apud SILVA; SANTOS, 2021, p. 36).

O próprio Patativa do Assaré deixou sua reflexão sobre os conceitos de poesia popular e assim explicou:

Eu sou um poeta popular, porque nunca estudei literatura. Uma poesia em forma literária, uma poesia erudita, é pra aqueles grandes, é para os literatos, esses poetas grandes, que estudaram, não sei o quê, bababá, e eu, pra provar que, mesmo sem o estudo, eu faço o que eu quero, porque Deus é quem quer, não sou eu, aí eu faço verso também assim em forma erudita (ASSARÉ: FEITOSA, 2009, p. 51).

Nesse sentido, o que emerge dessa discussão como elemento mais expressivo é o entendimento de que a poesia popular abarca a coletividade, tecida através das memórias regionais além da sua tradição oral. Segundo Silva; Santos (2021) “a literatura de cordel é democrática no sentido de ser também impessoal e fomentar a participação [...]” (p. 37). O poeta cordelista não canta somente seus problemas existenciais, mas busca elementos emprestados do povo.

É nesse universo da poesia popular que emanam com naturalidade temáticas e motivos correlatos à natureza e ao meio ambiente numa gama de “folhetos³¹ tão diferentes como os históricos e os maravilhosos, os religiosos e os satíricos, os poetas têm celebrado o sertão, a fauna e a flora, a serra, o sol e o mar do Brasil” (NOGUEIRA, 2012, p. 2). Convém sublinhar, nas palavras de Nogueira (2016), “os estudos literários nunca foram socialmente irresponsáveis” (p. 128).

Partindo desse pressuposto, observamos que os poetas identificados com o seu país, revelam que em vários ciclos “[...] a descrição emocionada da natureza é um convite à participação do leitor na grande “alma brasileira”, que

³¹ RABECHI JR, Arlindo (2020, p. 169). Os folhetos surgem, como registro escrito e prática editorial, em fins do século XIX. Sua gênese está ligada à prática de uma poesia oral cantada em diversos espaços públicos e privados no Nordeste brasileiro, marca que carrega até os dias atuais.

não pode prescindir da fruição estética das paisagens nem do conhecimento ativo dos recursos naturais e humanos que se lhe associam (NOGUEIRA, 2016, p. 129). Em Patativa do Assaré a descrição da natureza perpassa pelo reino animal, vegetal e mineral à “distopia, a lugar desabitado e de sofrimento para os habitantes, animais e humanos, que são obrigados a permanecer ou deslocar-se” (NOGUEIRA, 2012, p. 186).

Em sua pesquisa de dissertação Silva (2021), observa que a natureza em Patativa do Assaré é autossuficiente, muito embora exista uma relação muito íntima entre o ser humano e a natureza. Ao analisar o ato de criação da poética patativiana declara que a sua poesia é

[...] espontânea e rude como a semente que brota da terra, frágil, leve e, sobretudo, resistente ao se renovar através da transformação de semente à planta. Entendemos que há na percepção de Patativa a natureza descrita com a propriedade de um homem que nunca distanciou-se dela. Dessa maneira, a compreensão patativiana da natureza faz com que os elementos naturais e sua poesia se complementem (SILVA, 2021, p. 16).

Segundo a autora, a temática da natureza em Patativa se apresenta com alguma particularidade em relação a outros poetas, pois

os seus versos se misturam aos sons da natureza que o cerca e que fazem parte do seu cotidiano. Por certo, os elementos da natureza nordestina complementam sua poesia. Sem eles, os versos não representariam tão fielmente o sertão e o nordeste brasileiro (SILVA, 2021, pp. 20-21)

Outro aspecto observado pela pesquisadora em suas análises é a descrição da natureza em relação aos poetas românticos, enquanto nesses a natureza servia como espaço de refúgio, em Patativa ela se funde com os personagens e influencia suas vidas de forma significativa. Além disso, diverge dos românticos no quesito inspiração, “visto que a obra de Patativa do Assaré “nasce inriba do chão”, ou seja, ela própria surge da natureza chegando a fundir-se” (SILVA, 2021, p. 21).

Segundo Carvalho (2002), Patativa do Assaré ao representar a natureza em sua poética, faz de forma ímpar. Observemos:

Em Antônio Gonçalves da Silva, natureza não é apenas um jardim ou a ordem do que está ao nosso redor e onde nos inserimos. Nesse sentido seu discurso é antecipadamente ecológico, ao propor a fusão

do homem com a natureza, a integração de duas ordens que poderiam parecer complementares e que, em sua poética, se soltam na constituição de uma liga (p. 53).

Enfim, podemos concluir que a poesia popular de Patativa do Assaré é uma espécie de simbiose que é bem possível que possamos confundir vida e obra, tendo em vista sua poesia retratar a vida do homem do campo. Carvalho (2001) ao referir-se à relação do poeta com os elementos naturais, afirma que "Ele se sente parte da natureza, como se brotasse do chão, como as árvores de raízes sólidas" (Apud SILVA, 2021, p. 21).

A saber, essa característica marcante em Patativa deve-se à sua ligação com a terra natal, onde nasceu em Serra de Santana, uma região rural a 18 quilômetros do município cearense de Assaré em 5 de março de 1909. Antônio Gonçalves da Silva se "destacou pela coerência e pela fluidez de sua fala, maviosa como o cantar do pássaro que lhe serviu de epíteto, ao qual ele incorporou sua cidade como topônimo: Patativa do Assaré". (CARVALHO, 2011).

O poeta cearense é metaforizado como um "texto" por Feitosa (2003) por representar "um construto simbólico, estruturado e culturalmente localizado, simbolicamente produzido por diversas instâncias sociais [...]" (p. 9). Patativa se constrói pelos elementos sociais "(seca, miséria, sertão)" (Idem). Foi trabalhando a terra desde menino que se fez "intérprete de sua gente e porta-voz dos excluídos de todos os tempos" (CARVALHO, 2011, p. 9).

Desse modo, o espaço privilegiado é Serra de Santana, o lugar onde nasce o homem e o poeta que não deixou em branco a riquíssima paisagem do sertão nordestino: "a terra, as plantações, as serras e as nascentes [...] os pássaros e as folhas, o vento e a chuva, as marcas da sua terra natal [...]" (FEITOSA, 2003, p 9).

Patativa viveu entre as pequenas propriedades rurais e seu trabalho na roça fora realizado em condições primitivas, ele que sobreviveu entre o trabalho campestre como meio de subsistência tradicional para sertanejos daquela região, "e a composição de versos que superam as fronteiras do sertão" (NOGUEIRA, 2017, p. 175). Quem acreditou que seu destino fosse apenas trabalhar com uma agricultura de subsistência e com um baixo nível de escolaridade como seus pais se enganou. Antonio Gonçalves que se tornou Patativa do Assaré, analogia feita a uma ave muito comum do Cariri, contrapôs

a um futuro modesto para se tornar um mito da cultura popular.

Para Nogueira (2017) a força da poética patativiana

[...] decorre do vínculo existente entre o poeta, o sertão e o humilde caboclo. Seu canto nasce do cotidiano marcado pelo labor e pela fé. O carinho dos sertanejos pelo poeta e os cordéis escritos em sua homenagem são provas de que este se tornou um personagem-chave do panteão nordestino (p. 175).

Patativa mantinha seus versos na memória, negava a ideia de poeta de bancada, nome dado aos cordelistas brasileiros. Sua poética estava sujeita ao contato com seu ambiente natural, ela vertia durante a lida no campo e guardava tudo na memória: “É porque tenho uma memória, modéstia à parte é uma coisa quase como que rara, porque nunca encontrei quem tivesse a memória o quanto eu tenho” [...] (CARVALHO, 2009, p 65).

Em seus estudos, Gilmar de Carvalho afere se tratar de uma poética como canto de trabalho: “Patativa, na Serra de Santana, fazendo de seu ofício poético um canto de trabalho. Canto solitário e silencioso, ritmado pelo bater da enxada, [...] Patativa compondo seus poemas, sem lápis e sem papel, guardando tudo na memória” (2002b, p. 64-65).

Na avaliação de Nogueira (2017) o poeta Patativa do Assaré atraiu muita atenção pela sua poética marcada de denuncia social e “aguda consciência de classe” (p. 175), posto que o poeta se coloca “ao lado do povo oprimido, legitimando o direito da fala de homens histórica e social e economicamente explorados” (p. 182) com a sua linguagem matuta como em “A Terra é Naturá” (1978, 154-157):

Iscute o que tô dizendo,
Seu dotô, seu coroné:
De fome tão padecendo
Meus fio e minha muié.
Sem briga, questão nem guerra,
Meça desta grande terra
Umas tarefas pra eu!
Tenha pena do agregado
Não me dêxe deserdado
Daquilo que Deus me deu.

Nos versos, o poeta aponta as injustiças sociais empregando a linguagem matuta como meio de expressão para dar voz a sua gente e, ao povo sofrido contra a dominação dos grandes doutores e de classes dominantes. Patativa é

uma “figura emblemática da poesia popular, que, entretanto, compôs versos na norma padrão, até mesmo oitavas e sonetos” (NOGUEIRA, 2017, p. 184). Entretanto, ele se mostrava “muito sensível aos temas sociais, como a miséria, a fome, o êxodo rural, as crianças abandonadas, a seca, a reforma agrária etc.” (NOGUEIRA, 2017, p. 185). Patativa colocava-se como porta-voz das pessoas de sua região, como também daqueles excluídos economicamente, fosse da zona rural ou das cidades.

Nesse sentido, entendemos que a obra patativiana não é alheia às agruras do sertão e do sertanejo, ao contrário, o poeta sertanejo da cultura popular com maestria não mascara a problemática da região nordestina. De forma lúcida “cada vez mais afiado na crítica social e com uma compreensão generosa do mundo, tornou-se referência da poesia de todos os tempos” (CARVALHO, 2011, p. 17).

O camponês de mão calejada e grossa, mas de “fina sensibilidade, encontrava na comunhão com a terra, a força que seu verso emanava” (CARVALHO, 2009, p. 115). Seu corpo pequeno e miúdo, “[...] escondia uma força insuspeitável. Patativa foi (e será) sinônimo de poesia” (Idem). Em linhas gerais suas temáticas se desenvolvem no contexto do seu próprio fazer poético, vida e obra se fundem no processo poético.

5. MOSAICO ANALÍTICO DA POÉTICA PATATIVIANA

*ABC nem beabá
 No meu livro não se encerra.
 O meu livro é naturá
 É o má, o céu e a terra
 Cum a sua imensidade.
 Livro cheio de verdade
 De beleza e de primô,
 Tudo incadernado, iscrito
 pelo pudê infinito
 do nosso pai Criadô.*
 (ASSARÉ, apud CARVALHO, 2011, p. 59)

Nesse capítulo analítico, nossa intenção é analisar a relação ser humano-natureza, compreendendo no caso de nossa pesquisa, o *sertão nordestino* como espaço vivido e imaginado, ou seja, o “sertão” é o palco geográfico, histórico, econômico, cultural onde o poeta sertanejo se coloca como porta voz de seu povo através de sua poética que verte do chão do sertão. Nesse panorama, nosso interesse é observar como a Ecocrítica pode colaborar para o entendimento de questões ambientais e ecológicas, considerando que essa corrente teórica está confessadamente interessada em analisar como a natureza está representada nos textos literários.

A concepção de mundo natural foi modificando no decorrer do tempo de forma que Glotfelty (1996) foi impelida a questionar como a ciência se revela para a literatura, de que forma os estudos literários se entrecruzam com o discurso ambientalista, bem como com outras áreas como enfatiza Mendes (2020): “a natureza interdisciplinar da Ecocrítica supõe, portanto, a defesa de um diálogo entre as Humanidades e as Ciências” (P. 97).

Nessa dimensão, a ecocrítica além de abranger aspectos políticos, traz em seu bojo uma abordagem interdisciplinar, estabelecendo em suas análises diversos “aspectos que envolvem a literatura e a ecologia” (NASCIMENTO, 2012, p. 88), de maneira que o “objeto da ecocrítica é o estudo da relação entre ser humano e o não-humano” (GARRARD, 2006, p. 18).

A concepção de natureza para a ecocrítica se apresenta radicalmente contrária à forma em que a humanidade tem estabelecido sua interconexão com ela. Por essa razão, essa corrente literária vem em defesa dos valores ambientais e “chama atenção para o modo como a nossa interferência na natureza se repercute sobre nós próprios e como a destruição da natureza

significa a destruição dos seres humanos” (MENDES, 2020, p. 100), provavelmente é por essa razão que Love (2003) interpela que a Literatura precisa “tomar o mundo a sério” (Apud MENDES, 2020, p. 97).

Dessarte, a ecocrítica apoia ações e relações de responsabilidade com a natureza refutando o

uso predatório do meio ambiente em função do consumismo desordenado é a destruição da própria vida [...]. O homem, tomado mais pelo desejo do ter e do prazer, do que pelo ser e de crescer, consome de maneira excessiva e desordenada os recursos da terra e da sua própria vida [...] (COELHO, 2007, pp. 141-142).

É nessa perspectiva de abordagem ecocrítica que nossa análise pretende caminhar por entre versos e rimas, percorrendo os espaços de uma poética ecológica humanizadora com o objetivo de averiguar como está representado a relação sujeito-natureza nos poemas patativianos. Quais as pistas que denotam uma poética na contramão de uma sociedade consumista e desprovida de valores ambientais.

5.1. SERTÃO: UMA CASCATA DE RIMAS QUE BROTA DO CHÃO

A poesia de Patativa do Assaré enquanto cultura popular se constitui numa força oposta entre dominantes e dominados, pois tem necessidade de abrir espaços para criar sua própria arte como instrumento de resistência e contestação. Assim, para Silva; Santos (2021), a “poesia tem um caráter sociológico” (p. 36), pois “carrega em sua essência os saberes, as tradições e memórias populares” (RIBEIRO, Apud SILVA; SANTOS 2021, p. 36).

Nessa perspectiva, a poesia patativiana brota do chão e se mistura com as sementes de arroz, milho e feijão (CARVALHO, 2011, p. 33). É nesse espaço sertanejo que representa o imaginário narrado pelo poeta que vem sua inspiração; “*O meu verso tem chero/ Da poera do sertão;/ Vivo nessa solidade/ Bem distante da cidade/ Onde a ciência governa, / Tudo meu é naturá*” (ASSARÉ, 1978, p. 19).

O sujeito lírico expressa nos versos seu profundo conhecimento do lugar de sua vivência e exalta o espaço natural “*bem distante da cidade*” evocando a tradição da poesia pastoril ecocrítica em que o sujeito lírico prefere “o bálsamo

e consolo do campo, ou mais precisamente uma fuga da balbúrdia do ambiente urbano” (GIFFORD, Apud GARRARD, 2006, p. 54) “*onde a ciência governa*”. Não que o poeta negue a ciência e a modernidade, mas é no chão sertanejo o seu laboratório de criação, no mesmo lugar onde se ouve o ritmar da enxada. Segundo Gilmar de Carvalho (2009), “Patativa bodejava a poesia. Dava um jeito de ficar longe dos outros agricultores para poder se concentrar melhor e assim brotava poesia, à medida que trabalhava a terra” (CARVALHO, 2009, p. 168).

Dessa forma, a poesia na vida do poeta não faz parte somente da literatura, mas é também um modo de viver na participação, o amor, o fervor, a comunhão, a exaltação, [...] (MORIN; KERN, 2011, p. 169). O poeta inaugura uma nova forma de habitar a Terra, representada pelo sertão nordestino, pois através de sua poética ele habita poeticamente (Idem).

Com isso clarifica que o romance mostra a universalidade da condição do ser humano, ao passo que a poesia nos revela que

Habitamos a Terra, não só prosaicamente – sujeitos à utilidade e à funcionalidade -, mas também poeticamente, destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase. Pelo poder da linguagem, a poesia nos põe em comunicação com o mistério, que está além do dizível (MORIN, 2011, p. 45).

Nesse aspecto a poética patativiana evidencia um projeto de experiência que eleva a condição humana para o amor à natureza conforme os versos do poema “Cante lá, que eu canto cá” (2003), cujo contexto resume a visão do sertanejo não a que divide a cidade do campo,

mas entre suas formas de ser, as duas culturas, uma rural e outra urbana, com uma, a cultura urbana, invadindo avassaladoramente todos os rincões dos campos e gerando um conflito cultural de consequências incalculáveis para a cultura do povo. (ASSARÉ, 1978, p. 9).

Todavia, esse dado que contextualiza o poema “*Cante lá que eu Canto cá*” não interfere no objetivo desta análise, cujo teor envereda para a metáfora da germinação no processo poético patativiano.

[...]
 Meu verso é como a semente
 Que nasce inriba do chão,
 Não tenho estudo nem arte,

A minha rima faz parte
 Das obra da criação.
 [...]

 Canto as fulô e os abróio
 Com todas coisa daqui
 Pra toda parte que eu óio
 Vejo um verso se bulí
 Se as vêz andando no vale
 Atrás de curá meus male
 Quero repará pra serra
 Assim que eu óio pra cima
 Vejo um diluve de rima
 Caindo inriba da terra.
 (Cante lá, que eu canto cá, ASSARÉ, 2003, pp. 277-278).

Ao dizer: *Meus versos são como a semente/Que nasce inriba do chão*, a comparação é tecida pelo processo de germinação podendo somente ocorrer em condições ambientais favoráveis tal como os versos do poeta: “*A minha rima faz parte/ das obras da criação*”, ela é fruto do próprio chão sertanejo, germinador da semente que o povo usufrui para a subsistência, e por conseguinte germinador dos versos que proporcionam alegria e lazer para aqueles que o escutam ou leem.

Dessa maneira, verso e semente brotam da mesma vertente, são feitos do mesmo tecido: poesia e ciência interagem nesse processo de germinação, pois não é sem razão que Garrard (2006), Camasca (2020), Feitosa; Silva (2020) concordam que a literatura se torna fonte documental para uma abordagem dos estudos literários voltados para a Terra.

Esse processo imbricado de ciência e poesia é fruto da paciência do poeta em criar seus versos da mesma forma em que prepara a terra para o cultivo, sendo ele poeta e agricultor. Nessa dimensão ele acumula duas funções que se fundem “num processo criativo, solitário, na maioria das vezes, ao trabalhar o chão, quando imaginava uma cena os versos se acumulavam como camadas dessa mesma terra se superpunham” (CARVALHO, 2011, p, 31).

A sensibilidade do poeta ao olhar a natureza com tanta simplicidade e profundidade personifica o verso e amplifica as rimas através da hipérbole: “*Pra toda parte que eu óio/ Vejo um verso se buli/ Vejo um diluve de rima/ Caindo inriba da terra*”. Já nos versos a seguir transparece seu orgulho de ser “*fio das mata*” e “*poeta das brenha*”. Nesse aspecto, o sujeito lírico assume sua identidade sertaneja que se constitui sua identidade no espaço cultural em que o sertão (matas) está representado.

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,
Trabaio na roça, de inverno e de estio.
A minha choupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de paia de mio.

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De argum menestré, ou errante cantô”
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.

(Poeta da Roça, ASSARÉ, 2002, p. 14).

Em sua autobiografia, Patativa (2003) relata:

A poesia sempre foi e ainda está sendo a maior distração da minha vida. O meu fraco é fazer verso e recitar para os admiradores, porém nunca escrevo meus versos. Eu os componho na roça, ao manejar a ferramenta agrícola e os guardo na memória, por mais extenso que seja (p.13).

Nesse sentido, o poeta não retrata somente o espaço sertanejo, “mas também se sente como parte dele, enraizado, visceralmente ligado ao seu coração” (SEEMANN, 2007, p. 60). Para compor versos e rimas sobre o sertão é necessário não apenas morar na região, mas vivenciá-lo, “*Pra gente cantá o sertão, / Precisa nele morá*”. O eu-lírico se sente como um pássaro acolhido em seu ninho, “pois a intimidade tem necessidade do âmago do ninho” (BACHELARD, 2000, p. 78), ou seja, ele canta aquilo que conhece e lhe é familiar, como:

Sou matuto sertanejo,
Daquele matuto pobre
Que não tem gado nem quêjo,
Nem oro, prata, nem cobre,
Sou sertanejo rocero,
Eu trabaio o dia intero,
Que seja inverno ou verão.
Minhas mão é calejada,
Minha peia é bronzuada
Da quentura do sertão.

Por força da natureza,
Sou poeta nordestino,
Porém só canto a pobreza
Do meu mundo pequenino.
Eu não sei cantá as gulora,
Também não canto as vitora
Dos herói com seus brasão,
Nem o má com suas água...
Só sei cantá minha mágua

E as mágua de meus irmão.

(Vida Sertaneja, ASSARÉ, 1978, p. 75)

Nos 150 versos do poema, “por força da natureza” surgem uma enxurrada de rimas “da quentura do sertão”. Cada verso contém um olhar penetrante “*Eu não sei cantá as gulora*”/ “*Só sei cantá minha mágua*”/ “*E as mágua de meus irmãos*”, cujo canto “há um misto de beleza e compaixão, beirando um lamento em nota de repúdio” (BRITO, 2018, p. 34), pois o próprio poeta deixou sua reflexão sobre poesia popular: “Eu sou poeta popular, porque nunca estudei literatura. Uma poesia em forma literária, uma poesia erudita, é pra aqueles grandes, é pra os literatos, esses poetas grandes, que estudaram”, [...] (ASSARÉ, Apud FEITOSA, 2009, p. 51), pois

Eu fui apenas alfabetizado. Agora fui um leitor assíduo, cuidadoso, curioso pra saber das coisas. Aprendi a ler, queria ler tudo. (...) lia revista, jornal, os poetas da língua e muitas outras cosa viu? Até Camões, aquele “Os Lusíadas”, de Camões, que é uma coisa intrincada.”(WANDERLEY, apud CARVALHO, 2019, p. 237).

Observamos, portanto, que o poeta valoriza o seu fazer diário, abarcando as suas crenças, os seus costumes e seu modo íntimo de viver, a sua relação com a sua gente e sua terra. Não podemos deixar de frisar a sua relação com o sertão, a recorrência da temática da natureza e sua representação em seus poemas. Sua obra nasce da sua própria existência do sertão, por isso entendemos que a poética da natureza patativiana nasce no mesmo ritmo da germinação das sementes colocadas na terra para a sua subsistência.

Sertão, arguém te cantô,
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô,
Pruquê, meu torrão amado,
Munto te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistero
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Qui o poeta, canta, canta,
E inda fica o qui cantá.

[...]

Sertão, minha terra amada,
De bom e sadio crima,
Que me deu de mão bejada
Um mundo cheio de rima.
O teu só é tão ardente,
Que treme a vista da gente
Nas parede de reboco,

Mas tem milagre e virtude,
Que dá corage, saúde
E alegria aos teus caboco.

(Eu e o Sertão, ASSARÉ, 1978, pp. 21-22)

Nos versos do poema “Eu e o sertão”, reincide a criação poética “do meu torrão amado”, pois “tua beleza é tanta/ Qui o poeta canta, canta, / E inda fica o qui cantá”. O espaço sertanejo de onde jorra a criação literária, ultrapassa os limites de lugar físico para se transformar “como um lugar de beleza estética” (ARAÚJO; SANTOS, 2020, p. 73), o poeta metonímico ao presentear-nos com um sertão lírico, revela uma terra subjetivada, eivada de manifestação artística, deixou de ser apenas sertão para se transformar em verso e nos oferecer “*um mundo cheio de rima*” que apesar do “*só tão ardente, /Que treme as vista da gente*”, no sertão há dois predicados: “*milagre e virtude*”, despertando no sujeito lírico “corage, saúde e alegria”.

Um dos objetivos da ecocrítica é indagar qual o papel da natureza, que lugar “ocupam os bosques, as águas, o vento” (TORTONDA, 2018, p. 15), em nosso caso, o sertão nordestino. Como esmiuçar a complexa relação humana com seu entorno, seja natural ou social, tendo em vista a impossibilidade de separar o meio ambiente natural ou social do sujeito humano.

Nessa teia de relação que se constitui em uma unidade inseparável e ao mesmo tempo complexa (GONZÁLEZ, 2010), Patativa ao contemplar as entidades naturais, admite os “*mistéro*” do sertão que “*Ninguém sabe decifrá*”. Implicitamente revela o seu respeito com a natureza-sertão e como uma espécie de “idílio celebra um presente generoso” (GARRARD, 2006) ao admitir através da epífora “*canta, canta/ E inda fica o qui. cantá*”. Quando se refere aos “mistéro do sertão”, o sujeito lírico tem ciência de que é necessário respeitar a natureza e, com isso revela uma ética antropocentrada, porque segundo Norton (2019) “todo o indivíduo com consciência ambiental acredita que existe um conjunto de comportamentos humanos que prejudica ou pode prejudicar o meio ambiente” (pp. 2-3).

Assim, o sujeito lírico revela nos versos: “*E vejo qui os teus mistero/ Ninguém sabe decifrá*” que mesmo ele, um homem do campo não consegue decifrar todas as belezas da natureza e, ao revelar que “*Ninguém sabe decifrará*”, ele convoca todo indivíduo a mergulhar nos mistérios da Natureza

com profundo respeito pois o próprio sujeito lírico transparece comungar com a ética ambientalista de cunho não utilitarista e não individualista (NORTON, 2019).

Nesse contexto, o sertão é a seara que germina a semente e os versos da poética da natureza em Patativa do Assaré: a natureza está para os versos, como os versos estão para a natureza, posto que o poeta se regozija ao interagir com os elementos não-humanos, pois sem as belezas naturais do sertão não existiria *“Um mundo cheio de rima”*, denotando que ser humano e natureza se completam. Todavia, o poeta se desvia dos ideais da Ecologia Profunda que promove uma *poética da autenticidade* e se envereda para a *poética da responsabilidade*, pois traz à baila para o leitor que se atente a esses detalhes a ciência ecológica (GARRARD, 2006, p. 105): a diversidade de animais e plantas que vivem nesse bioma, são elementos privilegiados em sua poética. Isso denota a preocupação de Patativa com a sua terra e seu povo que depende deste “torrão amado”.

Para os estudos ecocríticos, o tropo do mundo natural tem valor quase sacramental: guarda a promessa de uma relação autêntica e renovada da humanidade com a terra. Desse modo, em Patativa esse tropo ecológico se revela pela forma em que o eu-lírico se relaciona com o ambiente natural sertanejo, atitude própria de um homem que compreende com simplicidade de um agricultor a sua dependência do meio ambiental para sua sobrevivência, ademais os valores ambientais revelados em sua poética “estão implícitos nas atividades econômicas, [...] comportamento e estilo de vida” (TUAN, 2018, p. 78).

Desse modo, o sujeito lírico revela nos versos: *“E vejo qui os teus mistero/ Ninguém sabe decifrá”*, manifesta uma postura de humildade e reverência pela criação e também nos convida para contemplar a natureza com amor fraternal, pois ela é nossa casa, nosso abrigo. Dessa forma, evidencia sua responsabilidade ética como propõe Norton (2019), pois entendeu que a natureza não pode ser como algo “dominado por simples razões econômicas, nem como oportunidade para se testar a virilidade” (TUAN, 2018, p. 78).

5.2. SERTANEJO-SERTÃO: UMA RELAÇÃO DE SOFRIMENTO E FELICIDADE

Para Fabiana Alves Dantas (2020), a representação do sertão expressa a dualidade desse espaço sertanejo, que ora pode apresentar-se como sofrimento, ora como felicidade. Em sua dissertação de mestrado assim se refere William Robson Potier (2012), acerca dessa dualidade:

O sertão é também espaço de beleza, fartura e bonança nos discursos que representam os períodos de chuva farta e equilibrada, nas narrativas que falam de um sertão de terra fértil, de gado gordo, de muito leite, de colheitas generosas, de serras e zonas próximas aos raros leitos de rios perenes, onde o verde nunca cessa e a terra nunca deixa de dar fruto. Nessas representações, é possível encontrar um sertão bonito e exuberante (POTIER, 2012, p. 30).

Vejamos, portanto, como o sujeito sertanejo convive frente às mudanças nesse ambiente, como espaço de vivência social e cultural, próprios da região nordestina no poema *Seca D'água* (ASSARÉ, 2005) e *Dois Quadros* (ASSARÉ, 1978):

É triste para o Nordeste
O que a natureza faz
Mandou 5 anos de seca,
Uma chuva em cada mês
E agora em 85
Mandou tudo de uma vez.

A sorte do nordestino
É mesmo de fazer dó,
Seca sem chuva é ruim
Mas seca dágua é pió.

Quando chove brandamente
Depressa nasce o capim,
Dá milho, arroz e feijão,
Mandioca e amendoim,
Mas como em 85
Até o sapo achou ruim.

(*Seca D'água*, ASSARÉ, 2005, p. 167).

O aspecto narrativo do poema patativiano composto em 1985 narra a enchente que assolou o Nordeste permanecendo como herança na memória coletiva local e, que segundo Carvalho (2011), Patativa compôs o poema “em favor das vítimas das enchentes do nordeste” (p. 98). Esse aspecto denota a visão do poeta frente ao flagelo de sua gente, sem deixar de reconhecer a alegria “quando chove brandamente”, pois “*depressa nasce o capim, / Dá milho, arroz e*

feijão, / Mandioca e amendoim”. Nessa antítese de seca e chuva transparece o sofrimento e a felicidade do eu-lírico. Para Dantas (2020), “essa representação de sertão traz consigo a dualidade de um mundo que tem beleza, mas é devastado pelas secas” (DANTAS, 2020, p. 42). Revelando, assim, o espaço sertanejo marcado pelo sofrimento e pela felicidade: estiagem e chuva.

O “sertão” é vivo, ele chora e sorri e, esse aspecto influencia o sujeito sertanejo que “trabalha e chora, acredita e desconfia, luta e se vitima [...] Socialmente, é rico e miserável [...] o homem sertanejo é universal” (FEITOSA, 2003, pp. 160-161).

Para Feitosa (2003), o sertão em Patativa do Assaré extrapola as questões políticas ou geográficas, pois o sertão “é um texto metafórico, ao mesmo tempo real e imaginado, universal e regional” (FEITOSA, 2003, p. 161).

Na seca inclemente do nosso Nordeste,
O sol é mais quente e o céu mais azul
E o povo se achando sem pão e sem veste,
Viaja à procura das terra do Sul.

De nuvem no espaço, não há um farrapo,
Se acaba a esperança da gente roceira,
Na mesma lagoa da festa do sapo,
Agita-se o vento levando poeira.

A grama no campo não nasce, não cresce:
Outrora este campo tão verde e tão rico,
Agora é tão quente que até nos parece
Um forno queimando madeira de angico.

Na copa redonda do juazeiro
A aguda cigarra seu canto desata
E a linda araponga que chamam Ferreiro,
Martela o seu ferro por dentro da mata.

O dia desponta mostrando-se ingrato,
Um manto de cinza por cima da serra
E o sol do Nordeste nos mostra o retrato
De um bolo de sangue nascendo da terra.

Porém, quando chove, tudo é riso e festa,
O campo e a floresta prometem fartura,
Escutam-se as notas agudas e graves
Do canto das aves louvando a natura.

Alegre esvoaça e gargalha o jacu,
Apita o nambu e geme a juriti
E a brisa farfalha por entre as verduras,
Beijando os primores do meu Cariri.

De noite notamos as graças eternas

Nas lindas lanternas de mil vagalumes.
Na copa da mata os ramos embalam
E as flores exalam suaves perfumes.

Se o dia desponta, que doce harmonia!
A gente aprecia o mais belo compasso.
Além do balido das mansas ovelhas,
Enxames de abelhas zumbindo no espaço.

E o forte caboclo da sua palhoça,
No rumo da roça, de marcha apressada
Vai cheio de vida sorrindo, contente,
Lançar a semente na terra molhada.
[...]
(Dois Quadros, ASSARÉ, 1978, pp. 55-56)

Da primeira à quinta estrofe, o eu-lírico narra a transformação do sertão castigado pela estiagem, isto é, a seca provoca uma transformação no espaço: *“a grama no campo não nasce, não cresce”*. No verso *“E o povo se achando sem pão e sem veste”* evoca a ideia de martírio e pobreza. Podemos inferir que do ponto de vista da ecocrítica, está presente o tropo do apocaliptismo, mas não que o ser humano degrada a natureza, mas sim da própria natureza. A seca atinge tanto a natureza quanto o ser humano que é obrigado a procurar outros lugares, como o urbano. Todavia, a partir da sexta estrofe esse quadro sofre um efeito de metamorfose: *“porém, quando chove, tudo é riso e festa”*. Nesse sentido, *“essa dualidade de certa forma ameniza a visão que aponta o sertão nordestino unicamente como lugar de miséria”* (DANTAS, 2020, p. 43). Esse espaço temporal de sofrimento é esquecido pelo sujeito poemático e passa a ser *“um espaço de proteção aos seus habitantes”* (ARAUJO; SANTOS, 2020, p. 66).

Quando Patativa do Assaré foi interpelado sobre a imagem que a mídia transmite do sertão com a terra rachada, ele assim responde:

Eu tenho uma raiva danada disso, rapaz, porém, eu desminto, não é? Desminto tudo nos meus poemas, nos meus livros, graças a Deus. Eles apresentam o Ceará só em tempo de miséria e quando vem gente desse fim de mundo, fica encantado quando passeia no Ceará, que vê o que é o Ceará de vera mesmo. Mas no cinema, só bota é miséria. Cachorros!!! (ASSARÉ, apud FEITOSA, 2003, p. 161).

Dessa forma, a representação do sertão transmite a *“noção de dualidade que incorpora todo o sofrimento provocado pelas secas em oposição às belezas desse mundo rural, notadamente destacando-se os aspectos tidos como tradicionais”* (DANTAS, 2020, p. 43). Conforme as análises propaladas por Potier (2012), o autor também observa essa dualidade que

[...] reconstróem esse ambiente como espaço de passagem, errância, privação e provação, onde a natureza austera e os sentidos e simbolismos a ela atribuídos legitimavam os valores de resistência, coragem e fé de seus habitantes, mas também, esse poderia ser espaço de beleza e fartura, de paisagens belas, de convivências em torno da expectativa pela chegada do inverno, da chuva. Esse era tido como espaço de gente honesta, comida simples, porém, farta, espaço repleto de histórias que seriam cantadas por violeiros e cantadores que enalteceriam os valores da sua terra (POTIER, 2012, p. 25).

Potier (2012) define a austeridade do sertão como espaço de privação, provação e superação. Dessa forma, podemos inferir que o sertanejo também é um sujeito dual que vai se transformando e se adaptando às condições climáticas do sertão, pois esse fato confere ao sertanejo bravura e fortaleza, além disso, de modelá-lo como um ser humano forte e valoroso, honesto e honrado, intimamente ligado a terra e aos elementos do ambiente natural em que vive (POTIER, 2012, p. 30).

Albuquerque Júnior (2013), assim metaforiza o sujeito sertanejo: “O sertanejo seria da mesma natureza do juazeiro, única árvore a resistir às prolongadas estiagens, com seus predicados primaciais de resistência, sobriedade, desinteresse e franqueza”³² como nos versos; *“E o forte caboclo da sua palhoça, / No rumo da roça, de marcha apressada/ Vai cheio de vida sorrindo, contente, / Lançar a semente na terra molhada.*

Mantovani (2009) faz referência à relação conflituosa do ser humano-natureza na pós modernidade, principalmente pelo conceito “utilitarista” de domínio da natureza. A visão discutida pelo autor se emudece diante dos versos: *No rumo da roça, de marcha apressada/ Vai cheio de vida sorrindo, contente, / Lançar a semente na terra molhada,* porque contraria a concepção de natureza mágica, mecanicista e por fim utilitarista. Para o sujeito lírico basta lançar a semente na terra molhada para que se garanta sua sobrevivência e a sobrevivência de seu povo. Ele não almeja a obtenção de lucro, mas é *“Das mãos desse bravo caboclo roceiro/ Fiel, prazenteiro, modesto e feliz”* que retira “da natureza apenas o essencial para seu sustento sem interferir de forma agressiva no ecossistema” (CAVALCANTI, 2020, p. 2).

Dessa forma, o sujeito lírico revela para nós leitores uma nova forma de

³² ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2013. P. 208

nos relacionarmos com a natureza, pois podemos ressignificar a relação com o mundo natural, esse tropo ecológico tão valorizado pelos estudos ecocríticos evoca um espaço de candura que instiga no ser humano simplicidade, certa reverência e cortesia que restabelece o cansaço advindo das lutas diárias. Esse tropo ecológico também nos permite abordar a natureza pelo enfoque do mundo natural, aquele quase intocado pela civilização e, que envolve um sentido de sacralidade como aborda Garrard (2006).

5.3. A POÉTICA DA SECA EM PATATIVA DO ASSARÉ

Nosso objetivo nesse tópico é analisar os poemas “A morte de Nanã” e “ABC do Nordeste flagelado” (1978), considerando as perspectivas da ecocrítica, bem como do contexto em que fora produzida pelo autor que vivenciou como agricultor e poeta o drama da seca, de forma que em sua poesia transparece a relação do ser humano com a natureza, especialmente com a terra seca do sertão de Patativa do Assaré “das modalidades particulares da vida social, dos seus cenários e cotidiano, o poeta vai traçando um perfil que se assemelha ao perfil da Região Nordeste” (FEITOSA, 2003. 160). Assim, consideremos também que

certos aspectos da natureza desafiam o controle humano fácil: são as montanhas, desertos e mares. Eles constituem, por assim dizer, elementos permanentes do mundo do homem, quer ele goste ou não. A tendência do homem tem sido responder emocionalmente a estes aspectos recalcitrantes da natureza, tratando-os, em uma época, como sublime, como a abóboda dos deuses e em outra, como feio, desagradável, como a abóboda dos demônios (TUAN, 2018, p. 80)

Nesse tocante, a literatura da seca enviesa para uma relação de amor e ódio: enquanto viceja a paisagem verde, o sujeito se sente cheio de amor, todavia, quando o sertão parece um deserto, sente ódio, não da terra seca, mas pelo fato de ter que abandonar seu sertão em busca de outros lugares. Desse modo, transparece em Patativa do Assaré os elementos constitutivos de narração: “o sol, a terra, e a (falta) d’água, fome desespero e o homem. Cada qual ao seu turno vai construindo novas imagens para esse modelo matricial” (FEITOSA, 2003, p. 226).

Destarte, é necessário mencionar o Nordeste, o sertão e a seca como

uma tríade que se confundem em si mesmas. Esse espaço social serve de palco para muitos escritores brasileiros sedimentarem suas criações. Para Scoville (2011), “é preciso rever o Nordeste, o sertão e as secas e, novamente, redescobrir esse espaço do semiárido nordestino que serviu e serve como referência para uma parte importante da ficção brasileira” (p. 25).

Nessa perspectiva, acerca da literatura da seca com enfoque na relação ser humano e natureza, nos debruçaremos a tecer considerações e análises sobre a temática da seca do sertão nordestino na poética popular de Patativa do Assaré sob a abordagem da ecocrítica dialogando com outros saberes. Marinho e Pinheiro (2012) salientam que “a temática da seca que ocorre em grande parte do sertão nordestino” (p. 86), constitui-se de poderosa força interdisciplinar nos aspectos geográficos, históricos e econômicos a serem abordados, a saber como no poema “A Morte de Nanã” em que Patativa “ao dar voz às personagens, confere um tom dramático ao seu poema” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 87). Patativa do Assaré, o “poeta do sertão sofredor, tem uma inesgotável capacidade de comunhão e simpatia pelos que sofrem, pelos que vivem humilde e pobremente, pelos fracos, pela gente simples do nosso povo” (ASSARÉ, 1978, p. 6).

Desta feita, para narrar “A Morte de Nanã” (1978, pp.38-43), segundo Moura (2015) “a formosura e o amor se expandem na dor” (MOURA, 2015, p. 245):

Eu vou contá uma história
 Que eu nem sei como comece,
 Pruquê meu coração chora,
 A dô no meu peito cresce,
 Omenta o meu sofrimento
 E fico uvindo o lamento
 De minha arma dilurida,
 Pois é bem triste a sentença,
 De quem perdeu na isistênça
 O que mais amou na vida

Já tô véio, acabrunhado,
 Mas inriba deste chão,
 Fui o mais afortunado
 De todos fios de Adão.
 Dentro da minha pobreza,
 Eu tinha grande riqueza:
 Era uma querida fia,
 Porém morreu muito nova.
 Foi sacudida na cova
 Com seis anos e nove dia. ASSARÉ, 1978, p. 38)

Morreu na sua inocência
 Aquele anjo incantadô,
 Que foi na sua insistência,
 A cura da minha dô
 E a vida do meu vivê.
 Eu beijava, com prazê,
 Todo dia, demenhã,
 Sua face pura e bela.
 Era Ana o nome dela,
 Mas, eu chamava Nanã. (ASSARÉ, 1978, pp. 38-39)

No poema composto de 210 versos heptassílabos, distribuídos nas 21 estrofes de 10 versos, com esquema métrico-rimático ABABCCDEED, Patativa canta um lamento constituído na dor, o qual serve como pano de fundo para tecer uma crítica social. Segundo Nogueira (2017), “a contribuição do poeta à cultura brasileira reside na sua capacidade de unir, com singeleza beleza e arte, a denúncia social ao lirismo” (NOGUEIRA, 2017, p. 25).

Além disso, nas estrofes citadas, podemos identificar algumas características da lírica patativiana: memória, identidade e cultura, as quais denotam o compromisso do poeta com sua gente. De fato, não escapa de sua algibeira o relato do flagelo da seca tão arraigado na identidade nordestina que faz a “*arma dilurida*” adquirir cicatrizes na vida do pássaro cantador, mas é nesse “canto chorado e solenemente gravado na sua memória que se distingue como marca de identidade do povo nordestino” (BRANDÃO, 2009, p. 2).

Para rememorar a “Ana”, o sujeito lírico faz uma incursão pela infância “representada pela formosura, afetividade pela criança”, (MOURA, 2015, p. 245), como nos versos:

Nanã tinha mais primô
 De que as mais bonita joia,
 Mais linda do que as fulô
 De um tá de Jardim de Tróia
 Que fala o dotô Conrado.
 Seu cabelo cachiado,
 Preto da cô de viludo.
 Nanã era meu tesôro,
 Meu diamante, meu ôro,
 Meu anjo, meu céu, meu, meu tudo. (ASSARÉ, 1978, p. 39)

A menina que o pai viu crescer “*na mais completa alegria*” (p.39), o sujeito poético eleva à imagem da criança inocente, aquela que “*pelo terrero corria*” (Idem), representa tantas crianças, vítimas do flagelo da seca e, que por isso, tiveram suas vidas ceifadas a duros golpes da pobreza. Assim, na memória do pai ficou enterrada para sempre a imagem de Ana que, ao chegar da roça,

encontrava a “*fia*” na *paióça*”. Ana transforma-se na própria imagem do sofrimento do nordestino. A morte de Nanã

conjuga num mesmo ciclo de vida: esperança (nascimento de Nanã; felicidade (seus primeiros anos de vida); sofrimento (seu definhamento); morte (sua perda) e, novamente, esperança por um anjo no céu a rogar por nós” (FEITOSA, 2003, p. 229).

A propósito, sobre esse flagelo da seca do ano de 1932, assim fala Patativa do Assaré:

Naquele ano, a seca maior que o Ceará sofreu foi no ano de 1932. Naquele tempo foi uma miséria, viu? E nem esse governo protegia ninguém. Iam tudo era para o Maranhão, ou se valiam de comidas brabas viu? E então, eu vendo aquilo, tudo aquilo, eu criei aquele poema, retratando Nanã, a menina que morreu de inanição. Eu substituindo o pai dela. Quem vê assim, pensa que eu era o pai dela, não é? Mas não, eu criei na minha, por causa daquele sofrimento daquele tempo. Tantas crianças não morreram! Tantas Nanãs não morreram! Não é? (ASSARÉ apud FEITOSA, 2003, p. 224).

O poeta consciente do seu papel “faz poesia que funciona ainda como fonte de informação e contestação” (FEITOSA, 2003, p. 224). Para Carvalho (2011), Patativa “nunca fez da poesia um devaneio ou nunca escreveu sobre aquilo que não tenha sido objeto de suas experiências e vivências, letradas ou imaginadas” (CARVALHO, 2011, p. 11).

[...]

Mas, neste mundo de Cristo,
Pobre não pode gozá.
Eu, quando me lembro disto,
Dá vontade de chorá.
Quando há seca no sertão,
Ao pobre farta feijão,
Farinha, mio e arrois.
Foi isso o que aconteceu:
A minha fia morreu,
Na seca de trinta e dois. (ASSARÉ, 1978, p. 40)

A seca de 1932, a qual Assaré (1978) faz referência, segundo Queiroz (2020), na “década de 1930 foram criados sete campos de concentração no Ceará para confinar retirantes da seca”. Para a historiadora Rios (apud Queiroz, 2020), esses lugares têm sua origem ainda no século XIX, quando famílias residentes em Fortaleza começaram a se empoderar com o cultivo do algodão, o qual fomentou o crescimento urbano. Queiroz (2020) constata ainda que

[...] entre 1877 e 1879, o estado registrou um período de seca intensa, levando 100 mil retirantes a migrar para a capital, que, na ocasião, contava com uma população de cerca de 30 mil habitantes. Famílias de pequenos agricultores, que incluíam idosos, adultos e crianças, constituíam a maioria dos migrantes, também provenientes de outros estados do Nordeste.

Para Rios (apud Queiroz, 2020), o estado arquitetou estratégias para impedir a vinda dos flagelados à capital, posto que essa migração poderia desestruturar o desenvolvimento urbano. Figueiredo (IFCE, apud Queiroz, 2020) informa ainda que esse tipo de discurso por ocasião das secas “vendia a ideia de que o local pretendia dar assistência aos retirantes, quando na realidade o objetivo principal era afastá-los do centro da cidade” (FIGUEIREDO, apud QUEIROZ, 2020). Essa constatação histórica aferida pelos pesquisadores comunga com a postura dos estudos ecocríticos:

O ecocrítico tem que ser um pouco geógrafo, historiador, leitor de paisagens e conhecedor do mundo material. Incluindo uma abordagem interdisciplinar, o ecocrítico recontextualizará a literatura dentro de situações físicas fundamentadas na vida, no pensamento e na ação³³ (Tradução nossa); (Mújica Apud TORTONDA, 2018, p. 15).

Nesse contexto, Assaré (1978), se coloca como um autêntico porta-voz do sofrimento do povo nordestino, posto que sua literatura está contextualizando um evento histórico, no qual o poeta está inserido. Segundo Rebouças (2009),

Patativa do Assaré testemunhou a morte de uma criança chamada Nanã, na seca de 1932. Cheio de compaixão ele transforma-se no pai dessa criança, filha de outro, para assim falar da beleza da sua vida, da agonia da sua fome, da tristeza da sua morte e da revolta que lhe invade a alma, acusando os poderosos (REBOUÇAS, 2017 p. 51).

Em Patativa do Assaré, sua poética popular e social “é marcada pelas agruras do nordeste” (NOGUEIRA, 2017, p. 185), posto que não se eximiu de denunciar os poderosos, responsáveis pelo problema social da seca, conforme Albuquerque JR,

O Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio

³³ TORTONDA, 2018, Op. Cit.

colocá-la como problema mais importante desta área. (ALBUQUERQUE JR. Apud SCOVILLE, 2011, p. 68).

A questão social da seca nas regiões nordestinas tornou para a literatura brasileira uma temática recorrente e tem inspirado muitos escritores a fazerem desse produto imagético causa de denuncia social. Patativa fez “poesia, trabalhando o chão, com suas mãos calejadas” (CARVALHO, 2011, p. 9). É mister entender que, do ponto de vista da teoria Ecocrítica,

Podemos desfrutar de nossa humanidade, [...] seus anseios sociais e seus acessos de teimosia, e nos tornarmos por nada além de mais um ser no Grande Divisor de Águas. Podemos aceitar uns aos outros como semelhantes descalços, que dormem no mesmo chão. [...] A natureza selvagem exige que aprendamos a conhecer o terreno, [...] (SNYDER apud GARRARD, 2006, p. 122)

É nessa nervura humanística que o sujeito lírico se enreda em “*seu canto, não culpa a seca e nem Deus pelas catástrofes no sertão nordestino a culpa não é de Deus/ A culpa é dos home rico*” (ASSARÉ, 1978, p. 43). Para ele, não há dúvida quem é o autor do crime: “*Meu patrão, aquele ingrato/ Foi o maió criminoso/ Foi o maió assarsino*” (idem). A questão da seca no sertão nordestino pode ser entendida pelas concepções das ecofilosofias dos movimentos da *Ecologia Social e Ecomarxismo*, tendo em vista tais movimentos postularem que os problemas ambientais surgem não só pelas posturas antropocêntricas “mas decorrem de sistemas de dominação ou exploração de seres humanos por outros seres humanos” (GARRARD, 2006, p. 47).

Em seus estudos Rebouças (2017), defende que a problemática das “secas, mais do que uma fatalidade ditada pelo clima, é também fruto de uma ordem social injusta (REBOUÇAS, 2017, p. 51).

Vendo que não tinha inverno,
O meu patrão, um tirano,
Sem temê Deus nem o inferno,
Me deixou no desengano,
Sem nada mais me arranjà.
Teve que se alimentá,
Minha querida Nanã,
No mais penoso matrato,
Comendo caça do mato
E goma de mucunã. (ASSARÉ, 1978, p. 40).

Bem observamos que o eu-lírico na dramática figura de um pai

consternado deseja o mínimo para a sobrevivência de sua família como: “Ao pobre farta feijão/Farinha, mio e arrois”, em vista desse triste quadro, “a fome, as doenças e o desamparo em que viviam as famílias camponesas nordestinas se traduziam em altos índices de mortalidade infantil” (REBOUÇAS, 2017, p. 51). Por conseguinte,

quase toda tradição literária sobre a seca, exagera a narrativa e dá a tonalidade do fogo às imagens que retrata. São imagens fortes e tocantes. Imagens que cheiram a suor que imitam lágrimas, lágrima que molham o chão de esperanças quase mortas. [...] A relação da seca não aparece dissociada daqueles que tiram proveito dela (FEITOSA, 2003, p, 226).

A tonalidade de fogo pode ser entendida como metáfora apocalítica em que a natureza representa ou é imaginada pelo viés apocalítico, um tropo ecológico que faz parte dos estudos literários ecocríticos, pois para o ambientalismo contemporâneo funciona como a mola mestra da imaginação ambiental, é “um gênero nascido da crise” (GARRARD, 2006, p. 125), pois dialeticamente responde à crise que pode ser apresentada como cômica ou trágica (Idem). Esse aspecto entendido como tragédia avança “para uma conclusão catastrófica” (GARRARD, 2006, p. 125). Sobre isso Pinto; Magalhães (2015) propalam em seus estudos que as narrativas apocalípticas remontam a 1.200 A.C., e que estas estão relacionadas com um secular sentimento de emergência no que se refere a devastação do planeta (GARRARD, 2006, p. 123).

Sobre isso interpelamos que o tropo apocalítico nos põe em perspectivas de imaginações proféticas, enquanto o tropo do mundo natural nos convida a uma relação de responsabilidade, o tropo apocalíptico nos coloca de sobreaviso e estado de tensão que se algo não for feito ou não desacelerarmos o ritmo frenético do mundo moderno poderemos colher consequências desastrosas. A saber, na poética da seca de Patativa, o sertanejo vive constantemente esperando a estiagem e nunca sabe qual será o seu fim na metáfora do fogo inclemente proporcionada pela quentura do sol.

Nos versos: “*Porém morreu muito nova. / Foi sacudida na cova/ Com seis anos e nove dia*”, podemos inferir que o tropo do apocalipse põe o sertanejo em

estado de alerta sobre o que poderá vir quando a estiagem chegar. Entendemos que retoricamente esse tropo pode mensurar o futuro do sertanejo que aguarda o período de seca sem saber como será ou não o seu devir. Nesse aspecto sem incorrer em falsas profecias ou perspectivas reducionistas, o problema da seca existe e, por conseguinte o discurso ambientalista não pode se furtar desse diálogo.

Nessa sequência, a imagem do fogo em que se refere Feitosa (2003), arrefecem notadamente em o “ABC do Nordeste Flagelado” (ASSARÉ, 1978, p. 308), poema composto em décima e em redondilha maior, sendo que cada estrofe contém as letras do alfabeto: A – *“Ai, como é duro viver/ nos Estados do Nordeste/ quando o nosso Pai Celeste/ não manda a chuva chover”*. Nos versos o poeta que viveu a experiência da seca narra a triste esperança do nordestino que se enfraquece com a imagem da seca, pois é ela a dona do destino desse povo sofrido, ela provoca a migração e o sentimento de desespero e desalento, compondo o cenário dos retirantes do nordeste como perfazem os personagens em O Quinze de Raquel de Queiroz e Vidas Secas de Graciliano Ramos.

[...]

B - Berra o gado impaciente
reclamando o verde pasto,
desfigurado e arrasto
com o olhar de penitente;
o fazendeiro, descrente,
um jeito não pode dar,
o sol ardente a queimar
e o vento forte soprando,
a gente fica pensando
que o mundo vai se acabar.

A seca se transforma na metáfora da perda e da tristeza, é a que mais profundamente penetrou e se consolidou na imaginação popular, “o sertão é do tamanho do mundo. Um lugar migrante, [...] descontínuo, que não se localiza em um único ponto, mas em toda parte, por isso o sertão é sem lugar (MELO, 2011, p. 85). Nesse contexto, a cantoria desse cordel que versa da letra A à Z, cada letra representa um *“lamento desconsolado”* (p. 311), tanto do homem sertanejo quanto da fauna e da flora: *“Veja, leitor, quanto é dura/a seca no meu sertão”* (p. 314). A densidade dramática do poema atinge seu ápice quando o sujeito lírico iguala a condição humana e a não humana. Ambas sofrem *“quando há seca no sertão”* (p.312), posto que a paisagem muda grotescamente e transborda a

tonalidade de fogo afetando a vida no sertão:

[...]

J – Já falei sobre a desgraça
 Dos animais do Nordeste;
 Com a seca vem a peste
 E a vida fica sem graça.
 Quanto mais dia se passa
 Mais a dor se multiplica;
 A mata que já foi rica,
 De tristeza geme e chora.
 Preciso dizer agora
 O povo como é que fica. (ASSARÉ, 1978, p. 311).

O poema extravasa lágrimas de dor, englobando a vida humana e não-humana como propõem os adeptos da ecologia profunda em que coloca em pé de igualdade o humano e o não humano. Essa corrente filosófica proclama a harmonia entre os seres vivos³⁴ (SPERANZA, 2006, p. 29). Contudo, a harmonia no poema é expressa de forma antagônica, ser humano e não humano comungam da mesma penúria, do mesmo sofrimento, ao contrário dessa tese “o bem-estar e a prosperidade da vida humana e não humana na Terra têm valor em si mesmos (sinônimos: valor intrínseco, valor inerente)”³⁵ (SESSIONS, apud GARRARD, 2006, p. 38).

Nessa esfera, o poema patativiano está “marcado pela denúncia contundente da situação do agricultor, em que o aspecto político se sobrepõe à pieguice ou à falta de contextualização histórica, econômica e social com que a questão da seca tem sido tratada” (CARVALHO, 2011, p. 63): “*Tudo é tristeza e amargura/ indigência e desventura*” (ASSARÉ, 1978, p. 314). O poeta “vem se somar às outras falas e outras letras que anunciam, lamentam e estigmatizam” (FEITOSA, 2003, p. 227): “*é muito triste o mistério/ de uma seca no sertão;/a gente tem impressão/que o mundo é um cemitério*” (ASSARÉ, 1978, p. 310).

[...]

M – Minha boa companheira,
 Diz ele, vamos embora,
 E depressa, sem demora
 Vende a sua cartucheira.
 Vende a faca, a roçadeira,
 Machado, foice, facão;
 Vende a pobre habitação,

³⁴ SPERANZA, Andrea. Op. Cit.

³⁵ GARRARD, Greg, Op. Cit.

Galinha, cabra e suíno
 e viajam sem destino
 em cima de um caminhão
 (ASSARÉ, 1978, p. 311).

[...]

O – Outro tem opinião
 De deixar mãe, deixar pai,
 Porém para o Sul não vai,
 Procura outra direção.
 Vai bater no Maranhão
 Onde nunca falta inverno;
 Outro com grande consterno
 Deixa o casebre e a mobília
 E leva a sua família
 Pra construção do governo.

[...]

T – Tudo sofre e não resiste
 Este fardo tão pesado,
 No Nordeste flagelado
 Em tudo a tristeza existe.
 Mas a tristeza mais triste
 Que faz tudo entristecer,
 É a mãe chorosa a gemer,
 Lágrimas dos olhos correndo,
 Vende seu filho dizendo:
 Mamãe, eu quero morrer!

Patativa narra o drama do retirante em busca desesperada pela “continuidade de sua espécie” (FEITOSA, 2003, p. 226), procura uma direção “*vamos embora, / E depressa sem demora*” para fugir da consequência da seca: “a falta d’água, fome, desespero”, o retirante busca sua salvação em outras paragens como “*Xexéu, pássaro que mora/ na grande árvore copada, vendo a floresta arrasada, / bate as asas, vai embora*” (ASSARÉ, 1978, p. 314).

O drama da seca nordestina se aproxima do tropo ecológico ecocrítico *apocalipse* “trata-se de um gênero nascido da crise” (GARRARD, 2006, p. 125) em “que se assemelha ao fim dos tempos” (Idem), contudo não para a humanidade, mas para o sertanejo sacrificado pela seca e pelo descaso social, pois o mecanismo dessa tragédia de “redenção é a vitimação, e sua trama avança inexoravelmente para o sacrifício” (O’LEARY apud GARRARD, 2006, p. 125), agravada ainda mais pelo descaso estatal, aumentando o drama da exclusão social do sertanejo.

Nessa propositura, o apocaliptismo ambiental reflete uma crise ambiental

sinistra e brutal, “*pois viajam sem destino*” (ASSARÉ, 1978, p. 311). A situação “oferece pouca esperança de que a catástrofe possa ser evitada, porque a ameaça que descreve é [...] irreversível” (BUEL apud GARRARD, 2006, p. 136). Para Feitosa (2003), “aquele que se retira é uma espécie de significante em busca de um significado, que no caso é a salvação, a própria necessidade de continuar vivo” (P. 226).

Nesse sentido, Patativa se coloca como intérprete do sofrimento alheio, sua poética “é experimentada e contada a partir do interior do sofrimento das pessoas” (FEITOSA, 2003, p. 228), pois sua consciência de cidadão ao perceber as dores do outro, constrói uma poética de responsabilidade porque questiona as estruturas sociais com seu modelo de desenvolvimento, “baseado na acumulação econômica, no autoritarismo político, no saque aos recursos naturais, no desprezo às culturas de grupos minoritários e aos direitos fundamentais do homem” (REIGOTA, Apud NASCIMENTO, 2012, p. 159).

5.4. POÉTICA DE RELAÇÃO AMOROSA: LAÇOS TOPOFÍLICOS E BIOFÍLICOS EM PATATIVA DO ASSARÉ

Neste último tópico do mosaico analítico, temos como objetivo rastrear a topofilia e a biofilia nos poemas: *Vou Vortá; A Estrada da minha Vida; O Paraíso das Aves* (ASSARÉ, 2003).

As mais intensas experiências estéticas da natureza possivelmente nos apanham de surpresa. A beleza é sentida, como o contato repentino com um aspecto da realidade até então desconhecido; é a antítese do gosto desenvolvido por certas paisagens ou o sentimento afetivo por lugares que se conhece bem, [...] A apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos (TUAN, 2018, pp. 108, 110).

O que poderia consolidar o elo afetivo do ser humano com o lugar onde habita? Segundo Santos; Lima (2020) a “afetividade se constrói exatamente pelas experiências vividas pelo ser humano no lugar e, tal sentimento tende a ficar mais forte à medida que a relação vai se tornando mais duradoura” (p. 274), de modo que criamos certas representações e simbologias do lugar que vivemos que podem perpetuar em nossa memória as doces lembranças do nosso canto chão, a tal ponto que se tivermos, por alguma razão ir embora, sentiremos

saudade como o sujeito-lírico patativiano: “*Vou vortá pro meu sertão, / Não posso me acostumá / Com o grande reboliço / Das rua da capitá*” (ASSARÉ, 2005, p. 132).

Outro aspecto em evidência é a topofilia que é formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança”.

[...]
 Vou vortá pro meu sertão,
 Eu não me acostumo aqui.
 Vou vive no meu caminho,
 Lá perto do Cariri.
 Vou vê a minha paioça,
 Minha muié, minha roça,
 Que eu vivo é do meu trabaio,
 É da minha prantação,
 E diz um véio rifão:
 - Cada macaco em seu gaio.

Já tou com munta sodade
 Lá das minha capoêra,
 Do meu cavalo Peitica
 E da vaca Lavandêra,
 De Zefa, minha muié,
 De João, de Chico e de José,
 E de tudo, finalmente.
 Vosmicêis não conhece
 O tanto que se padece
 Longe da casa da gente.
 (ASSARÉ, 2003, p. 132)

Nas estrofes iniciais do poema, o eu-lírico se derrama de paixão pelo seu lugar de procedência quando proclama “*Vou vortá pro meu sertão, / Eu não me acostumo aqui. / Vou vive no meu caminho, / Lá perto do Cariri*”, transparecendo uma característica discutida pela ecocrítica que, segundo Garrard (2006), classifica como tradição pastoril, um tropo ecológico que revela uma polarização clara ou velada entre o campo e a cidade. Além disso, nas estrofes acima, notamos que a vida no campo se associa a uma forma de vida simples e natural. O ambiente urbano para o eu poético representa o aprisionamento em oposição à liberdade do campo. A cidade se transforma numa prisão: “*Não posso me acostumá / Com o grande rebuliço*” denotando sentimentos próprios do bucolismo. Para Carvalho (2011)

A Serra sempre foi seu ideal de paraíso, o lugar onde ele foi feliz e para onde fugia, quando cansava de Assaré e buscava o cheiro do mato, o

cantar de alguma perda patativa ou os longos torneios poéticos desenvolvidos com seus parceiros ou rivais. A Serra ainda guarda, como uma relíquia, a maior parte da casa onde ele nasceu, paredes de taipa, ocres, se projetando contra o céu azul e se erguendo do chão, do mesmo barro do qual ele e todos nós fomos feitos (P. 19)

Vejamos, portanto como vida e obra em Patativa se fundem e nesse entrelaçamento o sujeito-lírico aspira por seu *sertão*, sua *“pauço”*, sua *“roça”*, pois o fato de sentir *“sodade”* não se trata de romantizar o sertão, mas porque lá está seu vínculo emocional. A tríade sertão-pauço-roça, constituem sua identidade plasmada e construída nesse espaço geográfico, histórico, cultural e social: seu lar interior e exterior (emoção e realidade) se misturam nesse processo memorial do poeta. A saudade do sertão se revela na expressão do sujeito lírico como um lugar de aconchego, de casa, de ninho, do qual não se pode separar, pois *“Vosmicêis não conhece/ O tanto que se padece/ Longe da casa da gente”*. Não é apenas um espaço de locomoção, mas seu lugar de pertencimento, *“onde investe parte da sua vida emocional”* (TUAN, 2018, p. 114).

Os laços afetivos expressos pelo sujeito lírico definido por Tuan (2018) como topofilia transcende para a biofilia que segundo Cotter (2018), é o laço amoroso por todo ser vivo, como nos versos: *“Já tou com munta sodade/ Lá das minha capoêra, / Do meu cavalo Peitica/ E da vaca Lavandêra*. A topofilia nesse caso se forma *“desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança”* (TUAN, 2018, p. 111).

Nessa perspectiva, temos um intercruzamento de dois elos afetivos: topofilia (amor pelo lugar): sertão, pauço, roça; biofilia (amor pelas plantas e animais: fauna e flora): capoêra, prantação, cavalo e vaca. Conforme já mencionado nessa pesquisa, para Grinde; Patil (2009) *“o esgotamento de elementos naturais têm impacto negativo na mente humana”* (p. 32), por isso não há como negar que o sujeito lírico dispense cuidado e proteção com a fauna e a flora como elementos essenciais que constituem seu lugar de pertencimento.

Patativa, nos apresenta uma visão holística da natureza, enquanto considera toda a vida na Terra: seres humanos e não humanos que fazem parte de uma rede social em que cada qual cuida um do outro. Todavia, para obter *“o entendimento e conseqüente empatia com a flora e a fauna, a educação do*

homem é fundamental para alcançar a sensibilização e então a consciência (CAMASCA, 2020, p. 19). Nessa abordagem o ser humano estabelece laços com a natureza, os quais definem a valorização do meio ambiente e também a forma como este se relaciona com ela.

Já em *A Estrada da Minha Vida*, a construção biofílica se inicia ainda na infância do sujeito lírico. Segundo Araujo; Santos (2020), “habita-se o espaço não apenas geograficamente, mas através de uma ancestralidade, de uma memória familiar” (p.68).

Trilhei na minha infância querida,
Composta de mil primores,
A estrada de minha vida,
Ornamentada de flores.
E que linda estrada aquela!
Sempre havia ao lado dela
Encanto, paz e beleza
Desde a terra ao grande espaço,
Em tudo eu notava um traço
Do pincel da Natureza.

Viajei de passo lento,
Pisando rosas e relvas,
Ouvindo a cada momento
Gemer o vento das selvas;
Colibris e borboletas
Dos ramos das violetas
Vinhã render-me homenagem,
E do cajuzeiro frondoso,
O sabiá sonoro
Saudava a minha passagem.

O sol, quando despontava,
Convertendo a terra em ouro,
Em seus raios eu notava
O mais sublime tesouro;
E de noite, a lua bela
Era qual linda donzela,
De uma beleza sem fim;
A sua luz prateada
Tinha a cor imaculada
Das vestes de um querubim.
(ASSARÉ, 2003, p. 203)

A fauna, a flora, o vento e a lua são personificados na relação biofílica sujeito-natureza. A relação humana e não humana transborda serenidade e comungam da mesma paz como quer a Ecologia Profunda de Arne Naess (1973), uma das orientações ecocríticas porque “propõe um estilo de vida em harmonia com os demais seres vivos” (SPERANZA, 2006, p. 29): “*Colibris e*

borboletas/ Dos ramos das violetas/ Vinham render-me homenagem, E do cajuzeiro frondoso, / O sabiá sonoro/ Saudava a minha passagem”.

As manifestações dos seres da natureza despertam a admiração e apreço do eu poético pelo seu *habitat*. Do ponto de vista do ecocritismo o meio ambiente provoca interferências na vida do ser humano, como este também influencia o espaço natural. Para Garrard (2006) o espaço não deve ser visto apenas como espaço onde se desenvolve a trama narrativa, mas como o espaço é revelado através da subjetividade do sujeito, isto é, seus sentimentos.

O poema *A Estrada da Minha Vida* superabunda o sentimento de amor do eu lírico pela natureza, pois em sua visão revela a idealização do lugar de sua infância. Nessa veneração pelo espaço idealizado transparece a temática da poesia Pastoral, um tropo ecológico considerado por Garrard o de maior valor representativo nos debates ecocríticos deste a antiguidade clássica.

A propósito, Morin; Kern (2011) sugerem que o ser humano habite a Terra prosaicamente e poeticamente. Prosaicamente que ele trabalhe e sobreviva; “poeticamente, (cantando, sonhando, gozando e amando, admirando) [...]” (MORIN; KERN, 2011, p. 169), porque a poesia não faz parte somente da literatura, mas “é também um modo de viver na participação, o amor, o fervor, a comunhão, a exaltação, [...]” (idem). Essa é a linguagem que deve nortear a relação ser humano-natureza, uma maneira nova de habitar a Terra. Somente pela beleza estética podemos ser sensibilizados pelo sonho que nasce “na infância e prossegue por toda a vida” (Idem): “*Trilhei na minha infância querida, / Composta de mil primores, /A estrada de minha vida, /Ornamentada de flores*”.

Para Norton que orienta uma ética ambiental de base não individualista, assim se expressa:

[...] na medida em que os ambientalistas podem demonstrar que existem valores humanos que são moldados e informados pelo contato com a natureza, ela ganha valor como um professor de valores humanos. Dessa forma, a natureza não é concebida apenas como mera fonte de satisfação de valores fixos e usualmente consumistas (NORTON, 2019, p. 6).

Em suas palavras defende que o ser humano necessita aprender com a natureza, pois ela é mestre em ensinar como poetiza Patativa: “*Em tudo eu notava um traço/Do pincel da Natureza*”. Como o sujeito poemático aprendeu a ler os traços da natureza? Em contato com ela, experimentando cada detalhe

pode aprender com ela e habitar poeticamente o espaço, despertando em seu interior dois elos afetivos: o sentimento topofílico e o sentimento biofílico. Para Feitosa; Silva (2020) “a natureza faz o papel de escola, ela é o livro que possui todas as lições, sejam elas fáceis ou difíceis” (P. 26).

[...]

Naquele alegre ambiente,
Ante o concerto excelente,
Escutando atentamente
O passaredo cantar,
Eu fiquei maravilhado,
Como que todo encantado
De ouvir entusiasmado
Aquele orquestra sem par

[...]

Mas desta turma de alados,
Cantores apaixonados,
Mostrando com seus dobrados
Notas agudas e graves,
Há um que mais me fascina:
É um galo de campina,
O maestro que domina
O Paraíso das Aves.

[...]

Passarinho benfazejo,
Quando eu ouço o teu arpejo,
Em ti as provas eu vejo
Do poder do Criador.
A tua voz predileta,
De magia tão repleta,
É a ilusão do poeta
E a distração do doutor.
(ASSARÉ, 2003, pp. 211-212).

O contato, a vivência com os elementos da natureza despertam o conhecimento como defende Norton (2019) e, desse conhecimento florescem os valores humanos, despertando o elo afetivo do ser humano pelo *oikos* e pelos elementos que compõem o espaço habitado “*Naquele alegre ambiente, / Ante o concerto excelente, / Escutando atentamente/ O passaredo a cantar*”, [...] *Passarinho benfazejo, / Quando eu ouço teu arpejo/ [...] A tua voz predileta, / De magia tão repleta, / É a ilusão do poeta/ E a distração do doutor*”. A relação do

sujeito lírico com os pássaros ocorre de forma dialética: os dois são transformados nessa relação: o “*Passarinho benfazejo*” torna-se o artista dos arpejos musicais, dos quais penetram na intimidade do ser que, embevecido por essa estrutura musical deixa viver o outro, porque lhe faz bem.

A relação harmoniosa estabelecida pelo eu-lírico nos poemas mencionados acima *Vou Vortá; A Estrada da minha Vida; O Paraíso das Aves* (ASSARÉ, 2003) com os elementos que compõe o mundo da poética patativiana também dialoga com os estudos ecocríticos em que defende o respeito aos animais, representado pelas figuras do “cavalo, vaca, sabiá e colibris”. A visão Ecocrítica, no que concerne o relacionamento do ser humano com os animais, defende que estes devem receber um tratamento digno e respeitoso.

Assim, é necessário que o ser humano incorpore culturalmente valores de apreço em relação aos animais, pois se “a cultura molda nossa interpretação dos animais, tanto quanto os animais moldam nossa interpretação da cultura” (BAKER, Apud GARRARD, 2006, p. 199). Em Patativa os laços biofílicos estabelecidos entre eu-lírico e a fauna dialogam diretamente com os estudos ecocríticos, na medida em que transparece a interconexão entre ser humano-animal.

Nessa tecitura poética patativiana embebida por laços topofílicos e biofílicos, retomamos as concepções da literatura, como fator humanizador, ela é

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 2011, p. 182).

Assim, como negar o poder humanizador da literatura poética patativiana no que concerne a relação ser humano-natureza? A literatura nesse sentido corrobora para a formação de um pensamento ecologizado humanizador, impulsionando o sujeito a compreender que a Natureza é nossa mãe, porque nos acolhe em seu espaço, nos oferece segurança. O que seria do indivíduo sem sua morada? Sem a sua casa? Sentir-se-ia um desterrado, sem pátria e exilado. E Patativa compreendeu essa máxima ao dizer: “A Serra de Santana para

mim...Eu posso dizer que é o meu paraíso, viu?” (CARVALHO, 2009, p. 21). Dessa forma “o patriotismo local reside na experiência íntima do lugar” (TUAN, 2018, p. 116):

[...]
 Ouvindo o canto atrativo
 Daquele belo cativo,
 Eu relembrei pensativo
 O meu passado feliz.
 Senti da rosa a fragrância,
 Eu vi a certa distância
 Os dias da minha infância,
 E os meus sonhos juvenis.
 (ASSARÉ, 2003, p. 212).

Só sente saudade do seu lugar quem teve uma experiência íntima, nesse caso o sentimento topofílico do eu-lírico está guardado nas memórias felizes que teve em seu *habitat*, porque é lá que sente inteiro como defende Arvay (2016) a natureza não nos julga, diante dela podemos ser nós mesmos “vagos, tristes ou alegres, rápidos ou lentos, introvertidos ou extrovertidos” (p.65). Assim, podemos “desfrutar polimorficamente da natureza” (p.111), como os agricultores, independente das condições climáticas persistem na terra, pois dependem dela, por isso permanecem junto à terra numa relação quase de fusão entre um e outro.

Eles nutrem “uma atitude devota para com a terra” (p. Idem), posto que aquele chão é a sua casa, o seu lugar de pertencimento. Não é apenas um espaço que ele pode se locomover, mas é o seu lugar de pertença, “onde investe parte da sua vida emocional em seu lar e além do lar, em seu bairro” (p.114).

Esse sentimento *patriótico* reacende na obra patativiana através da “metáfora do amor pela terra natal” (p. 115), mas não patriotismo como orgulho coletivo de uma nação, mas “o patriotismo local”, o que “reside na experiência íntima do lugar” (p.116). O sujeito lírico se sujeita ao sentimento pueril, pois

[...] necessita vestir uma roupa velha que lhe permita esticar-se no feno ao lado do riacho e embeber-se em uma mistura de sensações físicas: o cheiro do feno e de estrume de cavalo; o calor do chão, seus contornos duros e suaves; o calor do sol temperado pela brisa; a cócega produzida por uma formiga subindo pela barriga da perna; o movimento das sombras das folhas brincando em seu rosto; o ruído da água sobre os seixos e matacões, o canto das cigarras e do tráfego distante. (TUAN, 2018, p. 111).

Dessa forma tão amorosamente, o sentimento biofílico e topofílico é

clarividente na poética popular patativiana, os laços demonstrados pelo sujeito lírico revelam a apreciação pelo meio natura, por meio de uma linguagem bucólica, a leveza da vida campestre, nos leva a refletir o quanto o meio natural: a fauna e a flora têm o poder de nos ensinar, tal qual como um professor como aborda Norton (2019). Para o poeta Patativa “a Serra de Santana foi muito mais um espaço afetivo, do domínio da memória. Ela cristalizou não apenas o paraíso, mas a concepção de terra partilhada” (CARVALHO, 2011, p. 24), um lugar ideal de comunidade solidária.

6. CONCLUSÃO

As discussões que ora finalizamos de expor permitem inferir algumas conclusões acerca da relação ser humano-natureza na poética patativiana, uma delas é o fato de sua poética estar embebida pelos encantos da natureza e, que não serve apenas como cenário representativo, mas supera os limites geográficos, atingindo as profundezas de nossas subjetividades. Em Patativa, a natureza não está distante ou separada do indivíduo, sua presença pode ser sentida e ouvida dentro de cada um de nós.

Nessa via, entendemos que a poética patativiana se constitui em um aparato ecológico para ressignificarmos nossa relação com a natureza. O poeta cordelista e cantador soube transpor sua arte a partir daquilo que vivenciou de forma simples e ao mesmo tempo tecendo crítica social ecológica. Patativa atento aos apelos de vozes sociais silenciadas, consegue colocar-se no lugar do outro e se transformar em uma voz social para seus irmãos sertanejos. Ele nunca escreveu o que não sabia, mas escreveu a partir de sua realidade sentida, vivida e observada. Como homem do campo, viveu as agruras do sertão assolado pelas intensas secas e por consequência vivenciou a miséria de seu povo e, mesmo assim, não se intimidou em ser um canal portentoso de denúncia social pela maneira com que soube admirar a beleza do sertão em sua poética pastoral da natureza.

A literatura de popular é um importante meio literário capaz de corroborar para sensibilizar o indivíduo sobre questões emergentes acerca do uso incontrollável dos bens naturais. Patativa temperou sua poética com os raios do sol ardente do sertão nordestino e transpôs para o leitor a sua subjetividade: o olhar afetivo por toda a criação: humana e não humana, evidenciando as agruras da seca, mas também revelou a alegria, a fartura, a bonança através de seu canto ecológico.

A mensagem patativiana transborda a crítica social atenta às ações políticas e posturas egocêntricas do ser humano preocupado em acumular bens de consumo. A poesia da Natureza em Patativa nos convida a uma ética ambiental não-individualista capaz de nos despertar para uma relação harmoniosa entre humanos e não-humanos, habitando a Terra prosaicamente e

poeticamente como aborda Morin; Kern (2011), poderemos nos aconchegar e desfrutar do nosso *oikos*. Entendemos que a concepção de natureza patativiana advém da sua cultura e, tal fato influencia a forma com que ele se relaciona com o meio natural e como tece seus versos poéticos.

Nessa tecitura, inferimos que a poética patativiana tem potencial de (re)humanizar, por isso constitui-se em uma ferramenta portentosa para a Educação Ambiental para ser aplicada no Ensino Fundamental e Médio não só para a Literatura, como também para o trabalho interdisciplinar de outras áreas como a Geografia, Ciências e História trabalharem seus conteúdos através da poética ecológica de Patativa do Assaré.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Nordeste: *Invenção do “falo” – Uma História do Gênero Masculino (1920-1940)*. São Paulo: Ed. Intermeios, 2013.
SPERANZA, Andrea.

ARAUJO, Ernane de Jesus Pacheco. SANTOS, Silvana Maria Pantoja. *As Representações do Sertão em Inspiração Nordestina de Patativa do Assaré*. 2020. Disponível: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547745794.pdf. Acesso em 17/03/2022.

ARVAY, Clements G. *El Efecto Biofilia*. Aribau, 142, Prad. – Barcelona, 2016.

ASSARÉ, Patativa. *Cante lá que eu canto cá – filosofia de trovador nordestino*. 8ª ed., Petrópolis: Vozes/Crato. Fundação Pe. Ibiapina, 1992.

_____. *Inspira não nordestina*. São Paulo: Hedra, 2006.

_____. *Ispinho e Fulô*. São Paulo: Hedra, 2005.

AYMORÉ, Débora. *O Ecofeminismo e a Relação entre Natureza e Mulher*. Vol. 17, Ano 17, Nº 1, 2020. Disponível: <file:///C:/Users/ASPIRE/Downloads/53-Texto%20do%20artigo-136-1-10-20200814.pdf>. Acesso em: 25/05/2021.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. de Antônio de Pádua Danesi. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BRANDÃO, Maria do Socorro de Oliveira. *A Morte de Nanã no Canto de Patativa*. 2009. Disponível: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451679004.pdf>. Acesso em 12/04/2022.

BRASIL, PCNs, 1998. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica> . Acesso em 15/03/2021

BRITO, Antonio Iraldo Alves de. *Uma Voz que Amplifica a Aldeia: As Imagens do Sertão na Obra de patativa do Assaré – do corpo as novas mídias*. 2018. Tese de Doutorado. Disponível: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21325/2/Antonio%20Iraldo%20Alves%20de%20Brito.pdf>. Acesso em 12/04/2022.

BULA, Germán. *Ecocrítica: Algunos apuntes metametodológicos*. Revista Logos N.º 17: 63-76 / Enero - junio 2010. Disponível: <https://www.researchgate.net/publication/260145326>. Acesso: 30/04/2021

CAMASCA, E. (2020). *Ecocrítica y poesía política en Cenizas en la aurora*. Tesis para optar el grado de Magíster en Escritura Creativa. Unidad de Posgrado, Facultad de Letras y Ciencias Humanas, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, Perú. Disponível: <https://cybertesis.unmsm.edu.pe/handle/20.500.12672/15317?show=full>.

Acesso em: 31/05/2021.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos 1750 – 1880*. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2007.

_____, Antonio. *O direito à literatura*. In: _____. *Vários Escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

_____, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 2000

CARVALHO, Anna Christina Farias de. *Cordel e meio ambiente na percepção dos poetas populares. Uma leitura sociológica*. Rile – Revista Interdisciplinar De Literatura e Ecocrítica. BRA, v. 1, n. 1, p. 99-115, Nov. Dez., 2018.

CARVALHO, Flávia Paula. *A Natureza na Literatura Brasileira: Regionalismo Pré-Modernista*. São Paulo: Editora Hucitec, 2005.

CARVALHO, Gilmar de. *Patativa do Assaré: Um poeta Cidadão*. 2ª ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

CARVALHO, Gilmar de. *Cem Patativa*. Fortaleza: Omni, 2009.

_____. *Patativa do Assaré: pássaro liberto*, 2002b.

CARVALHO, Gilmar de. *Patativa poeta pássaro do Assaré*. Fortaleza: omni, 2002a.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 6ª edição. São Paulo: Editora Cortez, 2017.

CARVALHO, Magda Costa. *Para a defesa de uma ética ambiental antropocentrada*. ethic@ - An international Journal for Moral Philosophy. v. 14 n. 1 (2015). Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/1677-2954.2015v14n1p147>. Acesso em: 24/08/2021

CIDREIRA-NETO, Ivo Raposo Gonçalves. RODRIGUES, Gilberto Gonçalves. *Relação Homem-Natureza e os Limites para o Desenvolvimento Sustentável*. Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais. Recife, V. 6, N. 2, 2017 (142-156). Disponível: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistamseu/article/view/231287> Acesso em 09/12/21.

COELHO, Pe. Mário Marcelo. *O que a Igreja Ensina sobre (aborto, eutanásia, clonagem, pena de morte, células-tronco, ecologia e terrorismo etc.)* 4ª Ed. – São Paulo: Ed. Canção Nova, 2008.

CORREIA, Fernanda Bezerra de Aragão. *Literatura e Meio Ambiente: Uma Abordagem Eco-poética em Manoel de Barros*. 2019. Disponível: <file:///C:/ARQUIVOS%20ACER%205745/Área%20de%20Trabalho/ARTIGOS%20DO%20PROJE>. Acesso em 14/03/2019.

COSTA, Maria Suely; PEREIRA, José Carlos Ribeiro. *Literatura e Meio Ambiente: A Visão Ecológica na Poesia Popular*. Conedu, 2014. Disponível: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2014/Modalidade_1data_hora_13_06_2014_20_00_50. Acesso em 13/02/2022.

COSTA, Roberta, Dall Agnese; CAMPO LOPES, Paulo Tadeu. *Educação Ambiental escolar Crítica: As Contribuições de Marcos Reigota*. 2013. Disponível: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=3860>. Acesso: 10/10/2020.

COTTER, Ana Valejos. *Biofilia: amor por todo lo vivo*. 2018. Disponível: <https://www.endemico.org/biofilia-amor-por-todo-lo-vivo/>. Acesso em: 08/1-/2021.

CRUZ, Eliane da Silva. "Literatura de cordel e a formação do leitor: proposta metodológica partindo do projeto didático". Anais VII ENLIJE. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/45371>>. Acesso em: 22/09/2020 18:56

CRUZ, Erivan R. *A Natureza e o Homem na Literatura Brasileira*. Curitiba: Appris, 2011.

CUCHE, Denys; PEREIRA, Miguel Serras; GANDRA, Fernando. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Lisboa: Fim de Século, 1999.

DANTAS, Fabiana Alves. *Celestino Alves: Um Poeta Sertanejo e o Dilema das Secas*. Revista História e Cultura, Vol. 9, Nº 1, 2020. Disponível: <http://ojs.franca.unesp.br>

DUFRENNE, Mikel. *Fenomenología de la experiencia estética*. Puv Pub. Universitat de València, 2017. Disponível: <https://play.google.com/books/reader?id=yb10DwAAQBAJ&hl=pt&pg=GBS.PT12>. Acesso em: 28/042021

FEITOSA, Carla Nathali Cavalcanti. SILVA, Josivaldo Custódio. *Aspectos Ecológicos no poema Eu e Minha Campina, de Patativa do Assaré: numa abordagem ecocrítica*. Disponível: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/8645#:~:text=Esse%20poema%20%C3%A9%20repleto%20de>. Acesso em: 15/03/2022.

FEITOSA, Luiz Tadeu. *Patativa do Assaré: A Trajetória de um Canto*. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

FÍGARES, Mar Campos Fernández; GARCÍA, Aitana Martos. *Lecturas, Ecología Y Educación Nuevas Perspectivas Para La Formación Del Profesorado*. In: Revista Interuniversitaria de formación del Profesorado. Número 90 (31.3). Zaragoza (España), Diciembre, 2017. Disponível: <http://web.archive.org/web/20180201193517/http://www.aufop.com/aufop/uploa>

[ded_files/revistas/15128170497.pdf](#).

Acesso:

05/05/2

FÍGARES, Mar Campo Fernandez; RIVERA, Gloria Garcia. *Aproximación a la ecocrítica y la ecoliteratura: literatura juvenil clásica e imaginarios del agua*. In: *Ocnos Revista de Estudios sobre lectura* (95-106 - 2017). Disponível: http://dehesa.unex.es/bitstream/10662/8864/1/ocnos_2017_16_2_1511.pdf. Acesso em: 31/05/2021

FILHO, Ozíris Borges. *Espaço & Literatura. Introdução à Topoanálise*. Franca, São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2020. Livro digital: <https://ler.amazon.com.br/?asin=B08MVB7657>

FISCHER, Marta Luciane et al. *Da Ética ambiental à bioética ambiental: antecedentes, trajetórias e perspectivas*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 24, n.2, abr.-jan.2017, p. 391-409. Disponível: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v24n2/0104-5970-hcsm-24-2-0391>. Acesso: 22/10/2020.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2006.

GLOTFELTY, Cheryll, y HAROLD Fromm. 1996. *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Athens and London: University of Georgia Press.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 14. Ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

GONZÁLEZ, Mauricio Ostria. *Globalización, ecología y literatura. Aproximación ecocrítica a textos literários latino-americanos*. KÍPUS – Revista Andina de Letras. Disponível: <https://revistas.uasb.edu.ec/index.php/kipus/issue/view/88>. Acesso em: 30/04/2021

GRANDÓN, Juan Gabriel Araya. *Hacia una mirada ecocrítica de la Literatura Hispanoamericana*. Vol. 9 Núm. 1 (2017). Disponível: <https://revistas.cientifica.edu.pe/index.php/desdeelsur/article/view/298>. Acesso em: 13/05/2021.

GRINDE, Bjorn; PATIL, Grete Grindal. *Biophilia: O contato visual com a natureza afeta a saúde e o bem-estar?* Int. J. Environ. Res. Public Health 2009, 6 , 2332-2343. <https://doi.org/10.3390/ijerph6092332>. Acesso em: 22/04/2021

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1990.

GUERRA, Caroline Dambrozio ; DE MARTINI, Marcus. *A leitura de poesia e sua escolarização: os livros didáticos e a formação de leitores*. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 45, n. 82, jan. 2020.

GUIMARÃES, Mauro. *A Dimensão Ambiental na Educação*. São Paulo: Papyrus, 2015.

HARGROVE, E. C. *Weak anthropocentric intrinsic value*, *Tehe Monist*, 75 (1992): pp 183-207.

HAURÉLIO, Marco. *Breve história da literatura de cordel*. São Paulo: Editora Caridade, 2016.

HEISE, Ursula K. *Ecocrítica Literária*. Texto disponível: <http://pimentanegra.blogspot.com/2005/05/ecocrtica-literria.html>. Acesso em: 30/04/2021.

HENRÍQUEZ, José Manuel Marrero. “*Pertinencia De La Ecocrítica*.” *Revista De Crítica Literaria Latinoamericana*, vol. 40, no. 79, 2014, pp. 57–77. JSTOR, Disponível: www.jstor.org/stable/43854809. Acesso em: 11 de maio de 2021.

HERNÁNDEZ BETANCUR, Juan Pablo. *Valor intrínseco e valor extrínseco na ética ambiental. Uma alternativa antropocêntrica ao instrumentalismo*. *Isegoria*, [S. l.], n. 61, pág. 641–654, 2019. DOI: 10.3989 / isegoria. Disponível em: <https://isegoria.revistas.csic.es/index.php/isegoria/article/view/1081>. Acesso em: 24 de agosto. 2021.

JONAS, Hans. *O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Tradução do original alemão Marijane Lisboa, Luiz Barroz Montez. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LEAL, Alesi, DURANTE, Daniel. *O Princípio responsabilidade em Hans Jonas como Proposta de Ética para uma sociedade Sustentável*. Vol. 58, p. 82-104, 2021. Disponível: <https://docplayer.com.br/214960013-O-principio-responsabilidade-em-hans-jonas-como-proposta-de-etica-para-uma-sociedade-sustentavel.html>. Acesso em 18/03/2022.

LEFF, Henrique. *Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Tradução de Lúcia Mathilde E. Orth. 11. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LEONARDELI, Poliana Bernabé. *Patativa do Assaré e a identidade sertaneja: oralidade, memória e religiosidade*. 2009. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009. Disponível: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/6441>. Acesso em 03/07/2021.

LOVATTO, Patrícia Braga et al. *Ecologia profunda: o despertar para uma educação ambiental complexa*. *Redes* (St. Cruz Sul, Online), Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 3, p. 122-137, nov. 2011. ISSN 1982-6745. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/1347/1810>>. Acesso em: 20 out. 2020.

LOPES, Eduarda Maria Moreira. *O ABC de Patativa do Assaré ensinando Memória e Tradição no Nordeste Flagelado*. Disponível: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/39627>. Acesso em 08/02/2022.

MANTOVANI, Waldir. *Relação homem natureza: raízes do conflito*. <https://periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/download/3337/2738/5414>. Acesso em 15/03/2022

LOPES, Alfredo Ricardo Silva; RODRIGUES, Rauer Ribeiro. *Industrialização e Crise Ambiental: a representação do desastre nuclear em Vozes de Tchernóbil, de Svetlana Aleksiévitich*. Disponível: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/download/2175180311262019044/9985/51325>. Acesso em: 15/03/2022.

MARIN, Andréia Aparecida, & KASPER, Kátia Maria. (2009). *A natureza e o lugar habitado como âmbitos da experiência estética: novos entendimentos da relação ser humano - ambiente*. *Educação em Revista*, 25(2), 267-282. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982009000200012>. Acesso: 22/04/2021

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. *O Cordel no Cotidiano Escolar*. São Paulo; Cortez, 2012.

MARTOS, Núñez, E., & MARTOS, García. *Literatura, folclore y medio ambiente: el caso de las lavandera*. v. 19, n. 39 (2017). Disponível: [/www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/2716/2040](http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/2716/2040). Acesso em: 10/05/2021

MATOS, Silvia Maria Santos; SANTOS, Antônio Carlos dos. *Modernidade e Crise Ambiental: das Incertezas dos Riscos à Responsabilidade Ética*. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 41, n. 2, p. 197-216, junho 2018. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732018000200197&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2021.

MELO, Adriana Ferreira de. *Sertões do Mundo: Uma Epistemologia*. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de Minas Gerais. Disponível: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MPBB-JKS3/1/volume_1_sert_es_do_mundo.pdf. Acesso em 15/03/2022

MENDES, Maria do Carmo. *No Princípio era a Natureza: percursos da ecocrítica. Antropocênica*. *Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica*. [S. l.], v. 1, 2020. DOI: 10.21814/anthropocena.3100. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/anthropocena/article/view/3100>. Acesso em: 8 out. 2021.

MORAES, Isabella Ligia. *A Literatura e seu poder de resgate da totalidade humana*. Disponível: www.utif.br. Acesso em: 12/04/2022.

MEYER, Mônica Angela de Azevedo. *Ser-tão Natureza: A natureza de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2008

MORIN, Edgar. 1996. "El pensamiento ecologizado", *Gazeta de Antropología*, 12: 12-16. Disponível: https://www.ugr.es/~pwlac/G12_01Edgar_Morin.html. Acesso em 13/05/2021

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. Tradução de Paulo Neves da Silva. *Terra-Pátria* – 6 ed. – Porto Alegre: Sulina, 2011.

MOURA, Hernany Donato. *O Sertão de Patativa do Assaré. A Infância e a oralidade na Poesia Inspirada na Formação e Cultura do sertanejo*. 1956-1978. Revista HISTEDBR On-line. Disponível: [file:///C:/Users/ROSANI/Downloads/8641181-Texto%20do%20artigo-12104-1-10-20151020%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/ROSANI/Downloads/8641181-Texto%20do%20artigo-12104-1-10-20151020%20(1).pdf). Acesso em: 01/07/21

MUNIZ, Marcelo Feitosa. *Subjetividade e Alteridade nas Teias Literárias de Patativa do Assaré: Traços de um Ethos e uma Ética de Responsabilidade*. Disponível: <https://ojs.catolicadefortaleza.edu.br/index.php/logosculturas/article/download/69/62>. Acesso em 17/03/2022.

NASCIMENTO, Eduardo De Jesus Avelino do. *Literatura de cordel: discussão e reflexão social no texto literário*. Anais VII ENLIJE... Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/45373>>. Acesso em: 22/09/2020 16:04

NEVES, Erivaldo Fagundes. *Sertão como Recorte Espacial e como Imaginário Cultural*. Disponível: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3940#:~:text=Define%2Dse%20sert%C3%A3o%20como%20interior,manifestada%20em%20diversas%20formas%20de> Acesso em: 17/03/2022.

NASCIMENTO, Paula Santos. *Descortinamento de um Novo Ethos na Poética de Patativa do Assaré: Uma abordagem ecocrítica*. 2012. Disponível: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/2512>. Acesso em 11/05/2021.

NOGUEIRA, Carlos. *Natureza e Ambiente na Literatura de Cordel Brasileira*. Vol. 34, 2016. Pp. 128-146. Disponível: <https://catedrasaramago.webs.uvigo.gal/Uploads/archivos/natureza-e-ambiente-na-literatura-de-cordel-brasileira-244b21.pdf>. Acesso em 08/06/2021.

NOGUEIRA, Carlos. *O ciclo «natureza e ecologia» na literatura de cordel brasileira*. Openedition Journals. Volume 98. p. 185-201, 2012. Disponível: <https://journals.openedition.org/caravelle/1241>. Acesso: 01/07/21.

NOGUEIRA, Renata Carvalho. *A poética popular e social de Patativa do Assaré*. Disponível: <https://www.google.com/search?q=A+PO%C3%89TICA+POPULAR+E+SOCIAL+DE+PATATIVA+DO+ASSAR%C3%89&oq=a&aq>. Acesso em: 21/02/2022.

NORTON, B. G.; BRAVO-OSORIO, F. *Ética ambiental y Antropocentrismo débil*. Humanitas Hodie, v. 2, n. 2, p. h224, 17 nov. 2020. Disponível: <https://revistas.uniagustiniana.edu.co/index.php/humanitashodie/article/view/97>. Acesso em: 24/08/2021

PASSOS, Taciana Silveira; OLIVEIRA, Cristiane Costa da Cunha. *Relação Homem-Natureza e seus Impactos no Ambiente, Saúde e Sociedade: Uma Problemática Interdisciplinar*. Disponível: <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/2229>. Acesso em 15/03/2022.

PILATI, Alexandre. *Poesia na sala de aula: subsídios para pensar o lugar e a função da literatura em ambientes de ensino*. Campinas, SP. Pontes Editores, 2018.

PINTO, Francisco Neto Pereira. MAGALHÃES, Ilda Gomes Dutra. *Contribuição da Ecocrítica ao Ensino de Literatura*. Disponível: <http://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/808>. Acesso em 16/03/2022.

PLATÃO. *O Banquete*. Poeta Alegre: L&M. 2013.

POTIER, Robson William. *O sertão virou verso, o verso virou sertão: sertão e sertanejos representados e ressignificados pela Literatura de Cordel*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012. Disponível: <https://repositorio.ufrn.br> Acesso em 12/04/2022.

QUEIROZ Christina. *Memórias da Seca*. Edição 287, jan. 2020. Disponível: <https://revistapesquisa.fapesp.br/memorias-da-seca/>. Acesso: 03/07/2021

REBOUÇAS, Myrlla Muniz. *Patativa do Assaré: Poesia, Canção e Consciência*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2017. Disponível: <https://core.ac.uk/download/pdf/154231518.pdf>. Acesso em: 17/03/2022.

RIBEIRO, Ormezinda Maria & OLÍMPIO, Rosa Maria. *Tecer textos: fios e desafios*. Coleção: Linguagem & Sociedade Vol. 12. Campinas, SP. Pontes Editores. 2015.

RODRIGUES, Linduarte Pereira; SILVA, Rodrigues Nunes. *A leitura no contexto sociocultural do cordel*. In: *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, São Paulo, v.37, n.77, p. 145-159, 2019. Disponível: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/812/585>. Acesso em 21/09/2020.

RODRIGUES, L. P. *Folhetos de cordel no ensino de língua materna: aspectos culturais e formação docente*. Revista do GELNE, v. 18, n. 2, p. 140-167, 25 jan. 2017. <https://core.ac.uk/download/pdf/154231518.pdf> Assaré e as paisagens da região do Cariri (Ceará). V. 1, n. 1 set/2007 p.50-73. Ateliê Geográfico. Disponível: <https://www.researchgate.net/publication/>. Acesso: 03/07/2021

SANAHUJA, Juan Claudio. *Poder Global e Religião Universal*. 1ª Ed. CEDET: Campinas – SP, 2012.

SANTOS. Jackson Souza; LIMA, Tiago Caminha de. *O Elo entre a Pessoa e o Lugar: A Afetividade, o Sentimento de Pertencimento e a Memória dos Moradores do Povoado Baixão do Pará, Município de Gonçalves Dias – MA*. V.2 n. 1 p. 274-291, 2020. Disponível:

evistas.ufpi.br/index.php/geografia/article/viewFile/10551/7682 Acesso em 12/04/2022

SCOVILLE, André. *Literatura das Secas: ficção e história*. 2011. Disponível: Acesso em 12/04/2022.

SEEMANN, Jorn. *Geografia, geofiticidade e a poética do espaço: Patativa do Assaré e as paisagens do Cariri (Ceará)*. V. 1, n. 1, 2007. Disponível: revistas.ufg.br. Acesso em 12/04/2022.

SILVA, Daniele de Lima. SANTOS, Goiamérico Felício Carneiro. *O Canto Contra a Opressão: Patativa do Assaré e a Poesia do Sertão Brasileiro*. Disponível: <https://revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/2603485/51325>. Acesso em: 17/03/2022

SILVA, Lucicláudia Alves. *A Natureza em Poemas de Patativa do Assaré: Voos e Leituras e Pousos na Recepção em Sala de Aula*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Campina Grande, 2021. Disponível: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/18533>. Acesso em 29/03/2022.

SILVA, Lucicláudia Alves. WANDERLEY, Naelza Araújo. *A Representação da Natureza em Poemas de Patativa do Assaré*. Revista Leia Escola, Campina Grande, v. 19, n. 3, 2019. Disponível: <http://revistas.ufcg.edu.br>. Acesso em 12/04/22.

SPERANZA, Andrea. *Ecologia Profunda Y Autorrealización: Introducción a La Filosofía Ecológica de Arne Naess*. 1ª Ed. Buenos Aires: Biblos, 2006.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TORTONDA, Alejandro del Pino. *El estudio y la didáctica de la literatura desde una perspectiva ecocrítica y sus nexos con la educación ambiental, patrimonial y de género*. Tesis Doctoral, Universidad de Extremadura 2018. Disponível: <http://dehesa.unex.es/handle/10662/8453>. Acesso em: 13/05/2021.

UNIQUE, Juan García. *Ecorítica, ambientalismo e educação literária: uma relação problemática*. Revista Interuniversitária de Formação de Professores, vol. 31, nº 3, pp. 79-90, 2017. Disponível: https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=es&user=N0AxlfIAAAAJ&citation_for_view=N0AxlfIAAAAJ:WF5omc3nYNoC. Acesso em: 04/11/2021

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

ZANATTA, Amanda Amorin; SANTOS-JUNIOR, Robiran José; PERINI, Carla Corradi; FISCHE, Marta Luciane. *Biofilia: produção de vida ativa em cuidados paliativos*. Disponível: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2019.v43n122/949-965/pt>. Acesso em: 09/12/2021.

ZILBERMAN, Regina. *Recepção e Leitura no Horizonte da Literatura*. ALEA. Vol. 10, num. 1, 2008. Disponível: https://www.researchgate.net/publication/250022054_Recepcao_e_leitura_no_horizonte_da_literatura. Acesso em 07/02/2022.